

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ana Carolina Santos Miranda

**JUVENTUDES E PRÁTICAS DE CUIDADOS SÓCIO COMUNITÁRIOS EM SAÚDE
MENTAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Juiz de Fora
2025

Ana Carolina Santos Miranda

**JUVENTUDES E PRÁTICAS DE CUIDADOS SÓCIO COMUNITÁRIOS EM SAÚDE
MENTAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Santana de Paiva.

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos Miranda, Ana Carolina.

JUVENTUDES E PRÁTICAS DE CUIDADOS SÓCIO
COMUNITÁRIOS EM SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO DA
PANDEMIA DA COVID-19 / Ana Carolina Santos Miranda. -- 2025.
106 p.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Santana de Paiva
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz
de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, 2025.

1. juventudes. 2. saúde mental. 3. pandemia. I. Santana de
Paiva, Prof. Dr. Fernando, orient. II. Título.

JUVENTUDES E PRÁTICAS DE CUIDADOS SÓCIO COMUNITÁRIOS EM SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Ana Carolina Santos Miranda

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em ____ de ____ de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fernando Santana de Paiva
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª. Dra. Sabrina Pereira Paiva
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª. Dra. Luciana Ferreira Barcellos
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar sempre presente em minha vida, iluminando e guiando meus caminhos. Agradeço a oportunidade de estar terminando meu Mestrado, por todos os aprendizados e crescimento desse período.

Agradeço aos meus pais, Victor e Geany, sempre estarem ao meu lado, por acreditarem em mim e por sempre me incentivarem. À minha irmã, Ana Lídia, por ser a melhor amiga e companheira, em todos os momentos – muito em especial, nesse momento em que eu estava realizando minha pesquisa e me apoiou todos os dias, mesmo enfrentando, com muita força e resiliência, um tratamento de câncer. E ao seu namorado, Lucas, que foi muito amigo, parceiro e paciente nesse período.

Agradeço às minhas tias, Conceição e Luzia, por todo acolhimento e cuidado. E à minha avó, Gilda (*in memoriam*), pelo carinho e cuidado, em grande parte da minha pesquisa.

Agradeço meu namorado, Luca, por todo amor, paciência e incentivo nesse período, sendo um suporte essencial para mim.

Agradeço às minhas amigas, por todas as trocas, tornando esse período mais leve e agradável. Em especial, agradeço à Marina, me ouviu, acolheu e ajudou em todas as etapas da pesquisa.

Agradeço meu Orientador, Fernando Santana de Paiva, por todos conhecimentos e por toda orientação, atenção e paciência durante o Curso do Mestrado e da escrita da Dissertação.

RESUMO

A pandemia da Covid-19 surgiu intensificando um contexto de crises econômicas, sociais e humanitárias. No Brasil, esse contexto de crises ampliou as múltiplas desigualdades da sociedade e evidenciou a precarização do Sistema Único de Saúde (SUS) e das políticas públicas de saúde e sociais para a população, mais especificamente para os jovens em situação de desigualdades sociais. Tendo isso em vista, este trabalho objetiva promover um espaço de reflexões com jovens em condições de desigualdades sobre as experiências vivenciadas durante a pandemia da Covid-19, buscando compreender as práticas de cuidado em saúde mental elaboradas por eles durante a crise sanitária. Trata-se de uma pesquisa participante, realizada com jovens, com idade entre 16 e 18 anos, que frequentaram os serviços da Unidade Básica de Saúde (UBS) e cursaram o Ensino Médio de uma Escola Estadual, próxima ao posto de saúde, do bairro de Linhares, do município de Juiz de Fora – MG. A produção de dados foi realizada por meio de observação participante, diário de campo e rodas de conversas. A análise desses dados foi realizada através da análise de conteúdo do tipo temática, desdobrando-se em cinco categorias: 1) emoções e saúde mental em tempos de pandemia; 2) distanciamento social e repercussões nas relações familiares e de amizades; 3) escola e volta às aulas; 4) tecnologias e redes sociais; e 5) relações em redes e cuidado em saúde mental na pandemia. Este estudo permitiu analisar a importância de considerar as emoções e relações de amizade no cuidado em saúde mental, assim como, sinalizar a necessidade de serviços e políticas públicas voltadas para as juventudes que sejam contextualizadas, coletivas e participativas.

Palavras-chave: juventudes; saúde mental; pandemia

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic emerged intensifying a context of economic, social, and humanitarian crises. In Brazil, this crisis context amplified the multiple inequalities within society and highlighted the precariousness of the Sistema Único de Saúde (SUS) and the public health and social policies for the population—more specifically, for young people living in situations of social inequality. Considering that, the present study aims to promote a reflection with young people experiencing inequality, focusing on their experiences during the Covid-19 pandemic to understand the mental health care practices they developed during the health crisis. This is a participatory research study conducted with young people aged 16 to 18 who accessed services at a Unidade Básica de Saúde (UBS) and attended high school at a nearby State School in the Linhares neighborhood of Juiz de Fora, Minas Gerais (MG). Data were collected through participant observation, field notes, and discussion groups. The analysis of the data was carried out using thematic content analysis, unfolding into five categories: emotions and mental health in times of pandemic; social distancing and its impacts on family and friendship relationships; school and the return to the classes; technology and social media; and networked relationships and mental health care during the pandemic. This study made it possible to analyze the importance of considering emotions and friendships in mental health care, as well as to highlight the need for services and public policies aimed at youth that are contextualized, collective, and participatory.

Keywords: adolescent; mental health; pandemic

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Pátio da Escola Estadual Dilermando Costa Cruz.....	29
Quadro 1	Participantes das rodas de conversa.....	36
Quadro 2	Análise temática.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRASCO	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ACS	Agentes Comunitários de Saúde
Apud	Citado por
CERESP	Centro de Remanejamento do Sistema Prisional
Covid-19	Corona Vírus Disease 2019
DPI	Direitos de propriedade intelectual
EaD	Educação à Distância
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMTI	Ensino Médio de Tempo Integral
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ERE	Ensino Remoto
EUA	Estados Unidos da América
FAO	Food and Agriculture Organization of the United Nations
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT	Gays, lésbicas, bissexuais e trans
NEM	Novo Ensino Médio
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PETs	Planos de Estudos Tutorados
PISM	Programa de Ingresso Seletivo Misto
PJF	Prefeitura de Juiz de Fora
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
REANP	Regime Especial de Atividades Não Presenciais
SEE/MG	Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais
SUS	Sistema Único de Saúde
TEPT	Transtorno de estresse pós-traumático
TICs	Tecnologias da informação e comunicação
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	10
2	NOTAS SOBRE A PANDEMIA E A SAÚDE MENTAL DURANTE A COVID-19.....	13
3	JUVENTUDES E CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL.....	21
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	28
4.1	OBJETIVOS.....	28
4.2	ABORDAGEM E LÓCUS DA PESQUISA.....	28
4.3	ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DOS DADOS.....	30
4.4	CONTEXTO E SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO.....	32
4.4.1	O convite para as rodas de conversas.....	35
4.4.2	Como foram realizadas as observações e as rodas de conversas.....	38
4.5	ASPECTOS ÉTICOS.....	41
5	ANÁLISE DE DADOS.....	43
6	O QUE DISSEM OS JOVENS?.....	45
6.1	EMOÇÕES E SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	45
6.2	DISTANCIAMENTO SOCIAL E RELAÇÕES FAMILIARES DURANTE A PANDEMIA.....	51
6.3	ESCOLA E VOLTA ÀS AULAS.....	59
6.4	TECNOLOGIAS E REDES SOCIAIS.....	65
6.5	RELAÇÕES EM REDES E CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA: LIÇÕES PANDÊMICAS.....	72
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
	REFERÊNCIAS.....	84

1 APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa visa promover um espaço de reflexões com jovens em condições de desigualdades sobre a experiência vivenciada durante a pandemia da Covid-19, buscando compreender as práticas de cuidado em saúde mental produzidas por eles durante tal período. A pandemia do novo Coronavírus evidenciou uma crise social e de organização dos sistemas de saúde em diversos países do mundo, demonstrando a necessidade de rever os cuidados dos serviços de saúde e de entender as práticas de cuidado em saúde física e mental da população para o enfrentamento desse contexto de emergência.

A delimitação dessa temática que norteia a pesquisa é resultado do meu percurso acadêmico e do cenário vivenciado durante e após a pandemia da Covid-19. Desde o ingresso no curso de Psicologia, me aproximei dos estudos e das práticas da Psicologia Social, desenvolvendo um interesse pelos atravessamentos históricos, sociais, culturais e políticos na constituição de nossa subjetividade, identidade e ações do cotidiano dos sujeitos. Ingressar no mestrado de Psicologia, na linha de pesquisa Processos Psicossociais em Saúde, foi uma oportunidade de aprofundar meus estudos na Psicologia Social.

Como ingressei no mestrado após o período mais crítico da pandemia da Covid-19, muitas pesquisas acerca desse período estavam sendo realizadas, inclusive direcionadas pelo meu orientador, Professor Doutor Fernando Santana de Paiva. Entretanto, diferente das pesquisas centradas nos desafios e nas consequências da pandemia, o projeto em andamento de meu orientador, intitulado “Pandemia da Covid-19 e a produção de cuidados sócio comunitários em saúde mental no âmbito da Atenção Primária à Saúde”, busca compreender e problematizar as práticas de cuidado em saúde mental elaboradas nesse cenário.

Assim, buscando contribuir para o projeto, a delimitação da temática ocorreu a partir das discussões do grupo de pesquisa e em colaboração com meu orientador. Entendemos que havia uma lacuna nos estudos acerca das práticas de cuidado em saúde mental elaboradas, em especial, pelas juventudes nesse período. A temática desta pesquisa foi, então, delimitada a partir destes temas principais: juventudes, pandemia e práticas de cuidado em saúde mental.

Tendo isso em vista, o objetivo do trabalho foi promover um espaço de reflexões com jovens em condições de desigualdades sociais sobre a experiência vivenciada durante a pandemia da Covid-19, buscando compreender as práticas de cuidado em saúde mental elaboradas por eles durante a crise sanitária. De maneira mais específica, busca-se compreender os sentidos atribuídos pelos jovens à saúde mental no contexto da pandemia; entender os efeitos nas redes de relações familiares e de amigos dos jovens, as relações mediadas pelas

tecnologias e suas relações com a escola e o estudo; e verificar as práticas de cuidado em saúde mental elaboradas pelos jovens durante a pandemia da Covid-19.

A pesquisa, com abordagem participante, foi realizada com jovens de 16 a 18 anos, que cursavam o Ensino Médio em uma Escola Estadual, localizada no bairro Linhares, em Juiz de Fora (MG), e que foram infectados pela Covid-19 ou tiveram familiares acometidos pela doença. Os dados foram produzidos por meio de técnicas como a observação participante, o registro em diários de campo e a realização de rodas de conversa. O lócus da pesquisa, a Escola Estadual, possui Ensino Integral, atendendo a estudantes do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Este espaço escolar foi fundamental para a coleta de dados e para a interação com os sujeitos da pesquisa, que colaboraram para uma compreensão aprofundada das práticas de cuidado em saúde mental no período pandêmico.

Além dessa apresentação, esta dissertação está organizada em seis capítulos, cada um desempenhando um papel específico na construção do arcabouço teórico, metodológico e analítico da pesquisa. O segundo capítulo contextualiza a pandemia da Covid-19, discutindo seu cenário global e local, bem como suas implicações sociais, econômicas e na organização dos sistemas de saúde. É enfatizado o aumento das desigualdades no acesso aos serviços de saúde e saúde mental, principalmente, seu impacto nas juventudes. No terceiro capítulo, explora-se a relação entre juventudes, saúde mental e práticas de cuidado em saúde mental no contexto pandêmico, analisando como esse grupo experienciou e respondeu aos desafios impostos pelo período.

O quarto capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa, detalhando seu desenho e as estratégias adotadas para a produção e para a análise dos dados. Em seguida, no quinto capítulo, é realizada uma explicação de como a análise dos dados é realizada. No sexto capítulo são apresentados e discutidos os principais achados da pesquisa, organizados em cinco eixos. O primeiro eixo, intitulado “Emoções e saúde mental em tempos de pandemia”, reflete sobre as emoções e os impactos psicossociais vivenciados no período. O segundo, “Distanciamento social e relações familiares durante a pandemia”, aborda o distanciamento social, as mudanças nas interações sociais familiares e seus efeitos na saúde mental dos jovens. No terceiro eixo, “Escola e volta às aulas”, discute-se a questão da educação e do estudo na pandemia, com ênfase nos desafios enfrentados com a volta às aulas presenciais. O quarto eixo, “Tecnologias e redes sociais”, explora o papel das tecnologias e redes sociais como suporte e espaço de cuidado durante a pandemia. Por fim, o quinto eixo, “Relações em redes e cuidado em saúde mental na pandemia da covid-19: lições pandêmicas”, investiga as práticas de cuidado em saúde mental desenvolvidas pelos jovens, identificando a importância de considerar as

emoções e das relações de amizade no cuidado em saúde mental para enfrentar os desafios do período.

Por fim, no sétimo capítulo são apresentadas as considerações finais, nas quais se sintetizam os principais achados da pesquisa e se refletem sobre suas implicações para políticas públicas e práticas de cuidado em saúde mental voltadas para o público jovem. Além disso, são apontadas as limitações do estudo e sugestões para futuras investigações, contribuindo para a ampliação do debate sobre o tema.

2 NOTAS SOBRE A PANDEMIA E A SAÚDE MENTAL DURANTE A COVID-19

Em dezembro de 2019, começaram a ser relatados casos de pneumonia com etiologia desconhecida em Wuhan, na província de Hubei, na China. A causa dessa pneumonia foi denominada de novo Coronavírus (SARS-CoV-2), também conhecido como Covid-19 (Chen *et al.*, 2020; Huang *et al.*, 2020). A alta transmissibilidade do vírus levou a Covid-19 a ultrapassar os limites de Wuhan e a se disseminar em nível mundial em pouco tempo fazendo com que, no dia 11 de março de 2020, quatro meses após os primeiros relatos da doença, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarasse a infecção por Coronavírus como uma pandemia, ou seja, como uma doença que afeta pessoas em muitos países e continentes (WHO, 2020). No Brasil, houve uma alta letalidade dos casos de Covid-19, chegando a quase 700 mil mortes entre 2020 e 2022 durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro e a 710 mil óbitos em 2024 (Moteryn, 2023; Brasil, 2024).

Além de uma ameaça à saúde individual, a Covid-19 tornou-se em um desafio para a saúde pública de todo o mundo, fazendo com que a OMS e os governos de todos os países comessem a emitir e a reforçar a necessidade de medidas para a conter a transmissão do vírus, através da implementação de quarentena para casos confirmados ou suspeitos, do distanciamento social, do uso de máscaras, do uso de álcool em gel e dos cuidados com a higienização das mãos (Brasil, 2020).

Durante esse período, como tentativa de frear a disseminação do vírus, alguns países fecharam suas fronteiras, impedindo a entrada de visitantes e turistas, assim como a saída de sua população. As cidades se recolheram e os comércios, escolas, faculdades e igrejas tiveram seus serviços e atividades suspensos. Ao redor do mundo, com suas diferentes características populacionais, econômicas e políticas, os governantes adotaram estratégias diversas em relação à propagação e contenção dos casos, apresentando desfechos mais ou menos críticos em certos locais (Bagatini, 2021).

O desconhecimento do vírus, aliado a determinações irresponsáveis de alguns governos, aumentou a disseminação dos casos e acarretou na sobrecarga dos serviços de saúde e no número de óbitos (Bagatini, 2021). Tal desconhecimento contribuiu para que muitas desinformações e versões distorcidas de conceitos e fatos científicos (como a necessidade do distanciamento social, a vacinação e o uso de medicamentos de ineficácia comprovada contra a Covid-19) fossem disseminados pelas mídias e redes sociais, com alinhamentos de agendas políticas e comerciais (Vasconcellos-Silva; Castiel, 2020). No Brasil, em especial, disputas de narrativas e políticas afetaram o enfrentamento do Coronavírus (Bueno; Souto; Matta, 2021).

Além dessas disputas de narrativas, a pandemia do novo Coronavírus evidenciou e aprofundou uma crise socioeconômica e de organização dos sistemas de saúde no país, ampliando as desigualdades socioeconômicas da sociedade e evidenciando a precarização do Sistema Único de Saúde (SUS) e das políticas públicas de saúde e sociais para a população, especialmente nos setores mais pobres do nosso país (Duarte; Souza; Rodrigues, 2017). Essa situação emergencial ainda foi agravada pelas contrarreformas dos governos dos ex-presidentes Michel Temer e Jair Bolsonaro, que caminharam para a produção de políticas públicas de caráter neoliberal, com a aprovação das Reformas Trabalhista e da Aposentadoria, e em dezembro de 2016, a PEC 55 – o “Teto de Gastos”, que congelou os gastos do governo por 20 anos, reduzindo os investimentos em políticas de áreas prioritárias, como a saúde e a educação.

No que diz respeito à Política Nacional de Saúde Mental destes governos, foram propostas políticas públicas conservadoras e que colocaram em risco os direitos conquistados desde a implementação do SUS (Brasil, 1990a) e da Reforma Psiquiátrica (Amarante, 1998; 2019; Peres, 2019). Algumas delas, previam favorecer a iniciativa privada, ferindo a criação de uma rede de serviços territoriais de atenção psicossocial, com impactos para as políticas públicas de saúde mental que já vinham “andando em marcha ré ou ainda na contramão dos princípios que há 18 anos orientaram a Lei nº 10.216/2001 que instituiu a Reforma Psiquiátrica” (Peres, 2019, p. 23).

Tendo como fundo esse cenário, com a pandemia, o governo Bolsonaro trocou os representantes do Ministério da Saúde por quatro vezes, resultando em uma ausência de colaboração para a divulgação de informações e dados confiáveis sobre a propagação do vírus, dos óbitos e da vacinação (Motta, 2021; Oliveira, 2024). Assim, a Covid-19 ressaltou a necessidade de rever os cuidados prestados pelos serviços de saúde e de entender as práticas de cuidado em saúde e saúde mental da população, em especial da juventude, para o enfrentamento desse contexto de emergência.

A pandemia da Covid-19 ainda evidenciou as desigualdades regionais nos óbitos e no acesso à saúde e à vacinação. De acordo com uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), os dados de óbitos correlacionados aos índices socioeconômicos dos locais de residência das pessoas falecidas revelam que os indígenas, os quilombolas, os negros, os mais pobres, os residentes nos pequenos municípios e nas periferias das grandes cidades foram os setores da população que mais sofreram as consequências da pandemia. A taxa de óbitos dessas camadas da população reflete “que a maioria das mortes por Covid-19 tem idade, endereço, cor de pele e situação financeira bem definidos” (Abrasco, 2022, p. 87). E sobre o acesso à vacinação, de acordo com os dados da Oxfam (2022), em julho de

2022, 80,1% da população estava totalmente vacinada, sendo o quarto país do mundo com o maior número de doses aplicadas, seguindo a China, a Índia e os Estados Unidos. Contudo, as taxas de vacinação das regiões do país não foram iguais, sendo o estado mais rico do país, São Paulo, o único a atingir a meta de 90% de cobertura vacinal estabelecida pelo Ministério da Saúde.

Além das políticas de saúde adotadas (ou negligenciadas) na pandemia, a política econômica neoliberal adotada também contribuiu para o agravamento desse contexto pandêmico. A Reforma Trabalhista de 2017, Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017, trouxe mudanças significativas na CLT, incluindo a precarização dos contratos de trabalho, a redução de garantias como férias e alterações que dificultaram a organização sindical e a negociação coletiva dos trabalhadores (DIEESE, 2019). Essa agenda neoliberal agravou a situação durante a pandemia de Covid-19, em que haviam 13,7 milhões de indivíduos desempregados no terceiro semestre de 2020 e milhões de trabalhadores perderam parte significativa de sua renda, com quedas mais acentuadas entre trabalhadores informais e autônomos, cujos rendimentos efetivos chegaram a menos de 50% dos habituais (Carvalho, 2020).

Os argumentos neoliberais, como “A economia não pode parar!” ou “O distanciamento social atrapalha o mercado!”, direcionaram as escolhas de diferentes governos, esvaziando o compromisso do Estado com a democracia, a população e a cidadania (Simionatto, 2023). Com tais políticas neoliberais, o desemprego, a informalidade, a precarização, a queda de renda e o aumento da pobreza foram acentuados (Sorrentino, 2021; Simionatto, 2023). Os dados do relatório de 2023 feito pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) durante os primeiros anos da pandemia apontavam para um número de 70,1 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar, ou seja, de pessoas que não sabem se vão comer no dia seguinte; 21 milhões de pessoas que não tinham o que comer todos os dias e 10 milhões de pessoas desnutridas no país (Cravo; Gularte, 2023; FAO, 2023). Já os dados de 2023 do Observatório Brasileiro das Desigualdades apontavam que mais de 7,5 milhões de pessoas tem sua renda domiciliar per capita inferior a R\$ 150,00 por mês (Lacerda, 2023). Após a pressão de setores progressistas do parlamento e da população, o valor do Auxílio Emergencial de R\$ 600,00 foi aprovado, constituindo um importante enfrentamento à crise humanitária e econômica que estava sendo vivenciada nesse período. Assim, como explicita Berardi (2021, s./p.), “a pandemia de Covid-19 acentuou as políticas neoliberais, comentando como o capitalismo neoliberal não reconhece a lei jurídica ou ética e impõe como prioridade o lucro econômico”, como ficou evidente nas ações adotadas pelo governo e pelo mercado.

Sparke e Williams (2022), por sua vez, acreditam que a Covid-19 pode ser considerada como uma “doença neoliberal” (Sparke; Williams, 2022, p. 16), ressaltando como o neoliberalismo, as desigualdades econômicas, a insegurança social, a globalização e os fracassos do planejamento da medicina com fins lucrativos e das abordagens mercantilizantes da saúde realçaram os mecanismos do mercado, ampliando os danos causados pela pandemia sobre os mais pobres e marginalizados. Os autores definiram essa combinação de elementos como uma “co-patogênese socioviral” (Sparke; Williams, 2022, p. 16).

Os autores pontuam que a combinação da “co-patogênese socioviral” revelou-se desastrosa em termos de proteção da saúde para a população durante a pandemia (Sparke; Williams, 2022). O foco nestas relações co-patogênicas, para além das metáforas virais do neoliberalismo, teria levado grande parte da população a experienciar o aumento da mortalidade, a morbidade e ao sofrimento (Sparke; Williams, 2022).

Além disso, governos neoliberais inibiram sistematicamente respostas eficientes à infecção em nome da liberdade de mercado e comércio e em nome da manutenção dos direitos de propriedade intelectual (DPI), com relação às patentes das vacinas, retardando esforços de mitigação (Sparke; Williams, 2022). No Brasil, houve a falta de políticas para mitigação da Covid-19 por Bolsonaro (Sparke; Williams, 2022; Ortega; Orsini, 2020), marcada pelo constante incentivo do uso de medicamentos de ineficácia comprovada contra a Covid-19, como a Ivermectina, a Cloroquina e a Hidroxocloroquina (Brasil, 2021; Pradelle *et al.*, 2024); além do atraso na compra das vacinas e da imunização da população contra o vírus (Brasil, 2021; Fleury; Fava, 2022); a resistência em aderir ao isolamento social (Brasil, 2021; Fleury, 2021); os escândalos como o da Prevent Senior (Brasil, 2021) e as declarações insensíveis proferidas por Bolsonaro durante a pandemia (Uribe; Chaib; Colleta, 2020; Uribe, 2020; Gomes, 2020; Maia, 2020).

Tendo isso em vista, um conceito relevante a ser mencionado é o de sindemia. Este termo é compreendido como a interação de duas ou mais doenças que ampliam seus efeitos sobre os níveis de saúde das populações. Na sindemia, os contextos social, econômico e ambiental determinam as condições de vida das populações, potencializando a interação entre as doenças coexistentes e as consequências resultantes delas. A interação entre as doenças e suas consequências podem ser afetadas e agravadas pela pobreza, por múltiplas desigualdades, pela discriminação, pela violência e por problemas ambientais (Mendenhall *et al.*, 2017; Bispo Jr.; Santos, 2021). No contexto da Covid-19, é possível observar a sindemia na interação entre o vírus e uma variedade de doenças já pré-existentes, assim como é possível notar adoecimentos

desproporcionais em relação ao Coronavírus entre as populações periféricas, de baixa renda e de minorias étnicas.

É possível perceber ainda o quanto determinadas populações, como as populações negras, pobres e periféricas foram atingidas de forma mais intensa, uma vez que “[...] a perversidade da imbricação entre capitalismo, racismo e desigualdade opera em momentos específicos da nossa história, como é o caso das pandemias” (Gomes, 2020, p. 7). Essas diferenças na forma como determinadas populações sofreram o impacto da pandemia refletem a existência de uma contradição entre as demandas para o enfrentamento da Covid-19 e as condições socioeconômicas dos sujeitos em situação de desigualdades e pobreza de seguir as orientações de cuidados e prevenção recomendados pelas instâncias de saúde. Assim, seguir as normas de isolamento social da OMS para prevenir a disseminação do vírus não foi uma possibilidade para toda a população brasileira (Assis, 2021).

Com o passar do tempo, observou-se que as desigualdades sociais e econômicas se acirravam como resultado das desigualdades estruturais globais (Zizek, 2020; Sparke; Williams, 2022). Zizek (2020) acredita que a pandemia não deve ser analisada apenas enquanto fenômeno biológico, mas também um fenômeno cultural, conectado com as relações sociais, econômicas e políticas, e ainda, com os mecanismos ideológicos do medo e do pânico. Como tal, esse fenômeno assume diferentes significados de acordo com os grupos sociais e com seus territórios, uma vez que a pandemia relaciona processos econômicos e culturais com impactos que ainda não podem ser dimensionáveis na saúde e nos processos de subjetivação da população (Zizek, 2020).

A partir do que foi mencionado, é possível observar como o contexto político, econômico e social repercutiu nos efeitos e nos impactos da pandemia na população brasileira. Nesse sentido, embora a Covid-19 tenha afetado toda a população, independente das desigualdades de classe, raça/etnia e gênero, a transmissão, o adoecimento e as práticas de cuidado salientavam diferenças na forma como determinadas populações sofriam o impacto da doença (Gaille; Terral, 2021; Lima *et al.*, 2021). Problemas oriundos do isolamento social prolongado e da precarização da vida socioeconômica vieram à tona, como problemas relacionados à saúde mental (Faro *et al.*, 2020; Lucas *et al.*, 2020; Miliauskas; Faus, 2020; UN, 2020; WHO, 2021; Racine *et al.*, 2021; Ma *et al.*, 2021; Gadagnoto *et al.*, 2022; WHO, 2024); ao adoecimento dos profissionais de saúde (FIOCRUZ, 2022a); ao desemprego; à pobreza (IBGE, 2022a; The World Bank, 2022); à violência doméstica (Bueno *et al.*, 2021); aos hábitos alimentares (Nguyen, 2021); ao uso de psicotrópicos (Alves *et al.*, 2021; Fiorelli; Assini, 2017); ao uso abusivo de drogas (ONU, 2021); à agudização ou desenvolvimento de agravos crônicos

(Daumas *et al.*, 2020); e ao estresse gerado pela grande propagação de *Fake News* – como ficaram conhecidas as informações falsas – associadas ao vírus e a vacinação (Vasconcellos-Silva; Castiel, 2020; Moreira *et al.*, 2021).

Em relação à população jovem, questões relacionadas ao isolamento social prolongado e da precarização da vida social e econômica têm impactado a saúde mental dos jovens. Shen *et al.* (2020) acreditam que a pandemia pode continuar a ter consequências acentuadas e adversas a longo prazo em crianças e adolescentes, quando comparadas com as vivências dos adultos. O impacto nesta população pode estar relacionado a diversos fatores de vulnerabilidade, como a idade de desenvolvimento (Shen *et al.*, 2020), o desempenho educacional e escolar, o aumento do uso da internet e mídias sociais, os conflitos relacionados a interação familiar, as condições econômicas desfavorecidas, as incertezas em relação ao futuro, as condições de adoecimento mental preexistentes (Balhara *et al.*, 2020; Brooks *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2020; Singh *et al.*, 2020; Miliauskas; Faus, 2020; Miranda *et al.*, 2021; Gadagnoto *et al.*, 2022; Schoon; Henseke, 2022), o crescimento significativo do adoecimento mental, com o aumento nos níveis de estresse, ansiedade e depressão, além de fatores que predis põem ao estresse pós-traumático (TEPT) (Lucas *et al.*, 2020; Miliauskas; Faus, 2020; UN, 2020; WHO, 2021; Gadagnoto *et al.*, 2022).

No início da pandemia, Gadagnoto *et al.* (2022) observaram que os jovens se sentiam menos preocupados com os acontecimentos, principalmente devido ao cancelamento de suas aulas. Entretanto, o que inicialmente foi interpretado como um “período de férias”, com a vivência das incertezas do andamento da pandemia, do distanciamento social, do afastamento de amigos e familiares, do fechamento das escolas e do ensino remoto, a percepção dos adolescentes mudou e passaram a relatar estarem experienciando sentimentos como medo, tédio, solidão (Barari *et al.*, 2020; Lima *et al.*, 2020; Singh *et al.*, 2020; Gadagnoto *et al.*, 2022), estresse, depressão e ansiedade diante dos acontecimentos que não conseguiam controlar nem prever (Lucas *et al.*, 2020; Miliauskas; Faus, 2020; UN, 2020; WHO, 2021; Gadagnoto *et al.*, 2022).

Dentre as medidas de distanciamento social, destaca-se para a população jovem o fechamento de escolas e o ensino remoto. Com essas medidas, eles passaram a ficar restritos ao ambiente doméstico e familiar, sem a possibilidade de se relacionarem presencialmente com seus amigos e colegas. Ademais, impôs-se o contato com o núcleo familiar mais próximo que, para muitos jovens, foi um desafio devido a dificuldades de relacionamento, à ausência de privacidade e às alterações na autonomia (Balhara *et al.*, 2020; Miliauskas; Faus, 2020). Assim, embora a pandemia tenha permitido que os jovens passassem tempo em casa com seus

familiares, havia um sentimento de isolamento e um distanciamento de vínculos e relações sociais.

O aumento do uso da internet e das redes sociais, além da procura por jogos virtuais, foi amplamente relatado em pesquisas realizadas. Essas formas de comunicação social foram recursos utilizados durante este período de pandemia para que os jovens pudessem manter o contato com amigos e familiares, assim como para estudar ou para entretenimento (Balhara *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2020; Singh *et al.*, 2020; Miliauskas; Faus, 2020; Miranda *et al.*, 2020; Gadagnoto *et al.*, 2022).

Historicamente, a pandemia do Coronavírus foi a primeira vivenciada em uma era digital. As interações mediadas digitalmente provocaram mudanças nas concepções tradicionais de socialização. Embora a internet possibilite essa socialização, ela também aumenta o acesso a diversos conteúdos, inclusive relacionadas às consequências da pandemia, como o número de pessoas adoecidas e falecidas divulgado diariamente. O consumo massivo de conteúdo sobre a situação pandêmica foi relacionado ao desencadeamento de perturbações no sono, ansiedade, pânico e depressão. Além disso, o consumo de conteúdos pode não mostrar informações verídicas ou exatas sobre o cenário vivenciado e sobre as maneiras de cuidado (Miranda *et al.*, 2020; Gadagnoto *et al.*, 2022).

Gadagnoto *et al.* (2022) destacaram que a superexposição a conteúdos relacionados à pandemia causou ou agravou o desconforto e os sentimentos negativos nos adolescentes que acessavam à internet. A falta de supervisão sobre o acesso à internet aumenta a vulnerabilidade a agressores online, ao acesso à conteúdos sexualmente inadequados e a tentativas de fraude. Os jovens podem sentir-se frustrados com eventos ou encontros que não puderam vivenciar ou que foram adiados. Ademais, o uso excessivo da internet pode desencadear comportamentos de dependência, seja relacionado às redes sociais, a jogos online, a apostas, ao cybersex ou a compras em excesso (Gadagnoto *et al.*, 2022).

O distanciamento social decorrente da pandemia resultou na suspensão das aulas presenciais, o que impactou muitos jovens de famílias com baixa renda que dependiam das refeições realizadas nas escolas para se alimentarem ou complementarem sua alimentação, para realizarem exercícios físicos e para socializarem com colegas. Além do mais, jovens de baixa renda podem ter acesso dificultado à internet, tanto para realizar as tarefas de ensino remoto quanto para interagirem com seus pares (Miranda *et al.*, 2020).

A crise econômica na pandemia pode ter sido um fator de risco para as dificuldades financeiras na família, para o desemprego entre seus familiares e para a necessidade de procurarem algum emprego para complementar a renda da casa (Miranda *et al.*, 2020). Esses

fatores se relacionaram com o aumento da sensação de frustração e de impotência entre os jovens de família de baixa renda. E ainda, a possibilidade de mudança de moradia e frustrações entre os familiares pode elevar o risco para violências domésticas e exploração do trabalho dos jovens (Singh *et al.*, 2020).

Esses problemas se somam a uma realidade mais ampla, na qual, embora todas as crianças e jovens possam experimentar problemas de saúde mental, existe uma associação persistente entre desigualdade social e adoecimento mental. Crianças e jovens de contextos socioeconômicos relativamente desfavorecidos têm um risco maior de vivenciar problemas de saúde mental em comparação com seus pares mais privilegiados (Yoshikawa; Aber; Beardslee, 2012; Reiss, 2013; Patton *et al.*, 2016; Hagell *et al.*, 2018; Miranda *et al.*, 2020; Singh *et al.*, 2020; Peverill *et al.*, 2021).

Dimenstein *et al.* (2020 apud Guzzo; Souza; Ferreira, 2022) abordam a relação entre democracia, saúde, saúde mental e pandemia dizendo que em um país injusto, desigual e culturalmente heterogêneo, como o Brasil, foi grande o desafio de defender a vida e a saúde coletiva da população e dos jovens. Em síntese, a pandemia de Covid-19 impactou a saúde mental dos jovens, acentuando desafios emocionais decorrentes da precarização socioeconômica, das dificuldades de socialização e do distanciamento social prolongado. Este período vivenciado evidenciou a importância de políticas e estratégias de apoio à saúde mental juvenil, que considerem as particularidades do contexto pandêmico e busquem compreender e atender às diversas realidades e necessidades das juventudes contemporânea.

3 JUVENTUDES E CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL

A partir do entendimento desse contexto da pandemia, para além de suas consequências na saúde pública e no acirramento das desigualdades sociais, é importante ressaltar as repercussões na saúde mental da população, mais especificamente, da juventude brasileira. Vale salientar que o período da juventude pode variar de acordo com as construções e relações sociais de diferentes períodos históricos e culturais de diferentes sociedades. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera como adolescentes os indivíduos entre 12 e 18 anos (Brasil, 1990b). Mas, a definição é complexa e diversa, variando de acordo com as condições políticas, econômicas, sociais, de classes sociais, de regiões geográficas, de etnias, raças, gênero e identidades religiosas da população (Abramo; León; Freitas, 2005; Abramovay; Andrade; Esteves 2007; Abramovay; Castro, 2006). Além disso, a duração do período considerado como juventude não é sempre entendida da mesma forma, sendo possível coexistir diferentes concepções acerca da juventude (Abramovay; Andrade; Esteves, 2007).

Pais (2003) propõe ser necessário reconhecer as diferentes formas de ser, estar e apresentar-se jovem no mundo, assim como reconhecer a fluidez que este período adquire na contemporaneidade. A realidade de transformação social e cultural atual reafirma a possibilidade de serem tantas juventudes quantos são os contextos, mas também a de que as juventudes que se apresentam hoje tanto podem sofrer alterações e transformações, como podem ser agregadas a novas juventudes (Pais, 2003).

Dito isso, para uma melhor compreensão do contexto da juventude é necessário que se enfatize a noção de juventudes, no plural, uma vez que há uma diversidade de modos de ser jovem existentes. Desta forma, o presente estudo utilizará o termo “juventudes” e “adolescências”, partindo do reconhecimento destas diversas formas de ser e estar no mundo dos jovens.

Da mesma forma que a concepção das juventudes se baseia nos atravessamentos dos diferentes processos históricos e culturais das sociedades, o entendimento da noção de saúde e de saúde mental está relacionado aos atravessamentos sociais, culturais, econômicos e políticos, bem como aos impactos de injustiças sociais, desigualdades sistêmicas e violências estruturais que constituem as diferentes vivências nas sociedades (Rose, 2019; Rose; Birk; Manning, 2022). Desta maneira, ainda que a saúde mental de cada um seja única, ela não deve ser reduzida somente a um fenômeno orgânico ou psicológico (Martin-Baró, 2017).

A compreensão dos processos de saúde mental se dá, assim, a partir desses marcadores sociais, culturais, econômicos e políticos, uma vez que os processos de adoecimento mental,

saúde mental e cuidado em saúde mental são aspectos da vida humana que estão relacionados às condições de vida dos indivíduos e dos grupos sociais. Assim, as questões, os problemas e o cuidado em saúde mental ocorrem em diferentes âmbitos, individuais e sociais, variando de acordo com a visão de mundo do indivíduo, bem como de acordo com as relações sociais e as experiências que estão sendo vivenciadas por ele (Leandro, 2022).

Paulo Freire (2001; 2019) reforça essa ideia, compreendendo os indivíduos como sujeitos que influenciam e são influenciados pela sua realidade social, individualmente ou em coletivo. Portanto, são protagonistas das ações e das transformações sociais. Neste sentido, o protagonismo dos jovens nas práticas de cuidado em saúde mental e na estruturação de políticas públicas na área precisa ser pensado compreendendo os diferentes modos de “ser jovens” de acordo com seus contextos históricos e sociais, assim como de acordo com o recorte de gênero, raça, etnia, classe e território.

Tendo isso em vista, a compreensão de saúde mental a ser abordada neste trabalho é a fundamentada em uma concepção histórica e contextualizada, em que cada sujeito elabora e efetiva a sua existência nas relações sociais (Martin-Baró, 2017). Isso contrapõe-se às compreensões hegemônicas que entendem a saúde mental apenas como a ausência de transtornos psíquicos ou como um funcionamento adequado do organismo, de maneira psicologizante, individualizadora, acontextualizada e ahistórica.

Nas discussões sobre a humanização das práticas de saúde mental e as ações implementadas nas políticas públicas de saúde, o termo “cuidado” é frequentemente utilizado. Entretanto, apesar da centralidade do cuidado, tais discussões e ações não refletem sobre o conceito em si mesmo. Gutierrez e Minayo (2010) comentam sobre a dificuldade de construir reflexões teóricas sobre o cuidado. As autoras identificaram uma tendência de incorporar conceitos amplos de cuidado e, em grande parte dos trabalhos, o termo é tratado a partir do senso comum, como “[...] um conjunto de procedimentos tecnicamente orientados para o bom êxito de um certo tratamento” (Ayres; 2004a, p. 74). Esse entendimento mantém a concepção de cuidado relacionado às medidas terapêuticas e, também, aos procedimentos aplicados no contexto médico (Anéas; Ayres, 2011).

As ações de cuidado têm sido abordadas com mais ênfase no modelo biomédico, no sentido de diagnosticar e tratar uma doença, com base no conhecimento desenvolvido no campo técnico-científico (Ayres, 2004b; Rose, 2019). Além do modelo biomédico, tem sido propagado por setores da saúde, assim como por empresas e pelos mais diversos meios de comunicação, um modelo de desempenho e produtividade dos indivíduos em um sistema econômico e político neoliberal que aparece como discursos e práticas de gestão do cuidado e do autocuidado (Han,

2015; 2018; Cabanas; Ilouz, 2019; Rose, 2019; Safatle, 2021). Estes discursos enfatizam a importância de medidas terapêuticas para o autocuidado, a felicidade, a positividade (Han, 2015; 2018; Cabanas; Ilouz, 2019) e o aprimoramento (Rose, 2019) que não estão contextualizados às demandas de saúde e saúde mental dos indivíduos.

Ao privilegiarem as tecnociências e os discursos descontextualizados, as práticas de cuidado não conseguem atender adequadamente às necessidades de saúde dos indivíduos (Ayres, 2004a, b; Gonçalves; Machado, 2013). Para que tais necessidades possam ser atendidas, é importante a formulação de um modelo de gestão de cuidado em saúde mental que implica em práticas de cuidado para além de um simples controle de equipamentos, dados, índices e planilhas, como frequentemente é observado em tais gestões (Camuri; Dimenstein, 2010). Para ir além de um cuidado meramente institucional, fragmentado, medicalizante e individualizante essas práticas necessitam perpassar pelo diálogo e pela participação coletiva de profissionais e usuários de setores da saúde, para implementação de políticas públicas de saúde e para a adoção de tais ações em seus cotidianos.

Assim, o foco da pesquisa será um entendimento de cuidado em saúde mental que integra práticas que priorizem a construção de vínculos, com base na coletividade e no acolhimento, promovendo encontros que favoreçam a subjetividade e conduzam o indivíduo à autonomia e ao exercício pleno da cidadania (Merhy; Franco, 2003; Gonçalves; Machado, 2013). Dito isso, é possível perceber como, mesmo antes da pandemia, no âmbito das políticas públicas e de práticas de cuidado em saúde mental para a juventude, evidenciava-se a precarização do SUS; serviços sobrecarregados pela grande demanda de crianças e adolescentes; e a ausência de serviços especializados e de especialização de profissionais em saúde mental para esse público na maioria dos municípios brasileiros (Jorge; Sousa; Franco, 2013; Alves *et al.*, 2016; Duarte; Souza; Rodrigues, 2017).

Ademais, evidenciava-se como uma grande parcela dos jovens brasileiros enfrentava dificuldades, como a evasão escolar, a introdução no mercado de trabalho (IBGE, 2020; UNICEF, 2021); o enfrentamento de violências (Bueno *et al.*, 2021; Fórum Segurança Pública, 2021); a pobreza (UNICEF, 2018; IBGE, 2022a; The World Bank, 2022); a sensação de solidão (Loades *et al.*, 2020; Twenge *et al.*, 2021); o *bullying* e *cyberbullying* (Hinduja; Patchin, 2018); o aumento do uso de telas (Deslandes; Coutinho, 2020); o aumento do consumo de álcool e outras drogas (IBGE, 2022b); tudo isso aliado a outras formas de discriminação.

É importante ainda ressaltar que o sofrimento psíquico na adolescência já apresentava índices de significativo crescimento, sendo ignorados pelos gestores públicos, inclusive na área da saúde. Esses índices, em nível mundial, apontavam que os transtornos depressivos e ansiosos

eram considerados, respectivamente, a terceira e a quinta principais causas de anos de vida perdidos por incapacidade na juventude. O suicídio estava entre a terceira principal causa de morte em adolescentes (OMS, 2014; Organização Pan-Americana da Saúde, 2018).

Com a pandemia, esse cenário trouxe consigo consequências econômicas e sociais que impactaram as perspectivas de vida das juventudes no país, com possíveis efeitos na esfera da saúde mental dos jovens brasileiros (Fiocruz, 2022b). Sobre isso, alguns estudos têm observado impactos na saúde mental dos jovens durante o período da pandemia, como a preocupação com os familiares e o luto inesperado (Oliveira *et al.*, 2020); inconsistências da rede de apoio social (Gadagnoto *et al.*, 2022); impacto negativo no consumo de notícias relacionadas à pandemia; impacto negativo no desempenho educacional e escolar; aumento de tempo na internet e mídias sociais (Oliveira *et al.*, 2020; Miranda *et al.*, 2020); e a ocorrência de violências sexual, física e psicológica, com o aumento de casos de violência contra mulheres, crianças e adolescentes (Cardenas; Bustos; Chakraborty, 2020; Marques *et al.*, 2020).

Aliás, alguns estudos têm destacado também um crescimento significativo do adoecimento mental, com o aumento nos níveis de estresse, ansiedade e depressão, além de fatores que predispõem o estresse pós-traumático (TEPT) em crianças e adolescentes, decorrentes das incertezas da pandemia e do isolamento social (Lucas *et al.*, 2020; Miliauskas; Faus, 2020; UN, 2020; WHO, 2021; Gadagnoto *et al.*, 2022). Alguns estudos apontam que os índices de depressão e ansiedade entre os adolescentes chegaram a, respectivamente, em 25% e 20% dos jovens participantes das pesquisas (Racine *et al.*, 2021; Ma *et al.*, 2021; WHO, 2024). Já uma pesquisa conduzida pela UNICEF (2020) apontou que 46% dos jovens relataram ter menos motivação para realizar atividades que antes gostavam e 36% afirmaram sentir menos motivação para realizar tarefas regulares. Além disso, apontou que, apesar de 73% terem sentido a necessidade de buscar cuidados em relação à saúde física e mental, apenas 33% buscou ajuda (UNICEF, 2020).

Outro conceito importante para compreender tais realidades é a noção de desigualdade social, que pode ser entendida a partir da relação entre a disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos de indivíduos, famílias ou grupos e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, culturais, econômicas do Estado, do mercado e da sociedade (Vignoli, 2006; Filgueira, 2001; Dias, 2011). Diante desse cenário, o jovem periférico brasileiro, ao entender seu pertencimento à coletividade, diferente daquele do lar e da família, encontra uma realidade que expõe visíveis desigualdades sociais e injustiças. Os diferentes territórios do espaço urbano, em especial a periferia, serão atravessados por condições que serão próprias e específicas a eles.

A noção de periferia está associada a um modelo de estruturação das cidades, que diferencia a localização geográfica considerada como “centro” e considerado como “periférica”. Entretanto, essa noção é insuficiente para compreender a dinâmica socioespacial que compreende todas as características que permeiam esses espaços, uma vez que, mais que a distância geográfica do “centro”, deve-se considerar as condições culturais, sociais e econômicas de vida dos moradores da periferia. Estes podem sofrer com os efeitos de longos deslocamentos para o trabalho, estudo e lazer, assim como, com as precariedades do acesso aos serviços básicos essenciais (saúde, educação, moradia, transporte), evidenciando desigualdades e vulnerabilidades diferentes entre a população da cidade (Boghossian; Minayo, 2009; Mattoso, 2010; Amaral, 2011).

A hierarquização, as precariedades e as desigualdades socioespaciais das cidades se relacionam, assim, aos processos de subjetivação, de ação e de enfrentamento da população, em particular os que se dão nos territórios periféricos (Caldeira, 2000; Feltran, 2011). Dessa forma, a periferia não deve ser entendida apenas a partir de uma conotação geográfica, mas como um território de existência, no qual os jovens que nela residem produzem e reproduzem suas identidades cotidianamente. Essa produção de subjetividades reflete no corpo, na linguagem, na estética, nos vínculos sociais, nos laços afetivos das juventudes (Novaes, 2006) e na produção de práticas de cuidado em saúde mental.

Nogueira (2017) ressalta que “são nesses territórios negros e periféricos que a força do capital e do Estado fincam suas mais perversas raízes. Porém, são nesses territórios que surgem expressões de resistências culturais e políticas, sobretudo por parte da juventude [...]” (Nogueira, 2017, p. 5). Ao se inserir nesse cenário, parte dos jovens, pobres e racializados se deparam e vivenciam tais desigualdades e injustiças que põem em curso diferentes modalidades de ações, e muitas dessas aspiram transformar a sociedade em direção a mais justiça, liberdade e igualdade (Castro, 2008).

Diante dessas injustiças sociais, as juventudes diversificaram as reivindicações, afirmando novas identidades políticas, como jovens negros, quilombolas, de terreiro, assentados, LGBT (gays, lésbicas, bissexuais e trans), convivendo com movimentos mais consolidados na cena política, como os partidos políticos, os movimentos sociais, os movimentos estudantis universitários e secundaristas, os grupos religiosos, os grupos da capoeira, do funk e do hip hop (Boghossian; Minayo, 2009; Mayorga, 2013; Brasil, 2014). A participação de jovens para além de locais esperados da atuação da juventude, como escola e estudo, apresentam novas relações sociais e políticas que possibilitam a reconstrução de seu lugar na sociedade.

Ao se engajarem em ações coletivas, o jovem entra em contato com a realidade que quer transformar e com o ator social que quer ser (Mayorga, 2013; Castro, 2016). Assim, os jovens, que muitas vezes são pensados a partir de relações hierarquizadas de poder com adultos e de “tutela”, têm um potencial de participação e transformação de sua realidade social. Essa participação dos jovens como protagonistas do seu processo de desenvolvimento tem se demonstrado como experiências eficientes para a superação da vulnerabilidade desses atores, tirando-os de contextos de incerteza e insegurança (Castro *et al.*, 2001; Brasil, 2014). Tudo isso torna a participação uma peça-chave para as juventudes na proposição, consecução e consolidação de uma sociedade mais inclusiva e justa, na qual, para além da condição de observadores, esses sujeitos possam assumir efetivamente a responsabilidade pela transformação e condução de seus destinos (Brasil, 2014).

Dito isso, apesar do reconhecimento das potencialidades das juventudes e dos dados recentes apontando para o aumento do adoecimento mental dos jovens nos últimos anos (OMS, 2014; Organização Pan-Americana da Saúde, 2018; Lucas *et al.*, 2020; Miliauskas; Faus, 2020; UN, 2020; WHO, 2021; Gadagnoto *et al.*, 2022), ainda são escassas as pesquisas e os estudos que tenham como foco a saúde mental dos adolescentes em situação de vulnerabilidade e as estratégias de cuidado, principalmente no que tange aos cuidados não institucionais, seja individual ou comunitário, que foram elaborados e adotados por eles no momento singular da pandemia.

A partir do que foi mencionado acima é possível perceber como as discussões acerca das juventudes e suas experiências e ações, a partir do relato dos jovens, são importantes para a compreensão de como eles se retratam e de como interpretam suas formas de ser, estar e transformar o mundo (Novaes, 2006; Castro, 2008), assim como a maneira como produzem suas relações sociais nos diferentes espaços em que se inserem e como se engajam na produção de práticas de cuidados em saúde mental, considerando tanto o período da pandemia da Covid-19, bem como o momento atual.

Refletir sobre a realidade do período da pandemia da Covid-19 envolve impulsionar e aprofundar a discussão sobre como as juventudes em situação de desigualdade social estão elaborando as práticas de cuidado em saúde mental nesse contexto. Isso implica compreender suas vivências, experiências, aprendizados e aspirações nesse período e após esse contexto. Portanto, essa pesquisa se faz necessária e demonstra ser de grande importância para o entendimento dessas estratégias de cuidado e para o enfrentamento de novas situações desafiadoras que possam ocorrer, além de poder contribuir para a área acadêmica e para futuras pesquisas envolvendo juventudes e práticas de cuidado em saúde mental.

Como mencionado, o entendimento das práticas de cuidado será voltado para o sujeito e sua existência enquanto ser social, se referindo a experiência do adoecimento, assim como das práticas de saúde em suas relações sociais (Ayres, 2004a, b). Nesta direção, as práticas de cuidado não devem ser observadas somente como técnicas aplicadas em instituições pelos profissionais de saúde, mas podem e devem ser construídas em uma ampla rede, incluindo diferentes serviços e segmentos sociais, que promovem saúde, autonomia e transformação social.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 OBJETIVOS

Diante disso, o objetivo do trabalho foi promover um espaço de reflexões com jovens em condições de desigualdades sobre a experiência vivenciada durante a pandemia da Covid-19, buscando compreender as práticas de cuidado em saúde mental produzidas durante a crise sanitária. De maneira mais específica, busca-se compreender os sentidos atribuídos pelos jovens à saúde mental no contexto da pandemia; entender os efeitos nas redes de relações familiares e de amigos dos jovens, as relações mediadas pelas tecnologias e suas relações com a escola e o estudo; e verificar as práticas de cuidado em saúde mental elaboradas pelos jovens durante a pandemia da Covid-19.

4.2 ABORDAGEM E LÓCUS DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa participante, inserida em um projeto mais amplo de estudo, denominado “Pandemia da Covid-19 e a produção de cuidados sócio comunitários em saúde mental no âmbito da Atenção Primária à Saúde”, realizada com jovens que foram infectados ou que tiveram familiares infectados pela Covid-19, com idade entre 16 e 18 anos durante a realização da pesquisa, cursando o Ensino Médio de uma Escola Estadual e que vivem na comunidade do bairro Linhares, do município de Juiz de Fora – MG. Foram utilizadas como técnicas de construção de dados a realização de observação participante, diários de campo e rodas de conversas.

Foram realizadas 16 visitas à escola, em que fiz as observações participantes; em que foi possível conversar com professores, gestores, estudantes e a participação em eventos promovidos no espaço educativo, como o teatro dos alunos do 3º ano “O mundo sem escola”, o Dia dos Estudantes e o Projeto Saúde e Bem-estar. Além disso, participei e coordenei 10 rodas de conversa com os jovens da Escola, em que fiz anotações no diário de campo e nos dois últimos encontros também utilizei de gravações de áudio.

Como mencionado, o campo de pesquisa desse estudo foi uma Escola Estadual, localizada no bairro Linhares, região leste de Juiz de Fora, no interior de Minas Gerais. O território adscrito da escola abrange áreas urbanas e rurais, tendo ao todo, de acordo com dados da Prefeitura de Juiz de Fora, um total de cerca de 14.512 moradores (PJF, 2024a). O território é conhecido por nele estar localizado o Complexo Penitenciário da cidade: penitenciária Edson

Cavaliere e Ariosvaldo Campos Pires e o Centro de Remanejamento do Sistema Prisional (CERESP). A Escola Estadual é uma escola mantida pelo Estado de Minas Gerais, de Ensino Integral, que atende a alunos entre o 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental e entre o 1º ao 3º ano do Ensino Médio. A Figura 1 apresenta o pátio da escola.

Figura 1 – Pátio da Escola Estadual Dilermando Costa Cruz



Fonte: A autora (2024).

Em relação aos dados referentes à Covid-19, o município de Juiz de Fora apresentou em novembro de 2024 um total de 163.417 de casos suspeitos; 78.876 casos confirmados e 2.420 casos de óbitos (PJF, 2024b), levando em consideração as possíveis subnotificações, tanto de casos confirmados quanto de óbitos.

Castro (2008) enfatiza que, em uma pesquisa que se tem como recorte as juventudes, é importante que a pesquisadora observe as especificidades do lugar ocupado por este público na sociedade, nos ambientes cotidianos onde vivem e transitam, ou seja, nos espaços onde surgem as questões e os problemas de pesquisa relevantes para suas vidas. A condução de pesquisas com jovens pode apresentar tanto desafios quanto potencialidades, sendo importante a seleção de abordagens que permitam uma inserção autêntica e interativa da pesquisadora no ambiente, alinhadas aos interesses dos participantes, levando em consideração aspectos como experiência cultural, de gênero e de idade. Nesse sentido, foi de grande importância que eu me mantivesse atenta à inserção no campo de pesquisa, à escolha de instrumentos de produção de dados que possibilitassem o engajamento e a participação ativa dos jovens durante o processo da realização do estudo.

Com isso, esse estudo se fundamenta na pesquisa qualitativa buscando aprofundar e detalhar as análises do campo de pesquisa e buscando compreender os grupos e os processos que se manifestam nesse campo por meio de sua história, das relações sociais que desenvolve, das representações que seus sujeitos possuem sobre o mundo, das suas crenças, percepções e ações em seus contextos de vida. A compreensão dos dados da pesquisa, analisados através de um viés histórico e cultural, tem como base o entendimento da sociedade e dos indivíduos como possuidores de uma consciência histórica e que estão inseridos em um contexto que os atravessam (Minayo, 2008). Torna-se possível, então, o desenvolvimento de um olhar sobre os modos particulares de ver, sentir e interagir dos sujeitos e o campo de pesquisa, sendo os temas e os conceitos trabalhados aprofundados em coerência com a teoria, com os dados apreendidos durante todo o processo de pesquisa e com a interação com os sujeitos da pesquisa.

4.3 ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Como estratégia para a produção dos dados, inicialmente, foi empregada a observação participante que permite uma aproximação e melhor compreensão das experiências vividas por diferentes sujeitos sociais (Minayo, 2004). Trata-se de um aporte metodológico que se constitui a partir de uma observação interativa e sensível para uma maior imersão no campo de relações da pesquisa, favorecendo processos de diálogo produzidos com os sujeitos da investigação. Esse processo pode contribuir para uma construção processual e dialógica dos objetivos e passos subsequentes do trabalho de pesquisar. A observação participante pode proporcionar, assim, uma visão mais ampla e detalhada do campo de pesquisa, de sua realidade social, dos valores e das normas que norteiam as relações sociais dos sujeitos da pesquisa, possibilitando também um maior contato e troca com os participantes e sua comunidade (Montero, 2006). A observação participante, nesse sentido, é uma ferramenta que possibilita os processos de familiarização e identificação de recursos do campo e dos sujeitos da pesquisa.

A partir desses entendimentos, foram realizadas observações, por meio de categorias identificadas como relevantes a partir da literatura levantada e de observações livres, a partir de minha vivência e do próprio contexto de observação. O registro das observações foi realizado em diário de campo, instrumento de pesquisa que possibilita o relato de percepções e questionamentos acerca das situações observadas e sentidas, assim como uma melhor contextualização do contexto sociocultural onde estamos inseridos (Dell'Aglio; Santos, 2008).

A escrita do diário de campo foi realizada de modo livre ao final de cada jornada de trabalho investigativo, trazendo as observações, as reflexões, as impressões, os afetamentos e os desafios da inserção no campo e da construção dos dados. A observação participante e a elaboração dos diários de campo foram passos essenciais na trajetória para se alcançar os objetivos propostos na pesquisa. A partir desta etapa inicial de inserção no campo, a trajetória metodológica foi se estabelecendo para que pudesse ser mais condizente com o objeto de pesquisa e os objetivos elaborados no estudo.

As observações aconteceram inicialmente nos períodos de intervalo da escola e em algumas atividades extras em que todos os alunos estavam participando, no pátio ou no “espaço afro”¹. Nessas observações, aproveitei para me apresentar, ter conversas e conhecer mais sobre os alunos e sobre o cotidiano na escola. Após essas primeiras observações, propus a alguns alunos que fizéssemos rodas de conversa para aprofundar nosso vínculo e nossas discussões. Todas as observações, as impressões, os desafios e as reflexões foram sendo registrados no diário de campo.

Em um segundo momento da pesquisa, foi proposto aos participantes a realização de rodas de conversas para debater, em conjunto, as temáticas relacionadas à juventude, à saúde mental, às práticas de cuidado, bem como à pandemia da Covid-19 e seus múltiplos efeitos. Eu esperava que, à medida em que fosse me inserindo no campo, o contato com os jovens se consolidasse e, a partir do vínculo formado, a participação na pesquisa fosse verificada. As rodas de conversa têm uma potencialidade na produção de narrativas individuais e/ou coletivas, sendo uma oportunidade para elencar temas e sustentar análises sobre inserções sociais, vivências e experiências subjetivas. Assim, permitem a participação e o protagonismo dos integrantes das rodas de conversa, visando a partilha e a troca de experiências individuais ou coletivas (Pinheiro, 2020).

As discussões em grupo nas rodas de conversa desempenham um papel fundamental, permitindo que os participantes construam outros significados para suas experiências individuais. A narrativa funciona como uma mediação entre os indivíduos e a cultura, facilitando a construção de compreensão de si mesmos e do mundo (Pinheiro, 2020). Com isso, a utilização de rodas de conversa foi proposta visando possibilitar a narrativa dos sujeitos e a participação ativa dos mesmos no processo, à medida que podiam apresentar falas e diálogos de experiências de diferentes perspectivas, criando condições para reflexões críticas.

¹ O “espaço afro” é um local para os alunos socializarem nos intervalos ou para terem aulas ao ar livre. Lá tem banquinhos e desenhos coloridos com cores típicas da cultura afro, árvores e flores.

Com o consentimento dos participantes, além de registros em diário de campo, dois encontros foram gravados em áudio. Com o registro através da gravação de áudio e sua transcrição, foi possível ter acesso ao conteúdo do que foi dito durante os encontros, sendo possível assim analisar as falas e os diálogos com mais cuidado após a saída do campo. Por fim, foi proposto que os participantes elaborassem um relato com depoimentos sobre suas vivências na pandemia e sobre as discussões propostas ao longo da pesquisa. Os relatos poderiam ser feitos por escrito, áudio, vídeo, entre outros, de forma que cada participante pudesse se expressar da forma que desejasse.

A análise dos dados foi realizada tendo como base a técnica de Análise de Conteúdo do tipo temática, possibilitando uma maior compreensão sobre esses dados. A análise temática é utilizada como método para identificar e relatar padrões dentro dos dados produzidos durante a pesquisa, permitindo a organização e análise das informações das observações participantes, do diário de campo e das rodas de conversa e a revisão de literatura em detalhes (Braun; Clarke, 2006),

4.4 CONTEXTO E SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO

Neste tópico será apresentada uma breve descrição do campo com informações sobre minha inserção no bairro, na escola e o contato com os participantes da pesquisa. As decisões tomadas se deram a partir de minha relação e meu diálogo com o campo e os sujeitos que o compõe. Para proteger a privacidade dos participantes, todos os nomes aqui apresentados foram trocados e escolhidos pelos participantes.

Inicialmente, foi importante que eu circulasse pela comunidade, conhecendo os espaços e os moradores que fazem parte daquela realidade social. Montero (2006) afirma que o estudo de uma pesquisa comunitária deve acontecer a partir do processo de contato e familiarização com o campo, para que se conheça e seja conhecido pela comunidade, possibilitando o conhecimento dos possíveis sujeitos da pesquisa e o estabelecimento de uma relação de confiança com eles. Como uma pesquisa participante, também foi importante que minha presença e minha pesquisa no campo estivessem comprometidas com a comunidade e com a transformação social, sendo esse processo de contato e familiarização essencial para os próximos passos da pesquisa (Montero, 2006).

O primeiro contato com o campo da pesquisa aconteceu em maio de 2023, através da aproximação e familiarização com o bairro Linhares por meio de visitas na Unidade Básica de Saúde (UBS) e de visitas domiciliares com as Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) do

mesmo, através da observação participante e do registro em diário de campo. Após os primeiros contatos com a equipe de saúde da UBS, foi possível iniciar conversas com as profissionais (ACSs, principalmente, enfermeiras e médicos), para conhecer mais sobre os usuários da Atenção Básica e dos moradores do bairro. Com o tempo, busquei focar em conhecer e ouvir mais a respeito do período da pandemia e da juventude do bairro. Além disso, comecei a circular pela comunidade e participar de visitas domiciliares com as ACSs para conhecer melhor o território e seus jovens moradores.

Em todas as idas a UBS, as ACSs se mostraram dispostas em me convidar para as visitas domiciliares, principalmente quando eram relacionadas a um contato com jovens e seus familiares. Algumas visitas tinham como objetivo que eu, enquanto psicóloga, conversasse com algum jovem ou morador sobre questões relacionadas ao estudo, ao ENEM, às drogas, à depressão e ao excesso de medicação. Da mesma forma que as ACSs, os usuários se mostraram receptivos com nossa chegada em suas casas e me senti bem recebida por todos. Estava sensibilizada com o vínculo que os usuários, os jovens e as famílias estabeleceram com as ACSs e com a confiança que construíram.

Por sugestão das ACSs, foram realizadas visitas nas escolas do bairro, sendo locais em que o contato com os jovens seria mais propício para a pesquisa e a produção de dados. Visitamos uma Escola Municipal e uma Escola Estadual. Fui bem recebida pelas diretoras de ambas, que comentaram que as escolas estariam de portas abertas para que eu pudesse voltar e conversar com os alunos.

Em nossas caminhadas, ouvia algumas falas das ACSs a respeito do programa da Saúde da Família, sobre a necessidade de se ter mais cuidado com a saúde mental dos usuários, sobre a falta de uma psicóloga na equipe e sobre a hipermedicalização de muitos usuários. Ouvi de mais de uma ACSs como muitas das queixas dos usuários e muitas das questões de saúde deles eram observadas por elas como de “natureza” da saúde mental e, mais do que isso, reflexo do contexto social em que vivem. Sobre os adolescentes, após uma visita à Escola Estadual, no dia 12 de maio, em uma palestra sobre a abolição da escravidão (comemorada em 13 de maio pelo Decreto-Lei nº 427/1938), uma fala de uma ACSs chamou a atenção, primeiro por comentar como a maioria dos alunos eram negros ou pardos, dizendo “pobreza tem cor”, depois, referiu-se aos mesmos alunos e ao bairro: “uma pena que a maioria vai acabar lá em cima” (Diário de campo, 13 de maio de 2013) – referindo-se ao presídio da cidade, que está localizado no bairro.

Assim, após conhecer o território e as escolas do bairro, iniciei as observações e as rodas de conversa com os jovens dessa Escola Estadual. A decisão de observar e promover as rodas de conversa com os jovens de tal escola se deu pelo fato de ser a escola mais central do bairro

e a que possuía o Ensino Médio – alunos que possuíam entre 16 e 18 anos, na época da realização da pesquisa. Tal escola possui o Ensino Integral, que atende a alunos entre o 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental e entre o 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

A primeira visita à escola ocorreu em julho de 2023, com uma das ACSs, que me apresentou como uma psicóloga que estava fazendo uma pesquisa no bairro com a juventude. Tanto a diretora quanto a vice diretora, os professores e funcionários, me receberam muito bem. Os professores se disponibilizaram para ajudar e colocaram suas aulas à disposição, caso precisasse de espaço e tempo para conversar com os jovens. Por ser véspera das férias de julho, a diretora propôs que eu voltasse em agosto e começasse a pesquisa quando as aulas retomassem.

Em agosto de 2023 retornei à escola, mais uma vez sendo muito bem recebida. Comecei a inserção na escola através de conversas com a diretora e os professores. Perguntava sobre como observavam os alunos na pandemia e como estavam observando a volta às aulas pós pandemia. Todos relataram estar sendo difícil não só para os alunos, mas para eles, que presenciaram muito em 2022 alunos tendo “crises de ansiedade”, e que em determinados momentos precisaram chamar ambulância, além de um aluno tentando pular do segundo andar da escola (onde ficam as salas). Comentaram sobre a dificuldade em seguir com as aulas no ensino remoto, sobre a volta às aulas ter sido complicada pelos jovens terem voltado “sem regras” de casa, sobre a dificuldade de dar aulas com o uso frequente dos celulares durante as aulas, sobre o convívio entre eles ser difícil, acontecendo muito *bullying* (principalmente episódios de racismo e machismo) e brigas, além da falta de recursos dos alunos. Para esses professores que conversei, muitos alunos não têm dificuldades de aprendizado ou desmotivação, mas “famílias desestruturadas”, famílias muito pobres e familiares presos por tráfico ou traficantes. Ainda comentaram o fato de serem funcionários de outras escolas, o que permite perceberem que, por serem professores de uma escola estadual do bairro Linhares, onde está localizado o complexo penitenciário da cidade, há muito estigma e preconceito sobre o bairro, a instituição de ensino e, também, seus alunos (Diário de campo, 12 de julho e 04 de agosto de 2024).

Sobre a perspectiva e expectativa da diretora e dos professores sobre os alunos, ouvi mais de uma vez a fala “não tem”. A diretora chegou a comentar que “a maioria vai ser ou técnico de enfermagem, ou fazer bico ou ser traficante”; e um professor chegou a falar que o Novo Ensino Médio “vai formar mão de obra barata”. Falaram sobre a defasagem da pandemia, por terem que “passar” os alunos e não conseguirem métodos para os acompanhar de perto (Diário de campo, 12 de julho e 04 de agosto de 2024).

Além disso, também comecei a inserção na escola fazendo observações no pátio e no “espaço afro”, no primeiro intervalo da manhã. Observou-se como muitos jovens ficavam em grupos, mas no celular, e outros jogavam pingue-pongue e totó. Alguns ainda usavam máscara de Covid-19. Eu aproveitava esse momento para me aproximar de alguns jovens e conversar com eles sobre a escola, o bairro, a pandemia e a juventude.

No horário de voltar às aulas, a vice diretora e alguns professores precisavam insistir para que muitos dos alunos voltassem para a sala, pois alguns sempre retornavam para o pátio por não estarem tendo aula por falta de professor. Isso ocorreu em mais de uma ocasião em que estive no local. Foi em um desses dias de falta de professor que a diretoria sugeriu que eu subisse para uma das salas e conversasse com os alunos para que não ficassem “sem fazer nada”. Fui em duas salas, para preencher os horários vagos desse professor, do 1º e 3º anos do Ensino Médio. Com a boa receptividade e participação dos alunos do 3º ano, decidimos focar a pesquisa com esses jovens.

Esse primeiro momento foi de observação e negociações com a instituição, onde encontrei abertura e disponibilidade de inserção nas atividades nos intervalos e aulas vagas dos jovens por parte da direção e dos professores. Desde o primeiro contato com os jovens, em que apresentei a proposta da pesquisa, ressalttei que seria uma proposta focada em ouvir os jovens, suas contribuições e participações.

Conforme fui conhecendo o campo e compreendendo melhor como funcionavam a dinâmica e as atividades da escola, foram elaborados possíveis caminhos para tentar construir uma aproximação com os jovens. E conforme fui aprofundando a relação e o vínculo com eles, pude identificar elementos interessantes do próprio campo e elementos de suas falas que poderia utilizar nas rodas de conversa.

4.4.1 O convite para as rodas de conversas

Durante a inserção no campo da pesquisa, buscando aprofundar a relação com os jovens, convidei os alunos do 3º ano do Ensino Médio para rodas de conversa mais informais, com o objetivo de conhecê-los melhor, e então, para rodas de conversa voltadas para as temáticas relacionados à juventude, saúde mental, cuidado, pandemia, seus principais desafios e efeitos durante tal período.

De forma inesperada, o primeiro encontro com os jovens ocorreu com a necessidade de “substituir” um dos professores dos alunos do 3º ano, que havia faltado e que não teriam outra aula ou professor(a) no momento. A ideia inicial era juntar as duas turmas do 3º ano, mas como

eu estava lá, a diretora falou que eu poderia “ficar com os meninos que estavam sem aula”, segundo ela, essa turma era “muito boa e participativa”, sendo uma opção para que eu focasse em fazer a pesquisa com eles. Por ter sido um encontro um pouco inesperado, sem dinâmica ou tópicos de discussão preparados, fui interagindo com os alunos para conhecê-los, para que me conhecessem e já ir explicando sobre minha pesquisa. Os jovens foram muito participativos e interagiram com todos os tópicos que fui abordando sobre como havia sido o período de pandemia para eles; como ficou a saúde mental deles na pandemia e as repercussões que ainda sentem; o que entendiam por saúde mental; como se cuidaram; como foi ficar em casa; se iriam fazer os processos seletivos para ingressarem em universidades, PISM e ENEM; em quais cursos gostariam de ingressar; se sempre estudaram ali e se moravam no Linhares; como foi ver as notícias e questões políticas na pandemia (Diário de campo, 04 de agosto de 2023).

Foi formado um grupo com 10 jovens, que se identificaram como sendo 7 meninas, 2 meninos e 1 pessoa não-binária; 6 pardos, 3 pretos e 1 branca. No início da pandemia em 2020, 6 dos jovens tinham 14 anos e 4 tinham 15 anos. Quando expliquei sobre a pesquisa e as rodas de conversa, eles ficaram animados em terem seus nomes escritos em um “trabalho científico”. Mas precisei explicar sobre o sigilo e sobre o uso de “nomes fictícios ou iniciais de seus nomes”. Eles não gostaram da ideia e pediram para que eles mesmos pudessem se dar seus “nomes fictícios” para a pesquisa. No quadro a seguir, apresento os nomes escolhidos por eles e algumas de suas características.

Quadro 1 – Participantes das rodas de conversa

Nome fictício	Idade atual (2023)	Idade na pandemia (2020)	Gênero	Raça	Local de moradia durante a pandemia*
Graziela Zero	18	15	F	Parda	Familiares no bairro Linhares
Ludmillo	17	14	Não binário	Parda	Familiares no bairro Linhares
Lili	18	15	F	Preta	Familiares no bairro Linhares
Tay	17	14	F	Branca	Familiares no bairro Linhares
JK	18	15	M	Parda	Familiares no bairro Linhares
Ketren	18	15	F	Parda	Familiares no bairro Linhares
Rihanna	17	14	F	Preta	Familiares no bairro Linhares
Beyonço	18	15	M	Parda	Familiares no bairro Linhares
Júlia	18	15	F	Preta	Familiares no bairro Linhares
Dani	18	15	F	Parda	Familiares no bairro Linhares

Fonte: A autora (2024). *Diferentes arranjos familiares – mães, pais, avós, tios, irmãs e irmãos.

Ao iniciar as rodas de conversa, fiz outra dinâmica com os alunos, pedindo que escrevessem em um papel como se viam em palavras ou frases, colaria o que escreveram em suas costas e pediria para que os colegas escrevessem como viam seus amigos – depois comparariam e discutiriam mais sobre suas percepções. A proposta inicial da dinâmica era conhecer mais sobre eles e para que pudesse ser criado um espaço em que todos se sentissem a vontade e pertencentes ao grupo de conversas. Os jovens tiveram dificuldades para escrever sobre si, mas escreveram bem sobre os colegas. Terminando, leram e se emocionaram. Muitos choraram ao ler e comparar o que haviam escrito sobre eles mesmos (mais “defeitos”) e sobre o que os amigos haviam escrito (mais qualidades, habilidades, elogios e carinhos). Falaram que gostaram de falar sobre si e conversamos para além da dinâmica, sobre cuidado e saúde mental. Eles se apoiaram e dialogaram entre si, se emocionaram – eu também me emocionei. Nesse dia, havia tocado o sinal do intervalo e eles quiseram continuar – passamos do intervalo e conversamos até o almoço. Os professores iam chamar e eles queriam continuar a conversar. Fiquei muito feliz com o resultado desse grupo, em que fomos criando um vínculo e realmente formando um “grupo” (Diário de campo, 26 de setembro de 2023).

O objetivo dessa primeira roda de conversa foi ter um contato mais próximo e direto com os jovens, possibilitando conhecê-los melhor, a relação entre eles e as dinâmicas entre eles. Foi proposto que cada um escrevesse em um lado de uma folha de ofício como eles se viam. Esse encontro foi essencial para que fosse possível conhecê-los e entender a dinâmica entre eles. O que foi proposto como uma dinâmica de conhecer, acabou se tornando um lugar em que puderam desabafar sobre como se viam, como estavam se sentindo pressionados pelas famílias, pelo fim do Ensino Médio, pelo Enem e pelo Ensino Integral. Ficamos nesse encontro quase 3h. Esse momento foi essencial para desenvolver o vínculo e a confiança com eles, mas também, como falaram no próximo encontro que tivemos, entre eles mesmos, tendo ficado o resto do dia conversando sobre o que havia sido discutido no encontro e se acolhendo. Falaram que se sentiram mais à vontade entre si e se aproximaram bastante depois dessa primeira roda de conversa. Combinei com a diretora e a professora de português e de educação física se poderia estar com esses jovens, nas sextas, após o intervalo das 9h, como da última vez. A professora de português e os alunos logo concordaram e se mostraram dispostos a contribuir com a pesquisa.

Desde o primeiro contato com eles, percebi como tinham um papel ativo na escola, tendo participado de clube de livros, teatro e grêmio estudantil para terem trocas entre si, com a direção e com a coordenação da escola. No entanto, por conta de não conseguirem manter um

diálogo como pretendido com a escola, o clube de livros e o grêmio foram dissolvidos. Observei também essa participação e engajamento dos alunos com a pesquisa, com as rodas de conversa e nas discussões abordadas nelas.

Os horários e dias das rodas de conversa eram acertados com a direção e com as professoras de Português e Educação Física, que disponibilizaram suas aulas para os encontros. Fiquei surpresa, assim como a professora de Educação Física, que os alunos preferiram participar das rodas de conversa que as atividades e exercícios físicos, algo que a maioria dos jovens costuma gostar. Inicialmente, também mantive contato com dois alunos por mensagens de Whatsapp para que pudessem conferir se teriam provas ou atividades que os impedissem de saírem da sala de aula. Após alguns encontros, foi proposta a criação de um grupo de Whatsapp para que pudessem conversar e trocar ideias sobre horários e dias com todos os jovens do grupo.

O espaço para os encontros variava entre a biblioteca, a sala de vídeo e o “espaço afro”. Conforme já informado, ocorreram 10 rodas de conversa, que tiveram a duração de, em média, 50 minutos, registrados no diário de campo. A partir das discussões iniciais foi possível realizar um mapeamento das principais temáticas abordadas pelos jovens, sendo essas temáticas a base para a elaboração das rodas de conversa a serem realizadas e aprofundar o entendimento acerca das vivências e das práticas de cuidado elaboradas por eles na pandemia.

4.4.2 Como foram realizadas as observações e as rodas de conversas

Alguns encontros não foram para a realização de rodas de conversa, mas para a participação de atividades junto aos alunos na Escola, como quando fui convidada por uma das jovens a assistir à peça que haviam escrito com a professora de história, chamada “O mundo sem escola”. Os alunos apresentaram muito bem e deixaram a mensagem de como não teria nada no mundo, diálogos, livros, tecnologias, cuidados de saúde sem a escola, somente mortes e guerras – e fizeram um cartaz no final escrito “não existe mundo sem escola”. A professora de história disse para eles que estava orgulhosa, que haviam se apresentado muito bem. Os alunos, por sua vez, pediram ponto e para já passarem de ano. Conversei rápido com a professora, que disse que ela escreveu a peça com os alunos, que participaram de todo o processo de escrita, cenário e atuação (Diário de campo, 18 de agosto de 2023).

Outro convite foi para participar do Projeto Saúde e Bem estar, fazendo uma roda de conversa sobre juventude e saúde mental com o ensino médio. Neste dia, a escola estava movimentada pelo evento, com os profissionais de nutrição, enfermagem e fisioterapia, com música e danças. A primeira roda de conversa foi com alunos variados do 1º, 2º e 3º anos do

ensino médio. Os alunos estavam mais quietos, somente alguns comentavam e participavam; os meninos falavam mais com tom de piada e as meninas falavam mais sério. Quando os meninos falavam sério, os colegas zoavam, então a forma de se comunicarem e participarem foi falando como piada. Conversamos sobre os jovens não serem levados a sério, violência policial, violência psicológica, racismo, machismo, homofobia, *bullying*, sobre saúde mental e o que faziam para cuidar da saúde mental. Deram alguns relatos e fizeram comentários sobre situações que eles ou que seus familiares/amigos vivenciaram na escola, no bairro e na cidade. A segunda roda de conversa foi com os alunos que já estavam participando da minha pesquisa. Conversamos sobre a música, sobre ser jovem, sobre mudanças e sobre as pressões de vestibular. Como sempre, foram participativos (Diário de campo, 06 de outubro de 2023).

Nos encontros, eram propostas algumas discussões nas rodas de conversa, tendo algumas dinâmicas como pontos de partida para os debates (Diário de campo, 25 de agosto de 2023). Nessas discussões, conversamos sobre a experiência de vivenciar uma pandemia na juventude, os cuidados que adotaram na pandemia e que ainda adotam nos dias atuais (Diário de campo, 24 de outubro de 2023). Também conversamos sobre a conjuntura política da pandemia, sobre as desigualdades, sobre violência doméstica, sobre estudo e trabalho. Falaram que não acompanhavam muita notícia por ficarem muito mal com as mortes e a falta de liderança de Bolsonaro. Lili comentou que o ex-presidente Bolsonaro “falava bosta a cada 10 palavras”; Rihanna falou que ele “era péssimo, só falava coisa ruim de minorias” e Tay e JK falaram que ele “não tinha postura de presidente, não fez nada para ajudar nem melhorar. Era mandão e só mandava – não era presidente”.

A maioria conhecia alguém que precisou “largar os estudos para trabalhar e ajudar na renda” e somente Lili falou que conhecia uma pessoa que voltou a estudar, justamente “por não ter aula e ser só entregar tarefas, conseguiu concluir o ensino médio mais fácil”. A maioria dos jovens também comentou sobre a renda ter reduzido em casa e sobre as mães terem perdido o emprego. Falaram que viam mais dificuldades e desigualdades no período de pandemia, “não somente pelo noticiário, mas em casa”. João fez um comentário muito forte, falando sobre o período ter sido como “jogos vorazes – quem conseguiu, conseguiu passar pela pandemia; quem não conseguiu, não conseguiu e piorou a vida”. Por fim, perguntei sobre a juventude na conjuntura política na pandemia, em que falaram que não fizeram nada de reivindicação na rua, mas viram e se atualizaram sobre a política por memes e, como João disse, “faziam política pelo Twitter” (Diário de campo, 10 de novembro de 2023).

Ainda propus que conversássemos sobre a comunicação e as políticas públicas voltadas para a juventude na pandemia, para a saúde e para a saúde mental nesse período. E o que e

como fariam essa comunicação com os jovens, uma vez que eles são jovens e entendem melhor que ninguém suas demandas e as lacunas nas políticas públicas. Todos concordaram que a comunicação não foi boa – ou que “nem comunicação para os jovens teve”. As orientações foram voltadas para máscaras, álcool em gel e ficar em casa, mas “não comunicaram nem falaram nada do depois. Ficar em casa, e aí?”. Falaram que faltou cuidado para esse momento de isolamento e cuidado na volta às aulas. Eles saíram de um contexto de isolamento social para o Ensino Integral, passando de “ficar em casa no quarto para ficar o dia todo na escola”. Pensam que, como Beyonço sugeriu, deveriam “juntar profissionais de áreas diversas e ir orientando os jovens sobre a saúde mental”, sobre os cuidados em saúde e saúde mental e “não só frases soltas, fique em casa”. Afinal, como Lili concluiu: “não é chegar no final, não é estar vivo a custo de tudo. É chegar bem também” (Diário de campo, 17 de novembro de 2023).

As últimas rodas de conversa coincidiram de serem na última semana de aula dos jovens na escola. Estavam muito emotivos de terminarem o Ensino Médio e estavam receosos do resultado do vestibular, de precisarem começar a trabalhar ou terem que fazer cursinho, e, principalmente, de perderem o contato e a afinidade das relações que construíram de amizade. Conversamos sobre essa última semana de aula antes de começar as rodas de conversa e, como tinha passado na lanchonete em frente à escola, comprei salgadinhos (coxinhas, pizza e enroladinho) e docinhos de minha irmã para levar e agradecer a eles pela contribuição e ajuda na construção da pesquisa. Beyonço falou que não estavam acostumados com esse gesto “que até da vontade de chorar” e Ketren falou que “isso sim é uma demonstração de cuidado” (Diário de campo, 24 de novembro de 2023). Fiquei muito feliz com o retorno deles, com a relação que fomos construindo e com o vínculo que se formou no grupo. Agradei e abracei cada um dos jovens e tiramos uma foto. Também agradei a diretora e vice diretora pela recepção na escola e o espaço e elas falaram que a escola estava aberta para quando precisar.

A primeira roda de conversa gravada teve como objetivo propor uma discussão sobre saúde mental e práticas de cuidado em saúde mental, através de diálogos sobre como os jovens se sentiram, pensaram e experienciaram o período da pandemia; e questionamentos sobre o que são práticas de cuidado; se elaboraram alguma prática de cuidado individual ou coletiva. A segunda roda de conversa gravada teve como objetivo a construção de narrativas pelos jovens, em que poderiam expressar suas vivências através de depoimentos sobre esse período de pandemia. Poderiam utilizar materiais escritos, cartas, colagens, cartazes, vídeos, áudios ou desenhos.

4.5 ASPECTOS ÉTICOS

É importante reconhecer que não há neutralidade possível no processo de produção de uma pesquisa, uma vez que o pesquisador leva para o campo suas opiniões, impressões e vivências. O pesquisador deve conduzir de forma crítica e honesta tal processo de reconhecimento de não neutralidade, para que possa evitar que as práticas no campo e na pesquisa sejam influenciadas por opiniões e impressões estereotipadas e pré-concebidas. Durante o processo de produção de dados e de escrita, deve-se buscar manter uma reflexão sobre tais opiniões e impressões, estando aberta às trocas e a escuta para se surpreender e até modificar seu ponto de vista pelo contato com o campo (Montero, 2006).

Partindo dessa orientação ética e política de pesquisa, compreendemos que o pesquisador deve romper com o ideal de uma suposta neutralidade, assumindo sua condição de sujeito com emoções, motivações, interesses e com um compromisso político a partir do momento em que questiona o conhecimento que deve produzir e como a comunidade poderá se beneficiar dessa produção (Fals-Borda, 1999; 2014).

Assim, é possível observar que há uma relação dinâmica entre o processo de pesquisa, as orientações éticas e metodológicas que embasam a pesquisa, o campo de pesquisa e os sujeitos da pesquisa. Durante o processo de investigação é necessário equilibrar reflexões e ações, abrangendo o saber popular, o envolvimento com o campo e os participantes, a interferência dos sujeitos da pesquisa, assim como se fundamentando nas teorias e nas leituras da bibliografia (Montero, 2006). Além disso, o pesquisador deve buscar assumir uma postura aberta a novos conhecimentos e a escuta, incluindo os participantes como indivíduos ativos no processo da pesquisa (Fals-Borda, 1999; 2014), sendo uma construção compartilhada de conhecimento. Trata-se, com isso, de uma pesquisa que pretende ser crítica, participativa e coletiva (Montero, 2006).

Partindo desse pressuposto, é possível observar que o compromisso ético do pesquisador com a pesquisa deve transpor as determinações burocráticas. A postura adotada em campo e o respeito às temáticas apresentadas pelos jovens ao longo da presença no campo devem estar também no compromisso social e ideológico em que se fundamente este estudo (Cidade, 2012).

A aprovação da pesquisa “Juventudes e práticas de cuidados sócio comunitários em saúde mental no contexto da pandemia da Covid-19” pelo Comitê de Ética em Pesquisa Humana da Universidade Federal de Juiz de Fora – localizado na Pró Reitoria de Pesquisa, Campus Universitário, Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Martelos, Juiz de Fora – implica na aceitação do presente trabalho. O número do processo no comitê é o CAAE: 85538423.5.0000.5147. Após este momento de aceitação do trabalho por parte do Comitê de

Ética, foram realizadas visitas e encontros com o campo e apresentação da proposta para a diretora e vice-diretora da escola. O consentimento dos jovens era sempre solicitado antes de qualquer grupo ou roda de conversa.

Os jovens participantes dos encontros realizados na pesquisa assinaram os Termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido por parte de seus responsáveis, já que alguns ainda eram menores de idade. Para além dos termos, é importante ressaltar que o processo de consentimento aconteceu ao longo de todo o processo de realização da pesquisa. Os termos foram assinados pelos jovens maiores de idade durante um dos encontros para uma roda de conversa e os de assentimento foram enviados aos pais através dos jovens menores de idade. A proposta e o processo de pesquisa foram explicados e os termos foram lidos no referido encontro e os jovens tiveram tempo de ler e esclarecer dúvidas sobre a pesquisa.

Ao início de todas as rodas de conversa foi retomada a proposta e o processo de pesquisa, assim como foi pontuado no que consistia a participação dos jovens. Também foi reforçada a importância do sigilo do que era discutido nos encontros, respeitando as experiências trazidas pelos colegas. Em um dos encontros, um dos jovens participantes resumiu as rodas de conversa e discussão sobre o sigilo como “a primeira regra do clube da luta é ninguém comenta sobre o clube da luta” e acrescentou “o que é conversado nas rodas de conversa, fica nas rodas de conversa (Diário de campo, 24 de outubro de 2023)”. Assim como as rodas de conversa, as análises e a escrita do trabalho ocorreram buscando respeitar as orientações éticas e políticas da pesquisa e as trajetórias e vivências dos participantes. A busca foi sempre pelo compromisso com o discurso desses jovens (Souza; Carvalho, 2016).

5 ANÁLISE DE DADOS

Em relação a análise dos dados, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo do tipo temática, possibilitando uma maior compreensão sobre esses dados (Braun; Clarke, 2006). A análise temática é um método para identificar, analisar e relatar padrões dentro dos dados produzidos durante a pesquisa. É um método que organiza e descreve o conjunto de dados em detalhes. A análise temática pode ser um método essencialista ou realista, que relata experiências, significados e a realidade dos participantes, ou pode ser um método construtivista, que examina as maneiras como as experiências, os significados e a realidade são efeitos de uma série de discursos inseridos dentro da sociedade. Além disso, pode ser um método contextualista, que analisa as formas como indivíduos criam significado de sua experiência e que analisa as formas como o contexto social se apresenta nesses significados (Braun; Clarke, 2006). Desta maneira, a análise temática pode ser um método que possibilita reflexões acerca das observações e dos depoimentos dos participantes, bem como, da realidade e do contexto social em que a pesquisa está acontecendo.

Braun e Clarke (2006) pontuam que esse processo da análise temática vai envolver inicialmente a familiarização com os dados, a geração de códigos iniciais, o agrupamento de temas, a revisão dos temas, a nomeação dos temas e a produção de um relatório. Tendo isso em vista, comecei a análise temática anotando e observando padrões de significado e questões de interesse potencial nos dados que estava observando na escola e nas discussões das rodas de conversa. A partir daí, fui sistematizando os temas e agrupando os dados por tais temas. Por fim, os temas foram revisados, analisados e descritos no trabalho tendo como base as observações, os diários de campo, as rodas de conversa e a revisão de literatura.

Com base na organização e análise dos dados foi possível observar quais as temáticas que mais apareciam relacionadas aos desafios e às práticas de cuidado elaboradas pelos jovens durante e após a pandemia. Os dados e as informações produzidas durante o cotidiano na comunidade e na escola foram registrados nos diários de campo e nas transcrições de áudio das rodas de conversa. As experiências, vivências, afetamentos e falas obtidas ao longo do processo foram revisitadas e revistas, desdobrando-se no estabelecimento de categorias de temáticas para a análise. A análise de todo o conteúdo com definição de categorias analíticas determinadas a posteriori, descreve a metodologia de análise de conteúdo do tipo temática, uma ferramenta que possibilitou uma melhor investigação do material produzido (Minayo, 2001; Braun; Clarke,

2006). Como uma pesquisa participante, que conta com a possibilidade de acolher experiências do campo, pude me deparar com relatos intensamente atravessados pelas vivências dos jovens durante o período da pandemia da Covid-19, assim como vivências do momento atual que estavam passando. Deparei-me com discussões e relatos íntimos e profundos sobre os desafios enfrentados pelos jovens nesse período, com seus desdobramentos nos dias atuais, sejam eles em relação à saúde mental ou a questões sociais e econômicas. Além disso, como foco principal da pesquisa, pude escutar os relatos das diferentes formas de elaborar práticas de cuidado em saúde mental para lidarem com tais desafios e desdobramentos.

A partir desses relatos e da metodologia de análise de conteúdo do tipo temática, foram construídas 5 categorias de análise, divididas nos seguintes eixos: 1) Emoções e saúde mental em tempos de pandemia; 2) Distanciamento social e repercussões nas relações familiares e de amizades; 3) Escola e volta às aulas; 4) Tecnologias e redes sociais; e 5) Relações em redes e cuidado em saúde mental na pandemia.

Quadro 2 – Análise temática

Eixo 1: Emoções e saúde mental em tempos de pandemia – Emoções mais citadas: ansiedade, insegurança, medo, tristeza;
Eixo 2: Distanciamento social e repercussões nas relações familiares e de amizades – piora nas relações familiares; importância dos vínculos e apoio de amizades;
Eixo 3: Escola e volta às aulas – convívio com as amizades; falta de rotina de estudos; medo em relação ao futuro;
Eixo 4: Tecnologias e redes sociais – forma de distração no período de distanciamento social; estudo online; contato com amigos; comparações e cobranças com as figuras das redes sociais;
Eixo 5: Relações em redes e cuidado em saúde mental na pandemia – redes de amizades como cuidado; relações de cuidado através das redes sociais; “autocuidado”; autoconhecimento; convívio na escola.

Fonte: A autora (2024).

6 O QUE DIZEM OS JOVENS?

6.1 EMOÇÕES E SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

bell hooks argumenta ser necessário “não esquecer o passado, mas quebrar seu domínio” (hooks, 1989, p. 155). Para isso, é preciso que as emoções e experiências sejam respeitadas e ouvidas, que tenham espaço de serem refletidas e validadas. Tendo isso em vista, nas rodas de conversa, pedi aos jovens que me relatassem como se sentiram, pensaram e experienciaram o período da pandemia. Pude perceber que as falas dos jovens demonstravam uma reflexão acerca de tudo que já havíamos discutido sobre o que vivenciaram nesse período.

Quando comecei a abordar a temática da pandemia nas rodas de conversa, observei como os jovens começaram descrevendo a pandemia de maneira direta e com poucas palavras, dizendo “foi difícil”, “foi péssima” ou “foi horrível” (Diário de campo, 04-08). Com o passar de nossos encontros e discussões, com um maior vínculo sendo formado entre nós, observei que passaram a descrevê-la a partir de afetos e emoções, de maneira mais elaborada e íntima.

Ahmed (2015) compreende as emoções como um movimento, remetendo à origem da palavra ‘emoção’, que vem do latim, “*emovere*”, ou seja, ‘mover, mover para fora’. Mas, a autora acredita que as emoções não são constituídas somente de “dentro” para “fora” dos indivíduos, uma vez que são constituídas a partir das relações e fronteiras entre o indivíduo e o social. Para ela, as emoções não são apenas sobre movimento, mas também são essas relações entre o indivíduo e a sociedade, sobre o que conecta os indivíduos a outras pessoas ou objetos.

Illouz (2009) assume que as emoções são um “conjunto complexo de mecanismos de percepção, processos interpretativos e respostas a estímulos fisiológicos” (Illouz, 2009, p. 20, tradução nossa), que são sentidas nos indivíduos através da interação entre o corpo, a cognição e a cultura, de modo que a vida afetiva é uma prática cultural que se relaciona tanto ao corpo e à cognição, bem como com a esfera da política e economia na qual estão inseridos. Para a autora, ao estudar a sociologia das emoções, a concepção das emoções e os sentimentos deve ser entendida como produtos históricos, sociais e culturais.

Assim, as experiências emocionais atravessam a vida dos indivíduos, desde suas interações na família, na escola, no trabalho, na política, e produzem “regras de sentimento e comportamento”, que podem ser compreendidas como modos de se expressar que devem ser seguidos em diferentes contextos sociais – como estar feliz em um aniversário ou casamento e

triste em um funeral – em que é atribuído um caráter externo às emoções, não essencialmente interno e individual, mas social (Hochschild, 2003). Dessa forma, são constituídas nas relações sociais, visto que é nas interações que os indivíduos estão constantemente interpretando as reações emocionais próprias e das outras pessoas (Hochschild, 2003; Illouz, 2007; Illouz, 2009, Ahmed, 2015). Essas concepções contrariam as afirmações que definem emoções como expressões meramente individuais (Illouz, 2007), que não levam em consideração o momento histórico, cultural e a sociedade em que os indivíduos estão inseridos. Nessa perspectiva, a compreensão das emoções deve se contrapor à psicologização e individualização dos afetos (Ahmed, 2015), o que pode auxiliar a pensarmos sobre as vivências dos jovens durante o período pandêmico.

Em meio às discussões acerca da pandemia, inicialmente, os jovens se voltaram para como se sentiram nesse período, seus afetos e emoções. Em todas as rodas de conversa, conversavam e buscavam elaborar emoções, como ansiedade, insegurança, medo e tristeza. Essas emoções sempre estavam contextualizadas dentro das experiências de vivenciarem uma pandemia, de precisarem lidar com um vírus desconhecido; com o distanciamento social; com as repercussões da falta de rotina e estudos; com receios em relação ao futuro; e com a piora nas relações familiares.

Muitos desses jovens tiveram algumas experiências semelhantes por habitarem o mesmo território, o bairro de periferia Linhares, pelos pais perderem o emprego, por verem a renda familiar reduzida, por precisarem adaptar os estudos de forma remota, por precisarem lidar com os conflitos familiares e por precisarem se comunicar somente pelas mídias sociais. Outros tiveram algumas experiências mais individuais, como ter passado por um despejo.

Uma das jovens, inclusive, considerou a pandemia uma época “maravilhosa”:

Pra mim, foi bom... Eu não me importava muito com o que tava acontecendo. Eu odiava a escola. Sofria *bullying*, essas coisas. Então, não gosto muito de ir pra escola. Meu refúgio era dentro de casa. Onde me sentia segura, então... ficar dentro de casa sem ver aquelas pessoas que me fazia sentir mal era... maravilhoso (Graziela Zero).

Nesse sentido, as experiências e vivências, marcadas pelas relações sociais, culturais, econômicas e políticas que foram construídas para além desse período da Covid-19, através das interações na família, na escola, no território e nas mídias sociais, são interpretadas pelos jovens e influenciam suas experiências, emoções e afetos. A intensidade das emoções especialmente em relação a incerteza e a imprevisibilidade em relação ao futuro e às próprias perspectivas era

constante. Observei como o relato de ansiedade, insegurança e medo em relação à contaminação com o vírus da Covid-19 estava presente.

Em um dos encontros, Ketren comentou que “(...) Era uma instabilidade muito grande, você não tinha certeza de nada, não tinha certeza que ia continuar vivo até o final. Você não sabia de nada, você não sabia quando você ia voltar a viver normalmente, respirar um ar de verdade que não seja dentro de casa. (...)”. JK também relatou que “não tinha certeza de nada”, que a sensação de só estar em casa era “de prisão mesmo”. Outra jovem, Tay, comentou que “(...) não sabia o que ia acontecer amanhã, se as pessoas estariam vivas, se alguém da sua família estaria se protegendo. Todas as pessoas da sua família estavam se protegendo? Você ficava nessa angústia e... e também a falta de certeza”.

O desconhecimento do vírus, as informações atravessadas sobre a contaminação e as medidas que foram sendo tomadas para os cuidados com a saúde desse momento de pandemia levaram os jovens a experienciarem situações que antes não poderiam imaginar que um dia vivenciaríamos, especificamente o medo em relação às mortes pela Covid-19 e o luto. Nesse tópico, duas posições chamaram minha atenção. Enquanto alguns jovens estavam muito preocupados com as notícias, com o vírus e seus familiares, outros disseram que não sentiram muito as consequências da doença, relatando: “não senti nada pelas pessoas que morreram da minha família” (Lili) e “nem eu” (JK).

Ketren falou que ver as notícias de jornais ou pessoas comentando das mortes, “longe de casa, parecia distante da realidade” e, como não perdeu ninguém próximo e não tinha contato com as pessoas que morreram, não sentia muito. Ela comparou com a dengue, dizendo que a Covid é diferente da dengue, que “pode ter contato com as pessoas e aí sentiria mais”. JK concordou com Ketren, comentando que “Se não vejo, não sinto”. Já Beyonço acrescentou que “a morte é normal, mas virou banal” (Diário de campo, 24 de outubro de 2023).

Na sociedade contemporânea ocidental, a morte ainda pode ser considerada um tabu, por estar associada a sentimentos, afetos e atitudes adversas (Ariès, 2003; Kovács, 2012). A morte é um fenômeno que envolve aspectos culturais, religiosos, filosóficos e científicos, sendo também um conceito baseado no momento histórico e no contexto social de cada sociedade. Assim como a morte, diversos fatores interferem no luto, entre eles a circunstância de como tal morte ocorreu (Oliveira; Silva, 2014).

Em diversos momentos da pandemia, os noticiários difundiam as ondas da Covid-19 e as vidas vitimadas por ela; o crescimento das taxas de contaminação; e a superlotação dos leitos de hospitais. As notícias veiculadas pela mídia e redes sociais eram diárias e estavam sendo veiculadas em um contexto de relativização da gravidade da pandemia e das mortes por parte

do ex-presidente Bolsonaro e de outros políticos (Uribe; Chaib; Colleta, 2020; Uribe, 2020; Gomes, 2020; Maia, 2020).

O grupo concordou que haviam muitas mortes e notícias ruins. Mas, como pontuou Ludmillo, “as mortes viraram números” e “parecia que as pessoas só evaporaram” (Diário de campo, 24 de outubro de 2023). Entretanto, isso não impediu que sentissem o medo da morte. Lidar com a morte e com o luto costuma ser um processo que leva um tempo para ser elaborado e, neste cenário, muitas vezes, não era possível a despedida do ente querido, nem a oportunidade de velar devidos às restrições sanitárias e ao distanciamento social (Lopes; Lima; Arrais; Amaral, 2021).

Apesar desses relatos, o medo de se contaminarem ou de terem seus familiares contaminados pela Covid-19 foi algo que outros jovens repetiam com frequência. Beyonço disse ter tido muito medo dos familiares morrerem, principalmente sua mãe, que trabalhava na área de saúde e com idosos, sendo ela e eles mais expostos à contaminação. Ele também tinha medo de morrer a qualquer momento, por ser considerado o “herói da minha irmã”, o que fez com que a pressão de não adoecer com o vírus aumentasse por estar nesse lugar de “herói”, então, “jogava o dia todo, para me distrair e não pensar nisso” (Beyonço - Diário de campo, 24 de outubro de 2023).

O medo de perder as pessoas que amava também apareceu no relato de Ketren: “você não queria perder ninguém da sua família, sua mãe, seu pai, mas inclusive seu irmão, porque ele é tudo para você. Você viraria o mundo de cabeça para baixo por ele e tipo perder ele não estava no nosso plano, e graças a Deus a gente não perdeu!” (Ketren – Diário de campo, 24 de outubro de 2023).

Como os relatos das emoções e experiências eram constantes nesses diferentes temas relacionados ao período da pandemia, quis aprofundar a temática das emoções relacionadas à saúde mental. Abordei nas rodas de conversa o que os jovens entendiam como saúde mental, como perceberam sua saúde mental na pandemia e quais as repercussões nos dias atuais. A maioria dos jovens levou as perguntas na brincadeira, falando que a saúde mental “estava 0 ou abaixo de 0” ou que “nem sei mais o que é isso”, mas não souberam elaborar de início o que consideravam como saúde mental. Discutindo, conforme nossos encontros aconteciam, falaram que entendiam que saúde mental seria resolver as questões da vida e questões emocionais, mas sempre em tom de brincadeira, sendo algo que logo trocavam de assunto (Diário de campo, 04 e 25 de agosto e 06 de outubro de 2023).

Em um outro momento com eles, voltei a questionar sobre a saúde mental. Voltaram a repetir que ninguém da turma deles tinha e que “todo mundo é doido e toma remédio”. Alguns

comentaram que já haviam ido ao psiquiatra e que “faziam psicóloga”. Apesar das brincadeiras e de trocarem de tema, comentaram como a saúde mental piorou muito depois da pandemia, ressaltando que voltaram outros jovens (Diário de campo, 04 e 25 de agosto e 06 de outubro de 2023).

Ao começarem a refletir e compreender o tema no decorrer dos encontros, eles relataram como foi um período de emoções intensas – como, inseguranças, medos, ansiedades, tristezas, cobranças, comparações -, como não sabiam lidar com elas e como não tinham com quem conversar sobre elas. Essas vivências tiveram repercussões na saúde mental dos jovens, que comentaram que ainda estavam aprendendo a entendê-las.

Sobre esse aspecto, JK comentou que: “Na minha realidade, a ideia de um problema mal resolvido se tornar um problema mental era definitivamente absurda, banalizada”. Beyonço fez um relato sobre como precisou fazer exames durante o período da pandemia, por achar que estava com “problema de coração” devido aos sintomas da ansiedade:

Eu não tenho nada diagnosticado, mas a minha mãe notou que eu estava tendo falta de ar em casa algumas vezes. Ela pensou que eu tinha um problema de coração, a gente fez um eletrocardiograma... foi caro pra cacete... E a gente viu que não tinha nada, era mais emocional assim. Eu acho que demorou um tempo para eu aprender a lidar mais com as minhas emoções (...) (Diário de campo, 24 de outubro de 2023).

Lili e Ludmillo também refletiram e comentaram sobre suas difíceis vivências de forma íntima, relatando dificuldades em lidar com as emoções e com a saúde mental:

Não foi uma época muito saudável. (...) A pandemia só serviu pra me machucar e sempre que eu penso como poderia ter sido, eu choro... porque podia ter sido uma experiência muito mais agradável. E eu passei por muita coisa, só que... por conta de não saber lidar com essas coisas eu... (pausa e choro)... eu me automachuquei. E fiz meu pior com as pessoas ao meu redor... eu afastei elas... eu tirei ela de perto de mim (pausa e choro)... eu não sabia lidar muito bem com isso (Lili).

A pandemia foi um período muito traumático pra mim. E quando nós retornamos foi pior ainda. Porque eu achei que eu tava bem... só que de repente eu percebi que eu tava muito destrutivo. É um período onde eu realmente, não sei como que estou perto de fazer 18 anos agora... porque eu já tive muitas tentativas de... suicídio... durante a pandemia. Mesmo a minha família não sabendo a maioria delas... (...) meus gatilhos pioraram na pandemia... é isso que eu tô tentando explicar. Eu não sabia o que fazer (Ludmillo).

As falas de Lili e Ludmillo evidenciam a complexidade e a profundidade das emoções e do sofrimento vivenciado no contexto de pandemia, revelando impactos em suas relações familiares e na saúde mental. Ambos os depoimentos expressam experiências marcadas por falta de suporte e amparo diante da intensidade das emoções e vivências.

Comentaram que quando retornaram às aulas, em 2022, muitos tinham crises de ansiedade e de choro. As professoras me falaram e reforçaram como essa volta foi complicada e que não sabiam muito como lidar com os alunos.

Porque tipo foi cansando a mente, foi sobrecarregando... chegou um tempo que ficou muito saturado a nossa cabeça, falando de mim, assim a minha cabeça ficou muito saturada porque era muita informação, mas muitas poucas formas de resolver e de agir/lidar com aquela situação, falavam muitas coisas em cima da gente, mas não mostravam meios de como podia resolver aquilo; (...) e tipo saindo da fase de criança a gente teve que lidar com isso (Ketren).

O foco nas emoções como um elemento importante para a saúde mental esteve presente durante todos os encontros, sendo necessário abordar as temáticas e conversar com os jovens com cuidado e acolhimento. Foi bonito perceber como eles também passaram a se acolher e a se sensibilizarem e se reconhecerem entre seus relatos. Mas, esse ponto, relacionado às dificuldades de entenderem e lidarem com as emoções, continuaram a aparecer em todos os encontros. JK falou sobre ser mais fácil colocar a culpa no mundo, “dizer que o mundo está errado e colocar a culpa nos outros do que ter que ver seus problemas, lidar com seus erros e emoções”. Todos concordaram que não sabem como “se permitir sentir e lidar com as emoções” e que os problemas “têm repercussões ainda nos dias de hoje”.

Disseram em vários momentos sobre como era – e ainda é – difícil lidar com as emoções e repetiam como fugiam dos problemas e emoções. Ketren disse que sempre falava consigo mesma “agora não dá para lidar com isso, vou lidar depois, aí acumula muitas situações e vira um trauma”. Ela falou que deixa de falar muito do que sente por sempre achar que “é pequeno, menor ou besteira”, uma fala que todos concordaram e que relacionaram além dos familiares e amigos diminuírem, às redes sociais, em que há muitas comparações, nas quais “os outros estão sempre bem e a gente mal”.

JK comentou que sentiu isso até mesmo na volta às aulas presenciais, vendo todos voltando à “normalidade” e se questionando “como assim todo mundo tá bem e eu não, vou me basear em como estão para não perceberem que não estou bem”. Com isso, relatou que buscava se basear muito nos outros, em como os outros estavam transmitindo suas emoções. Os jovens comentaram e concordaram que precisam se conhecer mais, que a pandemia teve contradições

nesse sentido. Em distanciamento social e sozinhos em casa, ouviam nas redes sociais que a pandemia “era um momento de introspecção e de autoconhecimento”; mas, na verdade, não estavam vivenciando esse “autoconhecimento”, pois concordaram que precisam do contato com os outros pares para se conhecerem. Como mencionado acima, as experiências e as emoções tornam-se mais visíveis de acordo com a forma como são moldadas através das relações e interações sociais (Hochschild, 2003; Illouz, 2007; Illouz, 2009, Ahmed, 2015).

A pandemia atrasou na maturação, onde a gente ficou muito tempo em casa e como a gente ficou mais tempo com nós mesmos, era pra gente se conhecer melhor, conhecer mais, aprender mais, mas ao mesmo tempo que a gente que se conhece melhor quando tem o outro. Porque quando a gente vê o outro, vê os defeitos e qualidades do outro, a gente consegue enxergar melhor a gente. É como um espelho que não é igual... a gente não se baseia, não se transforma desse modo brusco com base no outro, mas... a gente tem mais noção de como são as pessoas... do que que é ser é... do que que é o ser individual, sabe? Cada um com o seu cada um, cada um tem uma qualidade, um jeito, uma aparência, um caráter e você descobre mais sobre tudo. (...) Cada dia é uma experiência nova. Mesmo que aconteça tudo igual. Pode ser que você tenha aprendido algo, cada dia é novo, sabe? E... quando todos os dias em casa parecem ser iguais, o que que a gente aprendeu? A gente amadureceu quanto? A gente amadureceu? (Beyonço).

Ahmed (2015) acredita que aqueles que sofreram devem ter espaço para sentirem-se melhor, ou seja, devem ter espaço para testemunhar suas experiências e serem ouvidos, sendo, talvez, possível assim, aprender a viver com as feridas que ameaçam a vida se tornar impossível. A autora ressalta que as experiências emocionais, a dor e o sofrimento, além de terem uma história, são marcas na história dos indivíduos. As emoções precisam ser ouvidas e quem escuta precisa entrar em contato com seus próprios afetos. Nas rodas de conversa, com o vínculo estabelecido entre nós e com os temas abordados pude perceber que todos fomos afetados com cada um dos relatos. Todos compartilharam seus afetos, histórias e repercussões das vivências da pandemia com empatia e acolhimento. Mas, ressaltando que essas repercussões deixaram marcas (Ahmed, 2015).

As emoções nos dizem muito sobre o tempo; as emoções são a própria “carne” do tempo. Elas nos mostram que o tempo necessário para se mover, ou seguir em frente, é um tempo que excede o tempo de uma vida individual. Através das emoções, o passado persiste na superfície dos corpos. (...) O tempo das emoções não é sempre sobre o passado e como ele se fixa. As emoções também abrem futuros, nas maneiras como envolvem diferentes orientações para com os outros. Leva tempo para saber o que podemos fazer com as emoções. Claro, não estamos apenas falando sobre emoções quando falamos sobre emoções. Os objetos das emoções deslizam e aderem, e eles se juntam às histórias íntimas dos corpos, com o domínio público da justiça e da injustiça. Justiça não é simplesmente um sentimento. E sentimentos nem

sempre são justos. Mas a justiça envolve sentimentos, que nos movem pelas superfícies do mundo, criando ondulações nos contornos íntimos de nossas vidas. Para onde vamos, com esses sentimentos, permanece uma questão em aberto (Ahmed, 2015, p. 202).

6.2 DISTANCIAMENTO SOCIAL E RELAÇÕES FAMILIARES DURANTE A PANDEMIA

Como foi um tema recorrente, sempre voltavam no assunto do vírus, do distanciamento social e dos sentimentos em relação à convivência com a família, uma vez que eram com ela que passaram a maior parte do período da pandemia. Percebi, desde as primeiras conversas, que era um tema delicado para eles, que a relação familiar influenciou bastante a forma como vivenciaram a pandemia. Em algumas das rodas de conversa, falaram para pular esse tema da família. Sempre relacionavam à convivência familiar, emoções como ansiedade, tristeza, falta de apoio e solidão.

A família e a escola podem ser consideradas os ambientes mais importantes de socialização no desenvolvimento dos indivíduos, sendo ambientes atravessados por seus contextos sociais, culturais e históricos, construídos dinamicamente e diariamente (Demo, 2004; Rocha, 2022). Durante a adolescência, muitos jovens tendem a se aproximar de seus pares e amizades, como um meio de fortalecer a formação de sua identidade (Freitas *et al.*, 2020). Nesse sentido, o ambiente escolar é essencial para a aproximação e para o vínculo de amizades.

A família, independente da composição de seus membros, é importante para a socialização na vida dos indivíduos (Drummond; Drummond Filho, 1998; Pratta; Santos, 2007), uma vez que o vínculo, a afetividade, as ações e as medidas educativas tomadas no âmbito familiar influenciam na constituição da identidade e da subjetividade dos jovens (Romanelli, 1997). Como grupo de socialização, a família reflete um modelo de reprodução dos padrões culturais que se apresentam de diferentes maneiras nas sociedades existentes e que sofrem transformações nos processos histórico-sociais (Osório, 1996). Assim, no interior das famílias, os valores, as normas, as crenças e os padrões de comportamento da sociedade vão sendo ensinados e reproduzidos (Drummond; Drummond Filho, 1998).

Apesar de se constituir social e culturalmente, cada família constrói sua própria história, vivenciando e expressando os sentidos e as realidades vividas, a partir de elementos objetivos e subjetivos dos indivíduos que a compõe (Oliveira, 2009; Fundação Maria Cecília Souto Vidigal; Fundação Bernard Van Leer, 2021; Rocha, 2022). Dessa maneira, a estruturação da

família está vinculada aos momentos histórico-sociais que atravessam a sociedade da qual ela faz parte, uma vez que as diferentes composições familiares são determinadas por diversos conjuntos de variáveis ambientais, sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas (Singly, 2000, Pratta; Santos, 2007). Compreendendo a diversidade dos arranjos familiares, é necessário ressaltar o caráter também plural das famílias.

Nessa pluralidade de famílias, a maioria dos jovens falaram e se apoiaram quando o assunto era a relação familiar. Muitos vivenciaram situações parecidas e, durante a pandemia, em diferentes momentos, relataram como foi ruim estar em casa com suas famílias. Alguns ressaltaram que, mesmo antes da pandemia, a relação com a família já não era boa, “só ficando pior”. Muitos de seus pais seguiram trabalhando normalmente, mas por estarem mais tempo em casa, discutiam muito. Outros jovens comentaram que as mães ficaram desempregadas e se sentiam mal e impotentes por terem 14/15 anos e não poderem trabalhar para complementar a renda.

Os jovens concordaram que as amigas eram sua família ou que as amigas eram a segunda família. Para alguns dos adolescentes, a família era “conforto”, “refúgio”, “cuidado, apesar dos desentendimentos”. Falaram em diferentes momentos sobre a falta de apoio familiar, antes, durante e após a pandemia. Rihanna comentou sobre sua família: “na minha família é assim, você não me ajuda, eu não te ajudo” (Diário de campo, 25 de agosto e 24 de outubro de 2023).

Já a jovem Lili comentou como convivia com as pessoas da família dentro de casa:

(...) o convívio não estava muito bom ali, porque era muito tempo perto um do outro e a gente não podia sair nem conversar com outras pessoas pessoalmente, só por mensagem ou por ligação. (...) Aí acabou que ficou muito sozinho e mais ligado com as pessoas que falavam por telefone com a gente (Lili).

Outro jovem, Ludmillo, comentou que as questões familiares e os problemas relacionados ao convívio também já estavam presentes antes da pandemia:

Questão de tipo, diferença de geração, criação, pensamento, tudo isso vai afetando e vai mudando. Mas acaba que quando você fica sozinho em um espaço onde você não consegue achar pessoas que você consegue se identificar, num meio onde você consegue se sentir confortável em meio a um contexto que te faça se sentir bem, em muitos momentos você acaba se perguntando, porque eu to aqui? O que eu to fazendo? (Ludmillo)

Ludimillo passou por momentos de dificuldades em relação à família: a mãe ficou desempregada e foram despejados da casa onde moravam. Precisou morar com seu irmão, com quem não tinha uma boa relação, que controlava seus horários na casa dele e que não respeitava sua sexualidade. Ele chegou a relatar, de forma aberta e íntima, esse período morando com o irmão:

Foi um desespero... (...). E foi um período horrível... horrível... lá... eu não tinha acolhimento nenhum. Tudo que acontecia era minha culpa. Eu tinha que ser responsável pela limpeza da casa inteira, apesar de não reclamar disso, porque eu era o único que tinha que ficar o dia inteiro lá. (...) Meu irmão também falava muito do meu corpo, do meu jeito de falar, dos tipos de assunto que eu gostava de conversar... eu comecei me isolar do contato com outras pessoas porque eu ficava com medo de que alguma hora ele fosse ouvir e me atacar por isso, me invalidar. (...) E com isso, eu fui desistindo de viver. Eu também perdi os meus gatos durante esse período, meus gatos morreram. Só que eu também não tava lá pra poder ver o que aconteceu e eu... desisti de viver... parei de comer... voltei a me cortar (Ludmillo).

Além das reverberações sociais, econômicas e laborais das últimas décadas e decorrentes da pandemia, a Covid-19 também provocou e tem provocado mudanças nos padrões de interação social e das formas de comunicação entre os jovens e os familiares (Silva et al., 2020; Rocha, 2022). Houve um maior compartilhamento de espaços do lar por um longo período, dada a necessidade de os membros da família permanecerem em casa e realizarem suas atividades nesse ambiente (Prime; Wade; Browne, 2020). Com isso, aumentaram os riscos de dificuldades na comunicação e no compromisso com a convivência (Stanley; Markman, 2020).

Os jovens, que antes frequentavam a escola por longos períodos de dia e se relacionavam com seus pares, passaram a estar presentes por mais tempo em casa com os familiares, com preocupações relacionadas aos estudos, relações sociais e redes sociais. Com o ensino remoto, houve a necessidade dos jovens de estudar em casa, o que ressaltou diversas dificuldades que já estavam presentes no seu cotidiano de aprendizagem. Os jovens não estavam habituados a uma rotina de estudos em casa, lugar associado ao descanso e entretenimento. E enfrentaram dificuldades com o processo de ensino remoto e com a rotina. Esse processo pode ter levado a desgastes para ambos os lados, uma vez que os familiares também estavam passando por mudanças de rotina e dificuldades financeiras.

Ainda em relação ao convívio familiar, questões relacionadas às comparações e cobranças de familiares reapareceram em vários encontros, em que os jovens sempre se queixavam da falta de apoio dos sentimentos e do apontamento de erros por parte de seus familiares, “chorando para que? Na minha época (...)”. Essas comparações e cobranças estavam

presentes antes da pandemia, mas com o convívio maior entre eles, piorou, o que fez com que tivessem receio de falarem entre si quando estão mal, sentindo a necessidade de terem que ser fortes na frente dos pais. Além disso, sentindo a necessidade de parecerem felizes, uma vez que nas redes sociais todos se comportam como se estivessem bem e felizes.

A jovem Ketren comentou sobre seu convívio familiar, dizendo: “(...) e aí juntava a minha vida infeliz, eu não tendo um bom convívio com a minha família, porque está todo mundo estressado, cheio de problemas, porque a economia também. Desandou tudo, então, em casa também desandaram e aí não tinha boa convivência”.

Apesar de não se sentirem apoiados com essas pressões dos familiares, tentam ser compreensivos com os pais, por terem tido uma criação diferente e mais “dura”, mas pontuaram de forma veemente que eles não querem ser como os pais. Comentaram muito que não se espelham neles para tratar irmãos mais novos, sobrinhos ou primos.

Foi um período pesado para Lili, que disse:

Isso era muito pesado porque a minha mãe nunca falou como ela se sentia, meu pai nunca falou como ele se sentia, minha tia, nenhum deles falam como eles se sentem. Então eles só jogavam a raiva, a felicidade... ‘eu estou feliz então você também tem que estar feliz’, ‘eu estou triste, você não pode jogar sua felicidade na minha cara’, então eu via a vida das pessoas lá fora com os vídeos no Tik Tok com os pais e isso me machucava para caramba, porque os pais estavam ‘meu filho é lindo, a gente conversa sobre tudo e papos de pai e filho...’ (...) ‘minha vó não falava sobre os problemas dela aí ninguém falou e foi um ciclo que fica se repetindo o tempo todo e isso é muito desgastante, porque o que a gente mais quer é saber como a pessoa está se sentindo ainda mais em relação a gente (Lili).

Os jovens reconhecem como o apoio e o amparo dos pais e irmãos é importante e pude perceber como essa temática era sensível para eles e como os afetou na pandemia. Essa temática também me sensibilizou muito, principalmente por acompanhar o fortalecimento do vínculo e apoio entre eles.

Uma preocupação relevante que também observei em relação ao futuro e aos estudos foram os relatos de ansiedade e insegurança em relação ao desempenho que apresentariam no ENEM, devido às circunstâncias provocadas pela pandemia, especialmente devido ao fechamento das escolas, ao ensino remoto e às desigualdades apresentadas pelas diferenças na preparação dos estudantes de escolas públicas e privadas no país. Os jovens comentaram em diferentes momentos das rodas de conversa que há a pressão de vestibular e de serem um dos primeiros na família a ter diploma.

Falaram muitas vezes sobre a pressão por parte dos pais de “serem o futuro da família” e “os primeiros a entrarem na universidade”. Além disso, ter a pressão dos pais de “serem fortes”, de mesmo cansados ou tristes não poderem ter um momento de descanso ou não poderem reclamar, pois os pais e irmãos mais velhos sempre comparam com a própria juventude, na qual já eram pais ou já trabalhavam quando tinham tal idade e eles “só estudam”. Rihanna, JK e Ludmillo trocaram experiências e contaram que os irmãos mais velhos apanharam e os pais tiveram dificuldades na vida e no estudo, então eles “jogavam” na “cara” deles que “não tem o que reclamar”. Pensam que não podem reclamar por isso, que teriam uma vida mais “leve” que os irmãos e pais, assim, pensam que não podem sofrer porque não sofreram igual a eles. Com essas falas, acabam guardando muito para si mesmos, por não poderem demonstrar “vulnerabilidades” e “fraquezas”. E acabam fugindo dos sentimentos para não terem e por não saberem lidar com eles, não tendo espaço para serem ouvidos e acolhidos em casa (Diário de campo, 25 de agosto, 26 de setembro e 24 de outubro de 2023).

Observei como comentavam sobre a interrupção dos planos para o ano de 2020 e surgiram questionamentos se o ano teria sido desperdiçado. Muitos dos jovens estavam começando o Ensino Médio em uma nova escola, devido ao fato de muitas escolas públicas municipais seguirem o ensino somente até o Ensino Fundamental. Já estavam receosos com a mudança de ambiente escolar e, quando começaram a se adaptar, em março, as aulas presenciais deixaram de acontecer. E, com a volta às aulas, demoraram a “voltar à rotina” de estudos e se adaptarem, já tendo provas de ENEM e PISM para fazerem.

Assim, o distanciamento social impôs mudanças na rotina dos jovens, que deixaram de ter aulas presenciais e o contato presencial diário com os amigos. Em casa, relatavam ser difícil manter a rotina, os estudos e a convivência familiar. Além disso, havia a cobrança de estar sendo produtivos e precisarem fazer alguma atividade para ocupar o tempo, para manterem algum tipo de rotina. No contexto brasileiro atual, há atravessamentos problematizados como a “sociedade do cansaço” (Han, 2017a), a necessidade de um constante aprimoramento (Rose, 2019) e o estímulo à positividade e à felicidade (Han, 2015; 2018; Cabanas; Ilouz, 2019) que apontam para vivências baseadas na performance e no produtivismo (Ribeiro; Ribeiro, 2021), sendo entendidos como atravessamentos que contribuem para a autocobrança, a ansiedade e para o processo de adoecimento dos jovens. Mesmo durante a pandemia, essa necessidade e cobrança de estar produzindo e não poder ficar “à toa” estava presente, o que relatavam ter contribuído para os jovens estarem experienciando a ansiedade e tristeza, como essa jovem comenta: “(...) se eu ficasse muito tempo deitada eu era chamada de à toa, me levantavam para

eu fazer alguma coisa, não importava, eu não podia ficar parada. Então vai cuidar dos seus primos, vai fazer alguma coisa, não fique parada!” (Lili).

Um ponto que foi sendo abordado com mais reflexões nas rodas de conversa foram os afetos despertados pelo fato de passarem parte da juventude (14/15 anos) em distanciamento social. Nesse momento importante da transição entre serem crianças e se tornarem jovens, estavam em casa, longe dos amigos e da escola. Ketren comentou sobre serem jovens e estarem em uma fase de transição; não são considerados mais infantis, mas também não são adultos. Ao mesmo tempo, são jovens demais para decidir como adultos, mas já adultos demais para terem que seguir com muitas pressões e responsabilidades. “A gente não é nada e exigem que sejamos tudo” (Ketren – Diário de campo, 24 de outubro de 2023). Essa fala sintetiza os desafios enfrentados pelos jovens no período de transição entre a infância, a adolescência e a vida adulta, refletindo as contradições e limitações próprias dessa fase de desenvolvimento e as expectativas sociais que lhes são impostas.

As concepções sobre as juventudes, ao longo da história, abordam uma perspectiva reducionista que não considerava a complexidade e as especificidades das realidades vivenciadas por esses indivíduos. Castro, Aquino e Andrade (2009) comentam como os jovens podem ser vistos a partir de uma perspectiva que os define como problemáticos, rebeldes e desviantes. O jovem ora é considerado como problemático, rebelde e desviante, ou é compreendido através de uma ótica desenvolvimentista homogênea de transição através de etapas – a ideia de “adolescência” (Castro; Aquino; Andrade, 2009).

Esteves e Abramovay (2008) também comentam como a juventude é constantemente associada ao desvio e à transgressão, em que seriam capazes de colocar em risco sua própria integridade quanto a de toda a sociedade. Além disso, são vistos como “o futuro das nações” e “os responsáveis pelo advir”; e de forma “adultocrata”, através do estabelecimento de “relações tensas e assimétricas entre jovens e adultos” (Esteves; Abramovay, 2008, p. 5). Dessa forma, ainda que seja conferida à juventude a esperança e a responsabilidade pelo futuro e por um mundo melhor, a sociedade e as famílias se relacionam com eles a partir de expectativas e cobranças.

A transição infanto-juvenil corresponde a um reconhecimento social por parte de seus pares e dos adultos. Mas, na maioria das culturas da sociedade urbana ocidental não se sabe em que momento os jovens passam pela transição entre infância-juventude-vida adulta. Os jovens vivenciam muitos obstáculos nesse período de “transição” entre adolescência e vida adulta. Alguns desses obstáculos são inerentes à juventude, outros refletem as transformações que a sociedade brasileira passa como um todo, mas que atingem a população jovem de uma maneira

diferenciada. Camarano, Mello e Kanso (2006) apontam que a transição para a vida adulta tem mostrado que as experiências de vida e as expectativas da atual geração de jovens são mais complexas e menos previsíveis que suas predecessoras. A literatura também aponta para um possível prolongamento da juventude, dado que se tem observado um aumento no tempo passado na escola e universidades, dificuldades de inserção no mercado de trabalho e mudanças nos arranjos familiares. Assim, os momentos no ciclo da vida em que ocorrem os eventos que marcam o processo de transição variam no tempo, no período histórico, na cultura e de acordo com os grupos sociais – este último estaria relacionado ao fato dos marcadores interseccionais de classe, raça/etnia e gênero (Camarano; Mello; Kanso, 2006). Nesta perspectiva, entendendo o contexto socioeconômico atual e de distanciamento social da pandemia, essa transição deixou de ser um tipo de “trajetória linear”, apesar das expectativas e cobranças estarem presentes nos relatos dos jovens (Abramo; León; Freitas, 2005).

Os períodos escolar e universitário permitem que ocorram interações entre os jovens e seus pares, colegas e amigos, sendo relações importantes para o desenvolvimento de senso de pertencimento, para o descobrimento de suas identidades e para a constituição de suas subjetividades (Miranda *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2020; Singh *et al.*, 2020). Esse período do final da etapa da escola para a universidade ou mercado de trabalho, esse período de decisões em relação ao futuro acadêmico ou profissional era um ponto muito comentado entre eles, assim como a “transição” e o “amadurecimento” para a vida adulta. No caso deles, esse período foi vivenciado sendo atravessado pela pandemia, por dificuldades financeiras e de estudo remoto em uma escola pública, o que teve repercussões em suas vivências. Os jovens se sentiam inseguros e ansiosos com esse período, dizendo: “tipo saindo da fase de criança a gente teve que lidar com isso”. E como a jovem Ketren diz ter tido “um ano da sua vida roubada, tirada de você a força”. Para ela, a pandemia trouxe “muitos casos, muitos traumas, muitas tristezas, sabe? Tipo, você era só uma criança! Eu acho que você não precisava ter passado por tudo aquilo, enfrentado tanta coisa, tomado tanta decisão importante em uma fase tão nova da sua vida, mas, infelizmente, aconteceu” (Ketren).

Outra jovem comentou como teve que amadurecer, sem se conhecer e sem vivenciar experiências que normalmente a juventude vivencia, como festas entre seus grupos de amizades: “A gente amadureceu muito rápido sem se conhecer, porque era época da gente se conhecer, começar os nossos rolezinhos, finalmente, poder sair de verdade sem os pais na nossa cola e iria ser essa época, que a gente perdeu (...) a gente não tem isso, então a gente não sabe...” (Lili).

Nesse período importante de socialização da juventude e de autoconhecimento, os jovens consideraram que “foi uma etapa da juventude que ‘comeu’ o autoconhecimento” (Beyoncé) e que acabavam por “se ‘alimentar’ do que via dos outros amigos e dos perfis das redes sociais – dos influencers”. Ele disse ainda que a pandemia “foi um rombo na nossa identidade” e que “a gente tinha que tampar com curativo a personalidade e os problemas com as amizades” (Diário de campo, 24 de outubro de 2023).

Durante o período da pandemia, os jovens relataram como houve a necessidade de um amadurecimento acelerado, acompanhado por uma ampliação significativa de responsabilidades e expectativas por parte dos familiares e deles consigo mesmos. As restrições com o distanciamento social e com a dificuldade de interação presencial aceleraram a necessidade de maturidade e prejudicaram as experiências coletivas presenciais, tão essenciais, entre os jovens e seus pares.

Pelos relatos sobre o período vivenciado em distanciamento social em casa com a família, foi possível perceber como haviam contradições. Havia uma preocupação com a saúde da família e se seriam contaminados com a Covid-19, mas haviam muitos conflitos familiares. Embora houvesse um maior convívio em casa, havia um maior distanciamento emocional entre eles e muitos relatos de solidão. Enquanto, mesmo sem aulas na escola e longe das amizades em sala de aula, havia uma maior proximidade com elas através das redes sociais.

6.3 ESCOLA E VOLTA ÀS AULAS

A emergência da pandemia trouxe consequências para a juventude brasileira nos setores educacionais e do trabalho (Pietroni, 2022). A educação faz parte dos direitos sociais fundamentais garantidos pela Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988). Apesar das garantias legais do direito à educação, durante os governos de Temer e Bolsonaro, assim como na pandemia de Covid-19, seu desmonte tem sido aprofundado, sendo tratada cada vez com menos prioridade pelos governantes.

Antes mesmo da pandemia, já havia um movimento sendo propagado em discursos sobre a educação pela adoção do empreendedorismo como medida a ser adotada pela juventude. A justificativa seria a de auxiliá-los na entrada do mercado de trabalho e na transição entre a juventude e a vida adulta, sendo a adoção do empreendedorismo, a forma mais comum em países periféricos como o Brasil (Shiroma; Zanardini, 2020).

Durante o governo Temer, foi colocado em pauta um programa neoliberal denominado Uma Ponte para o Futuro, lançado pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)

em outubro de 2015. Foi nessa conjuntura política e econômica que a Reforma do Ensino Médio chegou ao Congresso Nacional através da Medida Provisória n. 746/2016 e se concretizou por meio da Lei 13.415/2017 (Brasil, 2017). Os empresários da educação e das instituições internacionais foram os interlocutores do governo para promoção dessa reforma, sem que houvesse um diálogo com pesquisadores da área, com os profissionais da educação e com os movimentos sociais da educação (Andrade; Duarte, 2023).

Para o governo, a proposta de reforma do Ensino Médio estaria alinhada às recomendações do Banco Mundial (BM), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), para o Ensino Médio. O empresariado e tais organizações justificam essas alterações de acordo com a necessidade de preparar a juventude para os desafios da flexibilização do mercado de trabalho do mundo atual (UNESCO, 2008; Banco Mundial, 2007; OCDE, 2019).

A Reforma do Ensino Médio flexibilizou o tempo escolar, a organização do conteúdo curricular, a oferta do serviço educativo, a profissão dos docentes e as responsabilidades federais e estaduais (Brasil, Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017). Além disso, implantou uma Política de Fomento de Escolas em Tempo Integral, propondo a expansão progressiva do tempo de escolarização de quatro horas para sete horas diárias. Em Minas Gerais, o EMTI (Ensino Médio em Tempo Integral) foi implementado em 2017 no governo de Fernando Damata Pimentel, do Partido dos Trabalhadores (PT) (Minas Gerais, 2018).

O termo educação integral pode se confundir à jornada escolar em tempo integral, objetivando o enfrentamento da desigualdade educacional associada à desigualdade social. Nesse sentido, a educação integral pode ser entendida como a ampliação de tempos e espaços educacionais, de compromissos sociais da escola, para a melhoria da qualidade da educação pública (Cavaliere, 2010). Entretanto, devido à situação de pobreza e exclusão às quais muitas crianças e jovens que vivem no Brasil, a terminologia educação integral associada ao tempo integral pode ser empregada como relacionada a um entendimento de proteção social, como para afastar crianças e jovens da criminalidade, das “ruas” (Guará, 2009).

Na turma do 3º ano do ensino médio que estava acompanhando, quase metade dos alunos somente assistiam às aulas no período da manhã, por conta de trabalharem à tarde. Esses alunos, precisam fazer provas e atividades avaliativas durante as aulas da manhã, enquanto estão em aula de outras disciplinas. Eles também recebiam a matéria e os conteúdos da tarde e precisavam estudar mais em casa, após o trabalho, para repor esse período.

Na pandemia, os jovens relataram como tiveram dificuldades de manter uma rotina de estudos assim como foi difícil a adaptação após a volta às aulas. Em relação a essa volta às aulas, criticaram em diversos momentos o Ensino Médio Integral e o Novo Ensino Médio, ressaltando como se cansavam mais, por precisarem ficar estudando muito para as aulas e provas da escola, sem que sobrasse tempo para se dedicarem ao PISM e ao ENEM. Repetiam que “o estudo não rende”, que ficam “cansados demais” e que “se sentem muito pressionados”. Também comentaram como “só têm banhos de sol” por curtos períodos na escola – tendo lanche às 9h, almoço às 12h e lanche às 15h (Diário de campo, 26 de setembro). Alguns dos alunos, além das aulas da escola pela manhã e tarde, ainda fazem curso técnico à noite, como Beyonço e Lili, que comentaram não ter tempo de estudar e que ficam muito cansados. Os jovens saíram de uma rotina de distanciamento social, com muito tempo em casa para retomarem o ensino com uma grande carga horária de aulas. Apesar dessa grande carga horária, várias vezes que estava presente na escola, os alunos estavam sem alguma aula, por falta dos professores. Os professores também relataram essa dificuldade de voltar ao Ensino Integral e de se adaptarem ao modelo do NEM.

Mesmo não tendo aulas, com as faltas recorrentes de professores, comentaram que precisavam ficar em sala, mas nesse período, não conseguiam estudar outra disciplina, preferindo conversar entre si e descansar. Lili comentou que:

O ensino integral até tinha ideias legais, tipo o clube do livro e outras atividades. Na teoria era boa a ideia de estar na escola com atividades, mas a escola não tem salas e estrutura para clubes e o novo ensino médio não está sendo bom. Agora deixam em sala de aula 9h – minha irmã trabalha menos horas – e não pode falar que está mais cansada que ela porque ela que “trabalha” (Diário de campo, 24 de outubro e 17 de novembro de 2023).

E acrescentou: “Aí acumula ansiedade e dor na coluna de ficar assentada – minha coluna dói mais que da minha irmã que trabalha em pé” (Lili). Ela ainda acrescentou e todos concordaram: “Achei que fosse ser o ensino integral igual nos filmes dos EUA, mas não é” (Diário de campo, 24 de outubro e 17 de novembro de 2023).

Tentei conversar sobre o ENEM com os jovens, mas, assim como as discussões relacionadas à família, eles não se sentiam muito confortáveis. Inclusive, nas datas próximas ao ENEM, comentei que faria uma pausa nos grupos de conversa para que eles pudessem focar nos estudos, mas todos pediram que não parasse de ir, pois depois iam ter o PISM e que seria bom ter esse momento de discussão e dinâmicas nessas semanas. Eles sempre reforçaram como as discussões e dinâmicas eram importantes para a semana deles e para se aproximarem mais

entre eles. Nesses momentos, me sentia muito satisfeita com a pesquisa e com as rodas de conversa.

A relação e o vínculo que criamos foi se fortalecendo ao longo das semanas e, teve ocasiões que não precisávamos nos comunicar com palavras. Em um dos grupos, estávamos conversando na biblioteca, quando a bibliotecária chegou, pediu licença e foi fazer seu trabalho no espaço. Nesse momento, todos jovens ficaram em silêncio e me olharam de uma forma diferente. Eu perguntei à bibliotecária se havia algum outro espaço livre na escola e ela falou sobre a sala de vídeo. Fui buscar a chave e no caminho Ketren, Lili e Dani falaram comigo “já estamos até nos comunicando mentalmente” e “você entende a gente”. Rimos e continuamos as discussões na sala de vídeo, onde eles puderam falar mais livremente sobre a escola e sobre as dificuldades de estarem em um Ensino Integral que não cumpria o que prometia (Diário de campo, 24 de outubro).

Além desses fatores relacionados ao Ensino Integral e ao NEM, os alunos vivenciaram os desafios do ensino e aprendizagem na pandemia. Nesse contexto de Covid-19, o conhecimento e o acesso às tecnologias educacionais se tornaram imprescindíveis desde o fechamento das escolas. Foi necessário que as instituições de ensino pensassem formas alternativas de manter o vínculo com os alunos, dando continuidade ao processo de escolarização, evitando retroceder, em muito, sua aprendizagem (Rocha, 2022; Pietroni, 2022; Alves, 2023). No Brasil, esse movimento de pensar formas alternativas de ensino e aprendizagem na pandemia aconteceu de maneira diversa e controversa, uma vez que não houve uma posição unânime quanto ao protocolo a seguir, seja por parte dos governos municipais, estaduais ou federal. É importante enfatizar que as diretrizes do governo federal, bem como o negacionismo da letalidade do novo vírus, fizeram com que as medidas de isolamento social se efetivassem de modo não coordenado. Diante desse cenário, o Ensino Remoto (ERE) surgiu como a opção para manter o contato entre professores e estudantes. Desde então, muitos desafios e dificuldades foram evidenciados (Pietroni, 2022; Alves, 2023).

A educação, as escolas e as universidades foram afetadas pela pandemia, deixando em evidência as dificuldades de muitas instituições de ensino e as desigualdades sociais nelas contidas para um cenário de crise, em que a tecnologia se tornou uma das principais ferramentas para o processo de ensino e de aprendizagem (Rocha, 2022). Os principais questionamentos e problematizações envolveram, como destaca Alves (2023), a desigualdade socioeconômica dos brasileiros e, conseqüentemente, a falta de acesso aos recursos tecnológicos necessários para o acompanhamento de aulas remotas por grande parte da população; e a contraposição entre a qualidade do ensino presencial e do ensino remoto (Charczuk, 2020), uma vez que o ERE não

resolveu e sim ressaltou os problemas evidentes e latentes, que já impunham inúmeras barreiras na educação pública brasileira.

Até o início da pandemia, o ensino remoto restringia-se quase exclusivamente às formações de nível superior, através da Educação à Distância (EaD) (Nobre et. al., 2021). Arruda (2020) ressalta que o ERE é uma modalidade diferente da EaD. Enquanto a EaD ocorre principalmente no ensino superior e cursos técnicos, envolvendo os profissionais a pensarem em estratégias de efetivação do processo ensino aprendizagem do aluno, o ERE, por sua vez, se caracterizou como um recurso emergencial para se trabalhar com os conteúdos curriculares no contexto de pandemia. A nota técnica elaborada pela organização da sociedade civil, “Todos pela Educação” (2021), ressaltou que o ERE, apesar de fundamental para minimizar os efeitos do fechamento das escolas, possuía limitações. Com isso, a nota comenta que, com a volta às aulas presenciais, os estudantes podem apresentar lacunas significativas de aprendizado (Todos pela Educação, 2021, p. 7, sic). O entendimento de ERE é baseado em um conjunto de atividades emergenciais que as escolas e demais instituições de ensino elaboraram e executaram através de dispositivos e plataformas virtuais e online (Carvalho; Araújo, 2020), sendo uma adaptação temporária das metodologias utilizadas no regime presencial (Alves, 2023).

Nesse período de ERE, os professores tiveram de adaptar os materiais para realização das atividades online para ajudar os alunos na compreensão e participação das tarefas educacionais. Muitas atividades eram realizadas em forma de aulas síncronas e assíncronas, e para a comunicação dessas atividades eram usados aplicativos (Alves, 2023), como WhatsApp, Instagram, Email; Google Meet, Google Classroom, Zoom, etc. Essas mudanças da digitalização de opções de ensino e aprendizagem já vinha acontecendo, mesmo antes da pandemia. Mas, a exclusão digital para além de ser individual, entre os alunos e professores, é também coletiva, uma vez que o acesso e recursos das redes de ensino público já não estavam tendo como implementar as TICS (Tecnologias da informação e comunicação) (Nobre et. al., 2021; Barbosa; Anjos; Azoni, 2022).

Sendo um recurso que depende de tecnologias virtuais e online, ficou evidente como as desigualdades socioeconômicas prejudicaram uma parcela alta de alunos que não tinha acesso aos dispositivos, como computadores, notebooks, smartphones e à rede de internet para que pudessem participar das aulas remotas (Mendes, 2021; Pietroni, 2022; Alves, 2023; Barbosa; Anjos; Azoni, 2022).

É relevante mencionar que o direito à educação, no contexto da pandemia, quando não consolidado apresenta-se como um empecilho à redução das vulnerabilidades econômicas e sociais do país, uma vez que há aumento das desigualdades causado pela “meritocracia” e das

oportunidades oferecidas aos jovens, na educação, no trabalho e no (des)emprego (Pietroni, 2022).

Em relação ao estado de Minas Gerais, foi estabelecido pelo governo estadual que nenhum aluno da rede de ensino fosse considerado reprovado enquanto durassem as atividades exclusivamente remotas (Alves, 2023). Além disso, foram estabelecidos os Planos de Estudos Tutorados (PETs), visando à manutenção do processo ensino e aprendizagem e da rotina de estudo dos estudantes. Com os PETs, eram entregues aos alunos apostilas mensais, que agregaram um conjunto de atividades e orientação de estudos (Resolução SEE nº 4310/2020, SEE-MG, 2020). Todo mês os alunos iam até a escola entregar as atividades realizadas nos PETs, que servia de uma oportunidade para se encontrarem e socializarem. Eles relataram alguns aspectos que prejudicaram o estudo na pandemia e que agora, com a volta às aulas, ainda estão presentes: a procrastinação e a falta de rotina. Na pandemia, comentaram que deixavam tudo para última hora, por terem muito tempo e falarem “tem tempo, depois eu faço”. Usavam o Discord para discutirem ou conversarem sobre as respostas das questões PETs. E, como os livros e exercícios eram os mesmos em todo o estado, então usavam um canal do Youtube que divulgava as explicações e questões para fazerem o PETs.

Eles relataram terem se encontrado online para discutir os PETS, mas não era suficiente para a aprendizagem e não achavam que era um bom modelo de ensino. Apesar de todos terem acesso ao sinal de internet para os exercícios e estudos, muitos tiveram dificuldades com os aparelhos celulares e computadores, por conta de algum mal funcionamento ou com o acesso aos dados móveis ou Wifi. Alguns deles ficaram dias sem acesso à internet e com isso, sem o contato com os amigos, que fizeram falta, pois eram o suporte que tinham para lidar com os problemas e emoções.

O seu ensino foi defasado e justo você, uma menina que sempre foi cobrada a dar o seu melhor, a ser uma futura médica, uma futura advogada, sempre foi cobrada para fazer uma faculdade teve um ano da sua vida roubada, tirada de você a força, que é o nono ano: porta para o ensino médio, que você não teve e isso também... foi muito difícil você lidar com tudo que estava acontecendo, porque era seus 15 anos e você tinha pagado a festa inteira, estava tudo alugado, tudo pago, tudo comprado e faltava menos de duas semanas para sua festa de 15 anos acontecer quando deu Lockdown e fechou tudo e o seu sonho de criança de se vestir como uma princesa nos 15 anos foi adiado. Foi uma dor tremenda quando no nono ano eu não consegui, né? Porque em 2020 que eu fiz 15, não consegui ter minha prova (correção) não consegui ter minha festa (risos) (Ketren).

Esse relato reflete como a pandemia impactou a vida de jovens em momentos considerados essenciais para sua formação, identidade e subjetividade. A fala de Ketren destaca a interrupção de marcos educacionais importantes, como o encerramento do ensino fundamental e a entrada no ensino médio, assim como, a perda de “rituais” culturalmente significativos em nossa cultura, como a festa de 15 anos. Esses eventos, muitas vezes carregados de simbolismo e significado, ajudam a consolidar identidades e marcam importantes vivências na vida dos jovens.

Durante a conversa com eles sobre como a volta às aulas impactou a relação de amizade que estavam vivenciando de forma online e virtual, Ketren e JK relataram como tentavam se encaixar nas relações de amizades. Ketren comentou que tentava se “encaixar tanto em alguma amizade que talvez pudesse ver o reflexo da minha amizade, sendo muito amiga da Dani, veria a Dani no espelho e não meu próprio reflexo”.

Mais uma vez, as amigas sempre apareciam como um ponto de apoio, seja como a “família” que escolheram ou como base para espelharem seus comportamentos. Eles concordaram que se sentiam dependentes dos amigos para ser quem são, para se adequarem e se encaixarem.

Aproveitei a temática da juventude para conversar também sobre a sexualidade na pandemia, um tema que é muito presente nessa etapa do desenvolvimento e que tiveram de passar em distanciamento social. Lili deu um relato marcante, falando sobre como contou para mãe sobre ser “lésbica/bi/qualquer coisa que vier” e sua mãe ter reagido com uma fala como “isso vai passar”. Falou que a mãe ter a “invalidado piorou minha saúde mental”, pois esperava que fosse ter apoio – “e estragou o meu relacionamento porque achou que fosse passar e eu ia gostar de homem, mas não passou”. Hoje, ela diz que sua mãe “aceitou” sua sexualidade, mas continua a fazer piadas homofóbicas: “ela diz que não é, que se fosse falaria algo pior, mas ela fala ‘leva seus amigos coloridos nesse lugar, que nesse lugar tem pessoas fáceis de pegar’, é homofóbico ‘amigos coloridos’”. Já seu pai falava sobre sua namorada como a “amiga de Lili”, mesmo ela repetindo que era sua namorada.

Rihanna (preta) disse que “descobri que gosto de branco” e que na pandemia “era triste ver um casal rico em Paris sorrindo no Instagram e nós aqui fazendo coisa de pobre e coisa brega”. Outros jovens do grupo falaram que não pensavam muito sobre isso. Beyonço acrescentou que “só ficava jogando”. JK e Tay, que namoram, deram um depoimento bem íntimo, falando sobre as descobertas e sobre terem crescido em lares religiosos (Diário de campo, 17 de novembro de 2023).

O período da pandemia e o distanciamento social foi especialmente desafiador para os jovens, afetando o campo dos estudos. A transição abrupta para o ensino remoto ampliou desigualdades educacionais, gerando dificuldades de aprendizado e de rotina.

6.4 TECNOLOGIAS E REDES SOCIAIS

A pandemia trouxe mudanças na forma dos jovens se relacionarem com as tecnologias e o uso de redes sociais, que assumiram um papel importante para o compartilhamento das informações e para a manutenção do contato de familiares e amigos enquanto em isolamento social. Como muitos dos indivíduos tiveram de estudar e trabalhar em casa, passaram grande parte do seu tempo nas plataformas de redes sociais, não apenas para se manterem conectadas com a família e amigos, que não podiam ser visitados e não podiam interagir presencialmente devido às restrições de distância física, mas também para terem acessos às informações acerca dos cuidados de saúde (Melo; Silva; Nitschke; Viegas, 2023). A maioria dos adolescentes indicou um aumento no uso das redes sociais durante o confinamento.

Os jovens ressaltaram que não tinham o que fazer no período da pandemia e aumentaram o consumo do celular, como Aline comentou, dizendo que “ficavam em casa, sem nada para fazer e viam no Instagram gente inconsequente postando fotos saindo”. Graziela Zero falou que chegava a ficar quase um dia inteiro no celular: “eu ficava 20h por dia no celular”. Disseram que o mais que utilizaram nesse período de pandemia foi o celular, para as redes sociais, Instagram, Tiktok e Twitter, mas também para ver Netflix, jogar “joguinhos” e ler Mangá. No computador, usaram para séries, jogos e The Sims.

Perguntados acerca da redução do uso dos celulares depois da volta às aulas, enquanto Graziela Zero afirmou que “não, se não está na escola, está no celular”. Ketren, Dani e JK comentaram que “sim, mas porque estão com mais coisas para fazer, estão mais tempo na escola, senão, estariam no celular”. E Tay acrescentou que “sim, mas com resquício, se tem tempo todo mundo continua no celular”.

A Covid-19 impôs medidas de segurança como o distanciamento social, limitando as interações presenciais; no entanto, os indivíduos continuaram se comunicando e interagindo de forma online. O aumento da interação nas redes sociais foi de 61% durante a primeira fase da pandemia (Fullerton, 2021). Segundo a Datareportal (2021; Kemp, 2020), as razões principais para a utilização crescente de redes sociais durante este período foram: para manter contato com amigos e família (48,6%); para preencher tempo livre (36,3%), ler notícias (35,2%), encontrar

conteúdo divertido (30,9%), ver o que está a ser falado (29,3%), e para encontrar inspiração de coisas para comprar e fazer (27,5%).

Houve um aumento no uso das redes sociais pelos jovens, como sites de redes sociais (Facebook, Instagram e TikTok), plataformas de mensagens (WhatsApp) e jogos online que os adolescentes utilizavam para se comunicar com parentes e amigos ou para entretenimento (Fernandes *et al.* 2020; Kemp, 2020; Wartberg; Rainer, 2020; Muzi; Sansò; Pace, 2021). Segundo a Datareportal (2021; Kemp, 2020), as redes sociais registraram cerca de 4,20 bilhões de usuários em janeiro de 2021, cerca de 53,6% da população mundial. O portal, Datareportal (2021; Kemp, 2020), atualizado registrou cerca de 5,04 bilhões de usuários em janeiro de 2024, cerca de 62% da população mundial.

Embora a internet e as mídias sociais facilitem a circulação e a comunicação de informações sobre assuntos relacionados à saúde, à saúde mental e ao cuidado, o crescimento do uso das tecnologias durante a pandemia mostrou uma realidade preocupante devido à quantidade de compartilhamentos de *fake news*, desinformações e a infodemia. A infodemia pode ser caracterizada pelo excesso de informações, que dificulta o acesso a dados confiáveis (Melo; Silva; Nitschke; Viegas, 2023).

Um estudo realizado entre janeiro de 2020 e abril de 2021 buscou demonstrar a prevalência de notícias falsas acerca do Coronavírus ao redor do mundo, demonstrando que os países com maiores índices apurados de disseminação de *fake news* foram a Índia, os EUA e o Brasil (Al-Zaman, 2022). A disseminação das *fake news* e desinformações podem possibilitar o agravamento da saúde mental dos indivíduos (Faro *et al.*, 2020; Liu *et al.*, 2020; Cauberghe *et al.*, 2021), contribuindo para comportamentos de risco, uma vez que se baseiam em inverdades (Giordani; Donasolo; Ames; Giordani, 2021). Os jovens ressaltaram, em diferentes momentos, como as notícias e informações nas redes sociais estavam deixando-os mais ansiosos e com mais medos. Muitos comentaram que passaram a ignorar certas notícias para “conseguir descansar a cabeça”.

A enorme quantidade de (des)informação distribuída nas redes sociais pode desorientar e sobrecarregar os indivíduos. Quando informações imprecisas ou falsas são transmitidas, podem amplificar sentimentos de ansiedade e depressão, com base no paradigma do contágio, ou seja, na transferência de estados emocionais para outros, levando-os a experimentar as mesmas emoções daqueles que compartilham a mesma rede social. Como bem pontua Han (2018), as emoções se espalham por contágio, como em uma rede e, assim, a comunicação digital proporciona uma descarga de afetos de maneira instantânea, sendo uma “mídia de afetos” (Han, 2018).

Os indivíduos que apresentam uso problemático das redes sociais podem demonstrar desejo por conectividade constante e preferência pela interação social online, o que pode levar a prejuízos no funcionamento social e emocional do usuário (Guedes *et al.*, 2016; Marino *et al.*, 2018; Marino *et al.*, 2020). Por outro lado, alguns estudos sugerem que o uso das redes sociais pode ser útil, ao invés de problemático, para lidar com possíveis sentimentos de ansiedade e solidão devido à restrição de contatos presenciais na escola e com amigos (Cauberghe *et al.*, 2021; Golberstein; Wen; Miller, 2020; Orben; Tomova; Blakemore, 2020). Usar as redes sociais, como os jovens comentaram nas rodas de conversa, para enfrentar a situação aliviou os sentimentos de angústia, ansiedade e solidão de muitos. Esse alívio se deu através de diferentes usos da internet e das redes sociais, desde distrações como jogos, séries e filmes, quanto o contato em conversas, ligações e chamadas de vídeo com as amigas.

Beyonço comentou como mantinha o contato com as amigas e como foi importante para ele: “A gente tinha contato ali pela internet, pelo Whatsapp, a gente jogava junto, fazia chamadas direto, podia colocar aí umas 3h de chamada, 4h, já chegava às 5h” e “às vezes a gente ligava para alguém por 1 hora, mas não falava nada, mas a pessoa tava ali, no outro lado do celular”.

Um outro aspecto que não foi mencionado nesses estudos citados, foi o uso das redes sociais e o aumento das comparações e cobranças devido ao que viam em diferentes perfis e páginas. Na sociedade atual, é possível observar uma crescente hipervalorização do corpo e da imagem corporal. A beleza é cada vez mais almejada, através de preocupações constantes com o corpo e com padrões estéticos (Freitas *et al.*, 2015), como Lili menciona abaixo:

Aí veio a internet que... o Tiktok e o Instagram, que me tiravam da realidade e me punham em outra. (...) As pessoas lá, muito cruéis. E por conta disso eu me sentia inferior que todo mundo. (...) Eu parei de comer, eu tive distúrbio alimentar porque eu, disseram que eu tava cheinha na foto. Que eu ia começar a ficar igual minha mãe, que minha mãe é um pouco gorda e eu ia ter muito problema... Porque eu ia ser uma mulher feia e gorda. (...) Eu sabia que eu era uma pessoa que gostava de dormir muito, uma pessoa que me objetificava o tempo todo... porque minha vida virou meu corpo, porque para mim... quando alguém me elogiava, elogiava meu corpo, era muito melhor do que um como você está? Era bem melhor a pessoa falar comigo pelo meu corpo do que se importar do que eu tava... como eu tava... porque a minha família não perguntava e aí eu só queria que alguém soubesse como que eu tava e ninguém perguntava. (Lili)

Como Lili destaca em seu relato, a crescente hipervalorização da imagem corporal e os padrões estéticos reforçados e intensificados pelo uso das redes sociais, evidencia o impacto negativo das comparações e comentários das redes digitais em relação a seu corpo e sua

imagem. A hipervalorização da aparência corporal inscreve-se em um processo em que o corpo físico assume um papel fundamental na exteriorização da subjetividade e na construção das identidades (Iriart; Chaves; Orleans, 2009). Esse processo, potencializado pelas mídias e redes sociais, adquiriu enorme poder de influência sobre os sujeitos nos dias atuais, em especial sobre os jovens, passando a ocupar um papel na disseminação de padrões estéticos e contribuindo para a criação de novas necessidades e consumos entre eles.

As relações entre imagem do corpo, identidade corporal, padrão midiático, cultura e a contextualização desses fatores na sociedade atual atravessam os comportamentos individuais dos jovens em busca de um padrão de beleza inalcançável (Conti; Peres; Toral, 2009). As mídias e redes sociais, têm influído na divulgação e valorização do corpo perfeito. Concordaram sobre as comparações, “não em relação a corpo e beleza” (Ketren), mas em ver as pessoas seguindo a vida bem e “parece que só eu sou problemática” (Ketren). Lili comentou que via muitas “utopias”, realidades distantes da sua, vídeos e séries de pessoas ricas e que criavam seus problemas, que “não tinham problemas mesmo da vida, com a família”.

Han (2017a) comenta como no neoliberalismo as subjetividades são moldadas para a constituição de indivíduos mais preparados para desempenhar e produzir na sociedade. Para isso, as emoções e a forma de sentir são apropriadas por esse sistema neoliberal para motivarem os indivíduos a buscarem constantemente se desenvolverem, dizendo “El régimen neoliberal presupone las emociones como recursos para incrementar la productividad y el rendimiento” (Han, 2017b, p. 71).

Como mencionado acima, as emoções são centrais nas relações sociais e as imagens são ferramentas para manejar e manipular emoções (Zanella, 2007; Zanella; Richwin; Sallorenz, 2022). As redes sociais são programadas para estarem a todo momento alimentando os usuários de informações, links e posts, carregados de emoções e imaginários (Han, 2017a; 2018; Zanella, 2018).

(...) ficou muito nessa questão das redes sociais então (pausa) acho que agravou a ansiedade principalmente dos jovens. (...) Tipo assim, eu acho que é por falta dessa parte do amadurecimento no contato com outras pessoas. (...) Afetou muito, você não via pessoas normais, entendeu? Pessoas humanas de carne que também tem defeitos, tem uma gordurinha aqui, tem espinhas aqui, você só via perfeição nas suas telas (Ketren).

As comparações em relação aos padrões de aparência, de estética e de produtividade estavam presentes nos relatos. Os jovens relataram que, durante o período de isolamento, passavam longas horas nas redes sociais, onde eram constantemente expostos à “vida perfeita”

que outras pessoas aparentavam ter online. Essa exposição constante gerou incômodo e frustração, pois, enquanto enfrentavam dificuldades pessoais e familiares, viam uma realidade virtual de felicidade e de beleza que contrastava fortemente com suas próprias experiências, o que resultava em sentimentos de inadequação. Essa discrepância levou uma das jovens a refletir sobre sua identidade e as comparações constantes com os padrões idealizados das redes.

(...) eu ficava o dia inteiro no celular, aí eu via a vida perfeita das outras pessoas, que foi o que comentaram né, a questão da felicidade da outra pessoa estava chegando a incomodar a gente, porque a minha vida estava infeliz e não era justo a minha vida está infeliz e a vida da outra pessoa que eu estou vendo na internet ser tão perfeita e aí juntava a minha vida infeliz, eu não tendo um bom convívio com a minha família, porque está todo mundo estressado, cheio de problemas (...) quando eu queria descansar não descansava eu ficava no celular ingerindo conteúdos ruins para mim e aquilo só crescendo e você ficava questionando a sua identidade: quem você era, seus gostos, se você era boa o suficiente. Então eu acho que tudo isso gerou uma crise existencial para quase todo mundo, principalmente para mim, porque eu não sabia quem eu era até voltar (Ketren).

Muitos jovens relataram frustração ao perceberem que outros pareciam altamente produtivos, aproveitando o período de isolamento para estudar intensamente, planejar o futuro acadêmico ou até empreender. Ludmillo, por exemplo, comentou que:

Olhava para as telas, nós pensávamos assim: nossa muita gente está sendo até produtiva dentro de casa, tá estudando porque não sabe quando o período de vestibular vai voltar depois de um período de pandemia, está se esforçando para poder entrar em uma faculdade daqui uns anos... começou a fazer o próprio negócio (...) a gente via toda essa questão de perfeição... principalmente dos jovens. Os jovens tinham que, tipo assim, padrão exato, não só de corpo, mas também de mente, tem que ser aquela pessoa que sabe exatamente quem eu quero ser, o que eu quero fazer, como eu quero estar nesse mundo. E acaba que você ficava muito frustrado, eu ficava frustrado (Ludmillo).

Esses relatos destacam uma das pressões significativas vividas por jovens durante a pandemia: as comparações, as cobranças e a expectativa de produtividade, mesmo em um período de crise sanitária. Essa narrativa de perfeição, impulsionada por comparações constantes e acentuadas pelas redes sociais contribuiu para sentimentos de tristeza, ansiedade e frustração. A exigência dessa cultura de positividade, produtividade e desenvolvimento relacionados aos objetivos acadêmicos, profissionais e pessoais gerou um padrão inalcançável, desconsiderando o impacto psicológico e emocional do isolamento e das incertezas do período.

Como Han (2017a) aponta, a “sociedade de desempenho” está constantemente incentivando os indivíduos a buscarem por iniciativas, projetos e motivação. O indivíduo é responsabilizado e reforçado não apenas por seus sucessos, mas também por seus fracassos. A lógica de desempenho dessa sociedade capitalista e neoliberal é refletida nas redes sociais, em que são diversas as publicações sobre realizações, superações, corpos perfeitos e felicidades, sem estarem contextualizadas com a realidade social e invisibilizando as desigualdades socioeconômicas existentes na sociedade. Os jovens refletiram sobre a angústia e reconheceram os padrões e expectativas da sociedade, trazendo ao grupo como esse modelo de sociedade que é adoeceador e negligencia a necessidade de cuidado, de autocuidado, de aceitação das limitações e respeito às dificuldades enfrentadas. Reconhecer esses desafios é essencial para compreender o impacto da pandemia na saúde mental e no desenvolvimento emocional dos jovens.

Por fim, alguns jovens também expuseram a sensação de desconexão ao tentar mostrar uma imagem positiva nas redes, quando, na realidade, não se sentiam assim. Mesmo ao postar fotos felizes em momentos esporádicos, eles se sentiam “falsos”, embora não aplicassem essa mesma percepção às postagens dos outros. A experiência de ver as publicações aparentemente perfeitas dos demais os deixava desejando experimentar aquela felicidade, “mesmo que superficial”. Para alguns, a sensação de acolhimento e pertencimento que essas imagens sugeriam uma sensação que era extremamente desejada, já que não a sentiam em suas próprias vidas.

Às vezes eu postava uma foto ou outra feliz para caramba, em um único momento que teve esse... E aí eu falava: “nossa, que falsa que eu sou!” E aí eu olhava a vida das outras pessoas e não pensava que poderia ser a mesma falsidade, eu ficava “nossa, essa pessoa curte tanto! Olha só como é divertida a vida dela, olha o corpo dela, olha a alimentação, olha a família... olha tudo isso” e aí eu tinha muita inveja das pessoas. Uma vez minha mãe falou para mim: vai que é tudo falso! e eu falei: mesmo que fosse falso eu queria isso, eu queria ter as mesmas coisas que essa pessoa tem! porque não importa se é falso ou não, o que importa é que parece ser uma coisa boa de sentir e eu não estava sentindo aquilo, eu não estava me sentindo acolhida (Lili).

A fala de Lili, “não importa se é falso ou não, o que importa é que parece ser uma coisa boa de sentir”, me chamou atenção por, embora reconhecer a “artificialidade” das redes sociais, ela enfatiza que o desejo não é apenas pelas imagens perfeitas, mas pela sensação e emoção que ela parece transmitir. Essas questões relacionadas às emoções e a acolher as emoções e experiências vivenciadas foi algo que apareceu em todos os temas de discussões, como já mencionado, tanto de vivências nas relações reais quanto nas virtuais.

O uso do termo “redes sociais” parece ter surgido no início de 1990 como uma referência às comunicações emergentes baseadas nas redes da internet “web” que facilitavam a interação online (Bercovici, 2010 apud Radhakrishnan; Bsit; Zubair, 2018), ou seja, os serviços baseados em websites que permitem aos utilizadores criar e partilhar conteúdo e facilita a partilha de ideias, pensamentos e informações (Chandler; Munday, 2016).

Han (2018) acredita que os sentimentos podem se sustentar e perdurar no tempo, permitindo a construção de narrativas, diferentemente dos afetos, que seriam marcados pela apresentação de emoções imediatas. Gerar essas emoções, em especial nas redes sociais virtuais, lembra como Illouz (2018) relaciona o conceito de commodities com as emoções, em que sugere o entrelaçamento profundo entre os atos de consumo e a vida emocional. Nesse caso, o consumo de publicações e posts e as emoções que elas têm a intenção de gerar, para que se gere não somente trocas, mas também engajamento e consumo de publicidades. A autora nomeia de “emodity” os entrelaçamentos que emoções e atos de consumo coincidem (Illouz, 2018).

As emoções e sentimentos podem ser instrumentalizados pelas forças políticas e econômicas, resultando em comparações, psicologizações e individualizações dos problemas sociais e coletivos, que faz com que a real essência dos padrões de comportamento e estéticos, padrões de vida financeiros e desigualdades de renda sejam ocultadas. Assim, determinados imperativos que permeiam a imaginação cultural dos indivíduos, como o imperativo de felicidade, da produtividade e do desempenho (Han, 2018; Illouz, 2018) atravessam a cultura e as redes sociais. O aumento da utilização de novas tecnologias e a pandemia maximizam esse cenário, que permeou os relatos dos jovens com angústia e tristeza.

Tendo isso em vista, durante a pandemia, o uso das redes sociais aumentou significativamente entre os jovens. O aumento de seu uso expressou-se em uma dualidade, ao mesmo tempo em que fomentou comparações e cobranças, também possibilitou um espaço de suporte e cuidado entre os jovens, para lidar tanto com a pandemia e com o distanciamento social como para lidar com questões emocionais e para o compartilhamento de vivências.

6.5 RELAÇÕES EM REDES E O CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: LIÇÕES PANDÊMICAS

Como ressalta Spink (2003), as práticas de saúde e cuidado refletem as diferentes maneiras como os indivíduos pensam, sentem e se comportam cotidianamente, situados em um contexto social e em modos de produção da existência. Assim, os modos como os jovens

elaboram práticas de cuidado para si e para outros referem-se às práticas sociais, inseridas em um contexto atravessado um repertório sócio-cultural e subjetivo socialmente construído e compartilhado.

Nesse sentido, conforme mencionado, o cuidado em saúde mental deve integrar práticas que priorizem a construção de vínculos, com base na coletividade e no acolhimento, promovendo encontros que favoreçam a subjetividade e conduzam o indivíduo à autonomia e a cidadania (Merhy; Franco, 2003; Gonçalves; Machado, 2013). Entretanto, as práticas de cuidado ainda têm sido abordadas com mais ênfase no modelo biomédico e em um modelo de desempenho e produtividade dos indivíduos que aparece como discursos e práticas de gestão do cuidado e do autocuidado de forma individualizada e descontextualizada (Han, 2015; 2018; Cabanas; Illouz, 2019; Rose, 2019; Safatle, 2022). Estes discursos enfatizam a importância de medidas terapêuticas para o autocuidado, a felicidade, a positividade (Han, 2015; 2018; Cabanas; Illouz, 2019) e o aprimoramento (Rose, 2019) que não estão contextualizados às demandas de saúde e saúde mental dos indivíduos. Tendo isso em vista, os relatos dos jovens sobre o cuidado abordaram ambas as formas de conceituar o cuidado, sendo falado em diversos momentos das rodas de conversa um autocuidado individual – que cada um realizava no seu cotidiano – e um cuidado coletivo – que perpassou todos os demais eixos comentados acima. Como discutido nas seções anteriores, o cuidado em saúde mental estava presente nas formas como relataram e refletiam sobre suas emoções, como lidavam com suas emoções, como se apoiaram nas redes de relações de amizade e nas redes sociais virtuais e como a socialização e o convívio na escola foram importantes para passarem por esse período de pandemia.

Os relatos chamam a atenção para a marcante divisão sexual do cuidado, em que as jovens citaram, muitas vezes a necessidade e a demanda por cuidado de sobrinhos e primos, da casa e da cozinha, além do cuidado com a aparência física. Esses relatos não apareceram em falas dos jovens, com exceção de Ludmillo - que se reconhece como não binário e que sofreu com discriminações de seu irmão.

Uma questão muito abordada nas rodas de conversa foi como entendiam e colocaram em prática os cuidados sobre si. Os jovens comentaram que não sabiam entender e lidar com as emoções e com as questões relacionadas à saúde e ao adoecimento mental. Não tinham com quem conversar e as orientações dos serviços de saúde e meios de comunicação só mencionavam as práticas de cuidado “físicos” para prevenir a transmissão do vírus.

Ketren comentou como:

(...) é difícil entender quando você não foi ensinado, é muito difícil você saber algo que você não aprendeu... Então tipo assim, o meu cuidado talvez não seja um cuidado; o meu cuidado era quando eu estava mal me isolar porque eu não estava bem com isso, com aquela situação e não sabia lidar com aquilo; não fui ensinada a lidar com aquilo de forma saudável, então eu me isolava. (...) então tipo assim é difícil dizer essa questão de cuidado porque a maneira que eu achava que estava me cuidando não era um cuidado, eu estava piorando. Mas, era porque eu não sabia como me cuidar (diário de campo, 17 de novembro de 2023).

Essa fala revela como o auto cuidado é um processo de aprendizado, construído ao longo da vida. Ketren, assim como outros jovens mencionaram ao longo das rodas de conversa, destacou desafios nas relações com seus familiares e como estes também tinham dificuldades tanto de adotar, como de dar suporte aos filhos com estratégias saudáveis para lidar com o sofrimento emocional. Assim, uma das formas que Ketren e os jovens encontraram foi o isolamento como uma forma de proteção, ainda que, na prática, isso intensificasse seu mal-estar.

Esse relato reforça a importância do cuidado e do desenvolvimento de estratégias que permitam lidar com questões emocionais de maneira mais educativa e coletiva. Os jovens criticaram a maneira como o governo e as instituições de saúde lidaram com a comunicação sobre os cuidados durante o período da Covid-19.

Sobre a comunicação voltada para a saúde mental durante a pandemia, Ketren acrescentou: “Uma merda, não pensaram direito. (...) Falaram ‘se cuidem’, mas não tinham recursos educativos e ficamos à mercê de bobagens da internet, vícios e comparações na internet” (Ketren).

Sobre esse tópico, Beyonço ainda pontuou que deram orientações do tipo, ficar em casa, usar máscara, usar álcool em gel e que “faltou empatia porque era só falar faz isso e aquilo e era isso (...) não falaram do psicólogo das pessoas, deixaram para depois. Não é chegar no final, não é estar vivo a custo de tudo”. Ludmillo ainda comentou que foram informações diretas, que “a gente fez, mas e aí? Ficar em casa, ok. Mas como, sem escola e amigos, sem ter o que fazer, notícias ruins, muitas mortes? Não falaram nada sobre esse tipo de cuidado! Não falaram sobre o cuidado com a saúde mental, com o que a gente tava sentindo e vivendo!”. Relataram terem sentido falta de informações e ações voltadas não somente para eles, jovens, mas voltadas para saúde mental, uma vez que “usar máscara e álcool em gel era fácil” (diário de campo, 17 de novembro de 2023).

As falas de Ketren e Ludmillo refletem uma percepção crítica sobre a falta de uma comunicação estruturada e acessível voltada para a saúde mental durante a pandemia por parte do governo e das instituições de saúde e saúde mental. Embora houvesse mensagens

incentivando o cuidado, essas orientações muitas vezes não eram acompanhadas de recursos educativos e sociais que pudessem auxiliar a população a lidar com os desafios emocionais do cenário pandêmico. Enquanto medidas para a contenção do vírus, como distanciamento social e uso de máscaras e álcool em gel, eram amplamente divulgadas, a dimensão psicológica e emocional da pandemia recebeu menos atenção e poucas iniciativas foram implementadas para apoiar emocionalmente a população.

Comentaram sobre as inconstâncias que o cuidado com a saúde mental envolve, sendo um processo, que estão aprendendo. Ludmillo, por exemplo, reconheceu que a constância no cuidado pessoal nem sempre é linear, refletindo como o autocuidado não se trata de um estado permanente de bem-estar, mas sim práticas contínuas consigo mesmo e com os outros:

Eu tenho muitos períodos de constância com autocuidado e depois eu simplesmente tenho uma queda muito brusca, mas hoje em dia essas quedas bruscas estão sendo menores; basicamente o autocuidado que eu tenho tido é tentado ser mais compreensivo, porque querendo ou não eu tenho 17 anos, muita coisa não está no meu controle, eu só tenho controle do que realmente eu estou atuando diretamente – por exemplo os meus estudos – que é uma coisa que eu ainda estou aprendendo (risos) a estar em um caminho de paz com eles (Ludmillo).

No final das rodas de conversa foi pedido que os jovens deixassem um relato sobre tudo que havíamos conversado e discutido ao longo dos encontros, em que pudessem deixar um depoimento sobre as reflexões que fizeram sobre as experiências e vivências da pandemia e sobre as práticas de cuidado em saúde mental que elaboraram nesse período. Eles poderiam escolher a maneira como fariam esses relatos, seja por escrito, áudio, vídeo, etc... A maioria preferiu gravar um áudio ou escrever uma mensagem no Whatsapp e me enviar.

Muitas falas que os jovens abordaram nesse relato estão citadas ao longo dos eixos acima. Eles comentaram, de forma bastante reflexiva e elaborada, como foi o processo de pandemia, como perceberam e sentiram a Covid-19, o distanciamento social, o convívio familiar, o contato tão importante com as amizades, o uso das redes sociais, a falta do ambiente e convívio escolar e como foram se cuidando nesse período e nos dias atuais.

Nesses relatos finais, após vários encontros, os jovens puderam refletir e elaborar um resumo de tudo que havíamos discutido sobre as vivências que tiveram na pandemia e sobre as práticas de cuidado em saúde mental nesse período:

Eu acho que toda essa pandemia me ajudou só a ter problema; eu não consegui me autocuidar direito. A única coisa que eu fazia era usar as redes sociais e procurar um vídeo engraçado, só ai sempre aparecia um outro diferente que me deixava mal e triste. E hoje em dia eu tento mudar isso. Eu tento falar como eu to me sentindo e é... muito bom. Eu tenho uma rotina comigo mesma. Eu gosto de toma banhos longos, pensativa, mas não pensar coisas ruins. Avaliar meus pontos fortes do dia, falar como eu fui bem no dia a dia. Tudo bem cê não conseguir fazer uma coisa ou outra, tudo no seu tempo... Mas só deu ter tentado, eu ter feito outra coisa, pelo menos uma coisa por dia, e mesmo que eu não tenha feito nada, só deu ter levantado da cama já foi um grande avanço e é isso que eu tive que aprender com o tempo depois da pandemia. (...) Mas essas marcas da pandemia eu sei que nunca vão embora, porque fazem parte de quem eu sou hoje... (pausa) que foi por causa da pandemia que eu tive que me retratar e tive que cuidar melhor de mim... às vezes, eu não sei se eu fico feliz ou triste... porque... eu penso como que eu poderia ter sido sem a pandemia. (...) Então é muito controverso tudo isso porque... às vezes a gente pensa, só vem coisas ruins mas... de certa forma, essas coisas ruins que eu trouxe me fizeram perceber que eu posso melhorar tudo isso... com o tempo... sabe?... eu posso melhorar todas essas características que eu tenho, que eu odeio, sem machucar, sem machucar as outras pessoas (choro e suspiro)... e ainda assim, eu me sinto mal sempre que eu me lembro dessa época... porque... eu sei que eu sou nova para falar, mas foi uma das piores épocas da minha vida. Falam que a adolescência é a melhor época do mundo mas se aquilo foi a melhor época, eu nem imagino qual seria a pior, e me dói saber do que eu teria feito de pior, se a pandemia não tivesse acabado. Se a pandemia tivesse continuado... eu teria feito muito pior comigo mesmo... é isso. (Lili)

A pandemia foi um período muito traumático pra mim. E quando nós retornamos foi pior ainda. Porque eu achei que eu tava bem... só que de repente eu percebi que eu tava muito destrutivo. E eu comecei a não ser só pra mim mas pras pessoas também, eu comecei a afastar as pessoas de mim, eu comecei machucar as pessoas, isso porque eu tinha raiva de mim. Mas hoje em dia, eu já tenho uma relação melhor comigo mesmo, apesar de que a pandemia... é um período muito nebuloso pra mim. (...) Comecei a reconhecer algumas coisas que incomodavam em relação ao meu convívio familiar... coisas que eu não gostaria de repetir... hábitos que não são saudáveis entre a nossa família... que se um dia eu constituir uma família, eu não quero repetir. Por isso, eu tento ser a minha melhor versão, com os meus amigos, na melhor medida do possível e da melhor forma que eu posso... porque eu não quero me tornar o motivo de desgaste de uma pessoa. (...) Eu quero tentar ser um porto seguro. O porto seguro que eu não tive, eu tento ser pras outras pessoas... apesar de também tentar justificar várias atitudes minhas... através das ações boas que eu tento ter. (Ludmillo)

Os relatos de Ludmillo e de Lili destacam a importância de considerar os efeitos psicológicos da pandemia em longo prazo, especialmente para os adolescentes. Eles mencionam os impactos desse período em sua vida e as dificuldades de manter um autocuidado. Com o passar do tempo, relatam a construção de estratégias para se cuidar, estabelecendo uma rotina, reconhecendo seus pequenos avanços diários e comentaram como parte do cuidado envolvia a forma de se relacionarem com os outros, da atenção e formas de tratar os outros.

Beyonço e Ketren também relataram em diferentes momentos a importância das amizades para o cuidado e como foi o processo de começar a se cuidar e de cuidar dos outros:

Hoje em dia (...) comecei a praticar mais o autocuidado. Antes eu era forçado a ficar sozinho, ficar na zona de conforto. Eu não sentia tanto, depois eu comecei a me sentir muito sozinho... porque eu não conseguia ficar muito bem longe dos meus amigos, mas agora que eu não sou forçado a isso! Eu consigo me cuidar mais, eu amo meus amigos, amo tá com eles. Eu tenho os melhores amigos do mundo! (...) Eu aprendi a exercitar esse cuidado, esse carinho por mim mesmo... é... fazendo algo que eu gosto de fazer, mas não só fazendo o que eu quero fazer, realmente me cuidando. (...) Eu me cuido de verdade. Aprendi a me valorizar, um pouco mais. Ainda tem mais coisa para melhorar, mas cada um tem seu tempo. E... praticando amor próprio e autocuidado e assim, a gente cuida do... do outro também. (Beyonço)

Você voltou para escola no finalzinho do primeiro ano fez novos amigos, amigos não, você fez irmãos! Que te ensinaram o que é uma amizade verdadeira, o que é realmente se importar um com o outro, o que é ter um cuidado com o outro não apenas pelo o que você é, você passou por muitas divergências, então você não sabia quem que é, você não tinha uma personalidade formada, sabe? Você não se conhecia, acredito que você ainda não se conhece por completo, você está se conhecendo! Mas eles te ajudaram a se conhecer melhor e hoje você sabe um pouco das coisas que você gosta, das coisas que você não gosta, das coisas que você se importa e das coisas que você não quer viver mais... então assim, foi muito incrível! A pandemia te trouxe um pouco do 'se importar', acho que essa é a palavra, de você pensar no outro também, sabe? Porque antes era todo mundo por si só vivendo sua vida e quando tudo parou, muitas pessoas se aproximaram e passou a se importar mais com os outros, ser mais solidário e te fez ter um medo de não querer perder, de se importar mais em cultivar a amizade. (Ketren)

Todos os jovens comentaram diferentes formas que buscaram elaborar para o cuidado em saúde mental no cotidiano. Muitas das práticas de cuidado relatadas envolviam aspectos individuais, de autocuidado com o corpo, com a alimentação e exercícios físicos, bem como distrações, como ver séries, filmes, jogar. Quando envolviam práticas coletivas, se referiam a estar com os amigos, em fortalecerem e apoiarem os afetos de cuidado com as amizades, seja em grupos de Whatsapp, em longas chamadas de vídeo, em momentos de ir à escola entregar os PETs ou na volta às aulas (Diário de campo, 04 e 18 de agosto, 26 de setembro e 24 de outubro de 2023).

Sobre como as amizades foram fundamentais, Ketren comentou:

Você voltou para escola no finalzinho do primeiro ano fez novos amigos, amigos não, você fez irmãos! Que te ensinaram o que é uma amizade verdadeira, o que é realmente se importar um com o outro, o que é ter um cuidado com o outro não apenas pelo o que você é, você passou por muita divergências, então você não sabia quem que é, você não tinha uma

personalidade formada, sabe? você não se conhecia, acredito que você ainda não se conhece por completo, você está se conhecendo! Mas eles te ajudaram a se conhecer melhor e hoje você sabe um pouco das coisas que você gosta, das coisas que você não gosta, das coisas que você se importa e das coisas que você não quer viver mais... então assim, foi muito incrível! A pandemia te trouxe um pouco do 'se importar', acho que essa é a palavra, de você pensar no outro também, sabe? Porque antes era todo mundo por si só vivendo sua vida e quando tudo parou muitas pessoas se aproximaram e passou a se importar mais com os outros, ser mais solidário e te fez ter um medo de não querer perder, de se importar mais em cultivar a amizades. (Ketren)

Embora houvesse um maior convívio familiar em casa, havia um maior distanciamento emocional entre os jovens e seus familiares. Por outro lado, longe da escola e das amizades, havia uma maior proximidade emocional com elas, principalmente, através das redes sociais. O contato online aproximou e fortaleceu os vínculos de amizades entre eles, seja nos encontros presenciais para entregar os PETS. O contato virtual ajudou a preservar e intensificar os vínculos de amizades. Estar em contato e fortalecer os vínculos entre eles foi uma prática de cuidado que encontraram.

As amizades desempenham um papel significativo no processo de vivenciarem a juventude e no autoconhecimento, oferecendo um ambiente seguro para experimentar e desenvolver perspectivas e vivenciar experiências. As trocas sociais nesse período, mesmo com as dificuldades do isolamento e de forma virtual, foram citadas pelos jovens em diferentes momentos acima como fonte de afetos positivos e de cuidado (Santos, 2024).

A pandemia trouxe mudanças na forma dos jovens se relacionarem com as tecnologias e o uso de redes sociais, que assumiram um papel importante para o compartilhamento das informações e para a manutenção do contato de familiares e amigos enquanto em isolamento social. Como muitos dos indivíduos tiveram de estudar e trabalhar em casa, passaram grande parte do seu tempo nas plataformas de redes sociais, não apenas para se manterem conectadas com a família e amigos, que não podiam ser visitados e não podiam interagir presencialmente devido às restrições de distância física, mas também para terem acessos às informações acerca dos cuidados de saúde (Melo; Silva; Nitschke; Viegas, 2023). A maioria dos adolescentes indicou um aumento no uso das redes sociais durante o confinamento.

Aprofundando a temática das redes sociais e o aumento no consumo de celular, os jovens ressaltaram que não tinham o que fazer no período da pandemia e do distanciamento social, então ficavam no celular e no computador. Como mencionado acima, Graziela Zero falou que chegava a ficar quase um dia inteiro no celular: “eu ficava 20h por dia no celular”.

Tendo isso em vista, durante a pandemia, o uso das redes sociais aumentou significativamente entre os jovens. O aumento de seu uso expressou-se em uma dualidade, ao mesmo tempo em que fomentou comparações e cobranças, também possibilitou que formassem uma comunidade virtual afetiva, um espaço de suporte e cuidado entre os jovens, para lidar tanto com a pandemia e com o distanciamento social como para lidar com questões emocionais e para o compartilhamento de vivências (Pimentel, 2023).

Graziela Zero também comentou como as redes sociais e o contato com as amigas foi importante, dizendo:

Quando as escolas começaram os PETS, era um... também um jeito de encontrar os meus amigos porque a gente tinha que fazer e ir na escola entregar. Então, a gente falava no grupo, a gente tinha o grupo da escola né, a gente começou a interagir mais no grupo do whatsapp (...) então a gente se encontra, reunia na porta da escola pra ter aquele convívio social por um segundinho da nossa vida e.. era bom. Eu comecei a conversar com amigos, colegas de classe, que depois da pandemia, durante ela, ela se tornaram amigos de verdade (Graziela Zero).

As amigas desempenharam um papel fundamental no apoio aos jovens durante a pandemia de Covid-19, proporcionando um suporte emocional e social essenciais para enfrentar os desafios impostos pelo distanciamento social e as mudanças na rotina diária. Durante esse período, no qual as restrições e o fechamento de instituições educacionais e recreativas limitaram as interações presenciais, intensificando sentimentos de solidão e ansiedade entre os jovens (Pimentel, 2023; Oliveira; Martins, 2024; Santos, 2024). Nesse contexto, as amigas emergiram como uma fonte de suporte e cuidado emocional, contribuindo significativamente para o bem-estar mental e emocional. Como Lili ressaltou:

Os únicos momentos de alegria que eu tinha era quando eu encontrava meus amigos para entregar as atividades da escola. Era um tempo que eu queria ficar na rua para sempre e nunca mais voltar para casa. (Lili).

De acordo com Ortega (2020), a amizade permite cultivar um espaço compartilhado no cotidiano, de liberdade, de riscos e de segurança entre os indivíduos. Diferente de outros vínculos sociais, muitas vezes moldados por normas sociais relacionadas à família ou a instituições, a amizade se baseia na escolha e na reciprocidade, permitindo que os indivíduos experimentem formas mais autênticas de convivência e de compartilhamento, tanto da expressão da subjetividade quanto de questões emocionais, diante das experiências da vida.

Além disso, a amizade pode ser vista como um ato político, pois desafia estruturas rígidas de organização social e abre caminho para novas formas de relação (Ortega, 2020). Em

uma sociedade marcada pela lógica da produtividade e do individualismo, a construção de laços baseados no cuidado mútuo e na confiança representa uma forma de resistência. A expressão da amizade no período da pandemia foi fundamental para fortalecer as redes de apoio e cuidado coletivo e comunitário.

A rede de amizades dos jovens participantes da pesquisa proporcionou um espaço seguro para a expressão de sentimentos e preocupações, permitindo que os jovens compartilhassem suas experiências e recebessem apoio mútuo. A comunicação regular com amigos, seja por meio de mensagens, videochamadas ou redes sociais, ajudou a mitigar os efeitos negativos do isolamento, promovendo um senso de conexão, vínculo e pertencimento.

Os jovens também comentaram que descobriram hobbies e atividades de lazer que foram importantes para passarem pela pandemia. Ludmillo comentou que descobriu que “gosto de escrever poemas e eu escrevo sobre tudo; e quando eu estou mal eu escrevo, quando eu estou bem eu escrevo”. Graziela Zero falou que descobriu leituras e filmes de gêneros que antes julgava, mas foram companhias para ela no distanciamento social. Além disso, seus animais foram bons companheiros.

Ademais, comentaram sobre “tirarem um tempo para eles”, sobre se permitirem esse tempo mesmo na “correria” de estudos na volta às aulas. Esse tempo, mais uma vez, envolve as amizades ou envolve um autocuidado, de fazerem “skin care”, arrumarem o cabelo, fazer exercícios físicos ou ficarem sozinhos. Mas, também se permitirem chorar, “gritar no travesseiro” ou tomar banhos mais demorados. Como Ketren, Lili e Júlia comentaram, “é uma forma de expressar as emoções, então é de cuidado”.

Ainda comentaram que as práticas de saúde mental que estão adotando envolvem expressar as emoções, conversando com as amizades e se sentindo mais à vontade para conversar sobre as dificuldades de saúde mental. Disseram que as rodas de conversa têm ajudado nesse sentido, desse grupo de 10 amigos, se tornarem um grupo de apoio e de cuidado entre eles.

Nos encontros finais, os jovens chegaram ao entendimento que a pandemia trouxe uma nova percepção de solidariedade e de valorização dos laços afetivos, principalmente da importância de cultivar as amizades. Reforçaram que suas experiências e reflexões nas rodas de conversa foram necessárias para elaborar as emoções e reforçarem as práticas de cuidado individuais e coletivas entre eles. Falaram que partilhar e ouvir outros amigos foi importante para compreenderem suas experiências e esperam que o trabalho possa “inspirar ou ajudar outras pessoas a compreenderem melhor suas próprias jornadas”. A pandemia trouxe:

um pouco do ‘se importar’, acho que essa é a palavra, de você pensar no outro também, sabe? Porque antes era todo mundo por si só vivendo sua vida e quando tudo parou, muitas pessoas se aproximaram e passaram a ser mais solidário. (...) Porque só quem viveu a pandemia sabe quão doloroso é, quão triste é o peso de você se afastar de pessoas que você ama e você não ter contato, então te faz querer cultivar mais as amizades querer ver mais as pessoas, querer viver mais com as pessoas que você ama do lado, se preocupar com as coisas de verdade, não apenas com as coisas fúteis da vida! (Ketren)

A fala de Ketren revela como a pandemia possibilitou uma reflexão acerca da forma como as pessoas enxergam as relações e a importância do cuidado consigo e com o outro em cenários críticos. Assim, a pandemia, ao mesmo tempo em que trouxe angústias e perdas para os participantes da pesquisa, também pode ter gerado um movimento de reconexão do senso de coletividade e comunidade, reforçando a importância do cuidado mútuo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender as repercussões da pandemia na saúde mental da juventude, possibilitando que os jovens refletissem sobre esse período e sobre as práticas de cuidado em saúde mental que adotaram nesse momento. A participação dos jovens e dos seus relatos tornou possível uma melhor compreensão de como eles vivenciaram esse período, de como lidaram com suas emoções, de como se organizaram nas relações sociais e na sociedade e de como se engajam na produção de práticas de cuidados em saúde mental, considerando tanto a pandemia da Covid-19, como o momento atual. Para isso, foi preciso estabelecer um vínculo com os jovens, sujeitos da pesquisa, e propor reflexões sobre suas experiências.

A pesquisa com os jovens e seus relatos destacam como as suas percepções e experiências foram atravessadas pelas condições sociais, econômicas e culturais do momento, influenciando diretamente a saúde mental e o sentido elaborado pelos jovens desse momento. A forma como as discussões se aprofundou, ao longo do tempo, sugere que espaços de diálogo, como as rodas de conversa, podem ajudar os jovens a reconhecer e elaborar melhor suas emoções e vivências. Esses espaços não só ajudam a lidar com as repercussões da pandemia, mas também permitem construir uma compreensão mais ampla sobre suas emoções, saúde mental e cuidado em saúde mental.

Os relatos evidenciaram como a pandemia de Covid-19 impactou a construção de suas identidades e subjetividades. A interrupção de marcos simbólicos e culturais – como transições escolares, festa, eventos e encontros com os pares – trouxeram lacunas significativas em

experiências que tradicionalmente estruturam a identidade juvenil. O distanciamento físico das amizades, embora tenham se aproximado de forma online, destaca a importância das relações interpessoais nessa etapa da vida.

Outro ponto a ser ressaltado é o aumento do uso das redes sociais, as comparações geradas nesses ambientes digitais e os efeitos psicológicos decorrentes dessas experiências, com um excesso de informações e a disseminação de *fake news*, o que intensificou sentimentos de ansiedade e medo em muitos jovens. Nesse sentido, a exposição constante a conteúdos idealizados nas redes sociais ampliou as comparações com padrões muitas vezes irreais de vida e estética, com imagens de corpos perfeitos, rotinas produtivas e vidas aparentemente felizes gerando frustração, baixa autoestima e ansiedade. Apesar disso, as redes sociais se tornaram um espaço essencial para a comunicação, o entretenimento e o estudo, desempenhando um papel importante na manutenção e no fortalecimento de conexões entre as amizades.

As práticas de cuidado relatadas pelos jovens revelam as nuances de lidar com a saúde mental em meio a um cenário de pandemia. Elas destacam a importância de considerar tanto as necessidades individuais quanto as coletivas no planejamento e na implementação de estratégias de cuidado em saúde mental. Por um lado, os jovens relataram iniciativas de autocuidado, como momentos de introspecção, práticas físicas e atividades recreativas que ajudaram a amenizar a pressão emocional. Por outro, enfatizaram a relevância do suporte mútuo nas amizades, seja por meio de interações virtuais ou nos raros encontros presenciais que puderam ocorrer, demonstrando como a coletividade foi essencial para enfrentar as adversidades. Embora o distanciamento tenha restringido o convívio físico, ele também abriu espaço para novas formas de interação e apoio nas redes digitais. Essas conexões virtuais não apenas mitigaram a sensação de isolamento, mas também permitiram que os jovens encontrassem apoio emocional nos pares, fortalecendo a rede de cuidado coletivo que desempenhou um papel crucial no enfrentamento das dificuldades.

Os relatos e reflexões reforçam a importância de haver um espaço para a elaboração e expressão das emoções, além da importância da construção e fortalecimento de relações tecidas em rede, como amizades, para o cuidado da saúde mental. Assim, reforçam a necessidade de repensar as abordagens em saúde mental, integrando práticas que priorizem a coletividade, o acolhimento e a empatia, ao mesmo tempo em que promovem a autonomia e o bem-estar emocional dos jovens. Isso requer uma revisão crítica das políticas e discursos sobre cuidado, garantindo que sejam mais inclusivos, contextualizados e capazes de responder às demandas complexas que emergem em tempos de crise.

Falar sobre juventude e saúde mental implica, necessariamente, discutir políticas públicas; e esses temas se tornam ainda mais relevantes ao abordar a pandemia da Covid-19. Durante esse período, o próprio Estado desempenhou um papel significativo na adoção de comportamentos ambíguos pela população em relação ao vírus, o que expôs muitas pessoas a riscos de saúde e contribuiu para o agravamento das crises humanitárias e socioeconômicas. As políticas públicas de saúde mental demonstraram fragilidades ao lidar com a demanda crescente por cuidados especializados para adolescentes.

A pandemia da Covid-19 expôs e aprofundou as desigualdades sociais e de saúde mental, destacando a urgência de se repensar as abordagens tradicionais de cuidado. Nesse sentido, torna-se essencial repensar o modelo de cuidado em saúde mental, ampliando-o para além do viés biomédico, tecnicista, institucionalizado e individualista em direção a práticas baseadas no acolhimento, na coletividade e na promoção da autonomia. Torna-se também relevante reforçar a importância de articular as práticas de cuidado em saúde mental com uma abordagem que reconheça as juventudes em suas múltiplas vivências e contextos. É necessário implementar políticas públicas que priorizem o acolhimento, o fortalecimento de vínculos e a participação ativa dos jovens na construção de soluções que atendam às suas demandas específicas. Somente assim será possível promover não apenas o alívio do sofrimento psíquico, mas também o fortalecimento da autonomia e da cidadania desses indivíduos, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Vale ressaltar que a pesquisa apresentada possui algumas limitações, sendo necessários mais estudos, com a participação ativa de jovens, que possam acrescentar nos conhecimentos acerca das demais formas de vivenciar as juventudes e para uma compreensão mais abrangente das práticas de cuidado em saúde mental elaboradas em outras regiões. A continuidade de pesquisas que explorem a construção do cuidado em saúde mental pelos próprios jovens, com ênfase no fortalecimento do protagonismo das juventudes, pode contribuir para a criação de intervenções mais sensíveis e próximas às demandas desse público, considerando especialmente contextos de crises como o vivido durante a pandemia da Covid-19.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W.; LEÓN, O. D.; FREITAS, M. V. de (Coord.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. Ação Educativa. Programa de Juventude. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2344>. Acesso em: 6 mar. 2025.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. (Coord.). **Juventude, Juventudes**: o que une e o que separa. Brasília: Unesco, 2006.

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (orgs.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000154580>. Acesso em: 6 mar. 2025.

AHMED, S. **La política cultural de las emociones**. Trad. Cecilia Olivares Mansuy. Primera edición en español: septiembre de 2015. Universidad Nacional Autónoma de México. Programa Universitario de Estudios de Género. México, 2015.

ALVES, A. M. et al. Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 9, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/YHWQpRrcnJxSSGYQstLHbGs#>. Acesso em: 4 mar. 2024.

ALVES, M. J. H. et al. Atores envolvidos na adesão de estudantes adolescentes à estratégia saúde da família. **SANARE**, Sobral, v. 15, n. 2, p. 37-46, Jun./Dez, 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1036/582> Acesso em: 01 fev. 2024.

ALVES, E. **Tecnologias digitais e pandemia**: o ensino remoto emergencial em uma escola do alto sertão sergipano. 2023. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/18365/2/ERINALDO_ALVES.pdf. Acesso em: 22 nov. 2024.

AL-ZAMAN, S. Prevalence and source analysis of COVID-19 misinformation in 138 countries. **IFLA Journal**, v. 48, n. 1, p. 189-204, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/03400352211041135>. Acesso em: 24 nov. 2024.

AMARAL, M. F. **Culturas juvenis e experiência social: modos de ser jovem na periferia**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011. p. 142. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28825>. Acesso em: 2 fev. 2023.

AMARANTE, P. D. de C. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

AMARANTE, P. D. de C. A ameaça “técnica” da indústria da loucura. **Revista Radis**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, n. 198, p. 35, 2019.

ANDRADE, C. R. B.; DUARTE, A. M. C. Educação em tempo integral no ensino médio: a experiência de Minas Gerais. **Educação & Realidade**, v. 48, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236120376vs01>. Acesso em: 6 mar. 2025.

ANÉAS, T. V.; AYRES, J. R. C. M. Significados e sentidos das práticas de saúde: a ontologia fundamental e a reconstrução do cuidado em saúde. **Interface, comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v. 15, n. 38, p. 651-662, set. 2011. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 673-692, 2014. Cuidado e construção social da pessoa: contribuições para uma teoria geral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/NWsyZPTnFJT4P8QJCsG7NLp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2024.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2003. (Trabalho original publicado em 1977).

ARRUDA, E. P. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 24 nov. 2024.

ASSIS, P. M. de. **Efeitos da pandemia no cotidiano de jovens moradores de territórios periféricos da cidade de Fortaleza Ceará**. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2021. Orientação: Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/59209/1/2021_tcc_pmassis.pdf. Acesso em: 01 fev. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA – ABRASCO. **Dossiê ABRASCO Pandemia de COVID-19**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: [Abrasco Dossie Pademia de Covid-19 versao2.pdf](#). Acesso em 30 de nov. 2022.

AYRES, J. R. C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v. 8, n. 14, p. 73-92, set/fev 2004a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/jNFBpg8J6MzRcBGt5F6B5tn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2024.

AYRES, J. R. C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 13, n. 13, p. 16-29, set/dez 2004b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902004000300003>. Acesso em: 01 fev. 2024.

BAGATINI, M. M. C. **Ações de cuidado em saúde mental voltadas aos adolescentes na atenção básica em tempos de pandemia por coronavírus**. 2021. 89f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236023/001130951.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 fev. 2024.

BALHARA, Y. P. S.; KATTULA, D.; SINGH, S.; CHUKKALI, S.; BHARGAVA, R. Impact of lockdown following COVID-19 on the gaming behavior of college students. **Indian J Public Health**. 2020 Jun; 64(Supplement): S172-S176. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32496250/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BANCO MUNDIAL. **Ampliar Oportunidades y construir Competencias para los Jóvenes: una agenda para la educación secundaria**. Tradución: Jorge Savadra, Rafael Suárez. Bogotá: Banco Mundial; Mayo Ediciones, 2007.

BARARI, S.; CARIA, S.; DAVOLA, A.; FALCO, P.; FETZER, T.; FIORIN, S.;... SLEPOI, F. R. **Evaluating COVID-19 public health messaging in Italy: self-reported compliance and growing mental health concerns**. 2020. Disponível em: <http://gking.harvard.edu/covid-italy> » <http://gking.harvard.edu/covid-italy>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BARBOSA, A. L. de A.; ANJOS, A. B. L. dos.; AZONI, C. A. S. Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19. **Codas**, v. 34, n. 4, p.e20200373, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20212020373>. Acesso em: 24 nov. 2024.

BARRETO, M. L.; CARMO, H. Situação de saúde da população brasileira: tendências históricas, determinantes e implicações para as políticas de saúde. **Inf Epidemiol SUS**, n. 3, p. 5-34, 1994.

BERARDI, F. O enigma do beijo: o distanciamento pandêmico na evolução psíquica do gênero humano. Conferência de abertura do **4º Congresso Brasileiro de Política, Planejamento e Gestão**, 24 de março de 2021. [s.l.] Canal de José Noronha, vídeo (1h18'22"). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3KbaImShOC0>. Acesso em: 26 maio 2024.

BERCOVICI, J. Who Coined “Social Media”? Web Pioneers Compete for Credit. 2010. In: RADHAKRISHNAN, G. S. A. P.; BSIT, A.; ZUBAIR, H. **Journal of Marketing and Consumer Behaviour in Emerging Markets**, v. 1, n. 7, 2018.

BISPO JÚNIOR, J. P.; SANTOS, D. B. dos. Covid-19 como sindemia: modelo teórico e fundamentos para a abordagem abrangente em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 10, Rio de Janeiro, Outubro, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00119021>. Acesso em: 01 fev. 2024.

BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. S. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saude Soc**, v. 18, n. 3, p. 411-423, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000300006>. Acesso em: 01 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portal Covid-19 no Brasil**. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 26 fev. 2024.

BRASIL. Senado Federal. **Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia**: Relatório Final. Brasília, DF: Senado Federal, 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: presidência da república. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em: 24 ago. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [...]. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, ano 154, n. 35, p. 1, 17 fev. 2017.

BRASIL. Anvisa. **Nota técnica**: orientações para prevenção e vigilância epidemiológica das infecções por SARS-COV-2 (covid-19) dentro dos serviços de saúde. Setembro de 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 8.080, De 19 De Setembro De 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. (1990a). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 21 nov. 2024.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília. **Diário Oficial** [da República Federativa do Brasil], DF, 1990b. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 2 dez. 2022.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Estação juventude**: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude / organizado por Helena Abramo. Brasília: SNJ, 2014. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/politicas%20de%20juventude1.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BROOKS, S. K.; WEBSTER, R. K.; SMITH, L. E.; WOODLAND, L.; WESSELY, S.; GREENBERG, N.; RUBIN, G. J. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, n. 102227, p. 912-920, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8) Acesso em: 21 nov. 2024.

BUENO, S. et al. **Visível e invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. 3ª ed. 2021. Disponível em:

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024.

BUENO, F. T. C.; SOUTO, E. P.; MATTA, G. C. Notas sobre a trajetória da Covid-19 no Brasil. In: MATTA, G. C.; REGO, S.; SOUTO, E. P.; SEGATA, J. eds. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora Fiocruz, 2021, p. 27-39. Informação para ação na Covid-19 series. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557080320>. Acesso em: 01 fev. 2024.

CABANAS, E.; IILLOUZ, E. **Happycracia**. Barcelona: Paidós, 2019.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CAMURI, D.; DIMENSTEIN, M. Processos de trabalho em saúde: práticas de cuidado em saúde mental na Estratégia Saúde da Família. **Saúde e Sociedade**, v. 19, n. 4, p. 803-813, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902010000400008> Acesso em: 01 fev. 2024.

CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; KANSO, S. Do nascimento à morte: principais transições. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006, p. 31-60. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3296/1/Livro_Transicao_WEB1.pdf. Acesso em: 22 nov. 2024.

CARDENAS, M. C.; BUSTOS, S. S.; CHAKRABORTY, R. A ‘parallel pandemic’: The psychosocial burden of COVID-19 in children and adolescents. **Acta Paediatr.**, v. 109, n. 11, p. 2187-8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/apa.15536> Acesso em: 01 fev. 2024.

CARVALHO, E. M. dos S.; ARAÚJO, G. C. Ensino remoto, saberes e formação docente: uma reflexão necessária. **Revista Cocar**, Belém-Pará, v.14, n.30, set. /dez, p. 1-19, 2020.

CARVALHO, S. S. de. Os efeitos da pandemia sobre os rendimentos do trabalho e o impacto do auxílio emergencial: o que dizem os microdados da PNAD covid-19. **Carta de Conjuntura**, v. 48, 3º trimestre de 2020, IPEA, 2020.

CASTRO, L. R. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (Orgs). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio De Janeiro: Trarepa/Faperj, 2008, p. 21-42.

CASTRO, L. R. de. Subjetividades públicas juvenis: a construção do comum e os impasses de sua realização. **Estudos de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 80-91, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/chDHgJL56NKd9cGqYjftzFd/?lang=pt#>. Acesso em: 01 fev. 2024.

CASTRO, M. G. *et al.* **Cultivando vida; desarmando violências**: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília: Unesco, 2001. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/site/documentos/cultivando_vida_desarmando_violencias.pdf. Acesso em: 01 fev. 2024.

CASTRO, J. A. de.; AQUINO, L. M. C. de.; ANDRADE, C. C. de. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.

CAUBERGHE, V.; VAN WESENBEECK, I.; DE JANS, S.; HUDDERS, L.; PONNET, K. How Adolescents Use Social Media to Cope with Feelings of Loneliness and Anxiety During COVID-19 Lockdown. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 24, n. 4, p. 250-257, Apr-2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33185488/> Acesso em: 24 nov. 2024.

CAVALIERE, A. M. Educação integral. In: OLIVEIRA, D. A.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário Trabalho, Profissão e Condição Docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, Mestrado, 2010. CD-ROM. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/educacao-integral/> Acesso em: 7 fev. 2019.

CHANDLER, D.; MUNDAY, R. **A Dictionary of Social Media January 2016**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/364722583_A_Dictionary_of_Social_Media Acesso em: 24 nov. 2024.

CHARCZUK, S. B. Sustentar a transferência no ensino remoto: docência em tempos de pandemia. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109145, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362020000400206&lng=en&nrm=iso Acesso em: 24 nov. 2024.

CHEN, N. et al. Epidemiological and clinical characteristics of 99 cases of 2019 novel coronavirus pneumonia in Wuhan, China: a descriptive study. **The Lancet**, London, v. 395, n. 10223, p. 507-513, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30211-7/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30211-7/fulltext) Acesso em: 2 dez. 2022.

CIDADE, E. C. **Juventude em condições de pobreza: modos de vida e fatalismo**. 2012. 165f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6812>. Acesso em: 01 fev. 2024.

CONTI, L. S.; PERES, S. V.; TORAL, N. A insatisfação corporal de jovens: um estudo exploratório. **Physis** [Internet], v. 19, n. 2, p. 509-28, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000200015>. Acesso em: 24 nov. 2024.

CRAVO, A.; GULARTE, J. Mapa da Fome: insegurança alimentar se agravou na pandemia e atingiu mais de 70 milhões de brasileiros. **O Globo 100**, Brasília, 12/07/2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/07/12/mapa-da-fome-inseguranca-alimentar-se-agravou-na-pandemia-e-atingiu-mais-de-70-milhoes-de-brasileiros.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2024.

DATAREPORTAL. **Global Social Media Stats**. 2021. Disponível em: <https://datareportal.com/social-media-users>. Acesso em: 24 nov. 2024.

DAUMAS, R. P. et al. O papel da atenção primária na rede de atenção à saúde no Brasil: limites e possibilidades no enfrentamento da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro,

v. 36 n. 6, Junho 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1093/o-papel-da-atencao-primaria-na-rede-de-atencao-a-saude-no-brasil-limites-e-possibilidades-no-enfrentamento-da-covid-19>. Acesso em: 01 fev. 2024.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação** [online], v. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/citation/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2024.

DELL'AGLIO, D. D.; SANTOS, L. L. S. Uma metodologia para pesquisas com adolescentes em situação de rua: investigando o passado, presente e futuro. In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. (eds). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 356-386.

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

DESLANDES, S. F.; COUTINHO, T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 1, p. 2479-2486, 2020.

DIAS, L. J. **Dinâmicas de raça na periferia**: a experiência de jovens da região de M' Boi Mirim. Dissertação – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011, 164f. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-29082012-102219/publico/2011_LucianaDeJesusDias.pdf. Acesso em: 29 fev. 2024.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE. **O novo desmonte dos direitos trabalhistas**. Nota Técnica, 215, 1-10, 2019. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/notatecnica/2019/notaTec215MP905.html>. Acesso em: 02 nov. 2024.

DRUMMOND, M.; DRUMMOND FILHO, H. **Drogas**: a busca de respostas. São Paulo: Loyola, 1998.

DUARTE, K. L.; SOUZA, E. M. de; RODRIGUES, L. Importância e desafios do trabalho em rede entre a escola e um serviço de saúde mental infantojuvenil brasileiro. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Lisboa, v. 8, n. 1, p. 155- 171, 2017. Disponível em: <http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/view/2484/pdf>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. **Anais...** VI Congresso Português de Sociologia. Mundos sociais: saberes e práticas. 25 a 28 de Junho de 2008. Disponível em: <http://associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2024.

FALS-BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: Brandão, C. R. (Ed.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 42-62. Disponível em: https://issuu.com/luizotavioribas/docs/borda_pesquisa_participante. Acesso em: 21 nov. 2020.

FALS-BORDA, O. **Ciencia, compromiso y cambio social**. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2014. Disponível em: https://documentos.una.ac.cr/bitstream/handle/unadocs/8133/Ciencia,%20compromiso%20y%20cambio%20social_Orlando%20Fals%20Borda.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 01 fev. 2024.

FARO, A. et al. Covid-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, [online]. Epub 01 Jun 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

FELTRAN, G. S. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: UNESP, 2011.

FERNANDES, B.; BISWAS, U. N.; MABSUKHANI, R. T.; CASARÍN, A. V.; ESSAU, C. A. The impact of COVID-19 lockdown on internet use and escapism in adolescents. **Rev Psicol Clín Niños Adolesc.**, v. 7, p. 59-65, 2020. Disponível em: [doi: 10.21134/rpcna.2020.mon.2056](https://doi.org/10.21134/rpcna.2020.mon.2056). Acesso em: 5 mar. 2024.

FILGUEIRA, C. H. Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social: aproximaciones conceptuales recientes. In: CEPAL. **Seminario Vulnerabilidad**. Santiago de Chile: CEPAL, 2001.

FIORELLI, K.; ASSINI, F. L. The prescription of benzodiazepines in Brazil: a literature review. **ABCS Health Sciences**, [S. l.], v. 42, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.portalnepas.org.br/abcs/article/view/948>. Acesso em: 5 mar. 2024.

FLEURY, S. Políticas de isolamento na pandemia: confrontação federativa, disputas discursivas e consequências político-sanitárias. In: SANTOS, A. O.; LOPES, L. T. (orgs.) **Principais Elementos**, Coleção Covid-19. Brasília, DF: Conass; 2021. p. 110-125. v. 1. Disponível em: <https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/covid-19-volume1.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024.

FLEURY, S.; FAVA, V. M. D. Vacina contra Covid-19: arena da disputa federativa brasileira. **Saúde Em Debate**, v. 46 (spe1), p. 248-264, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E117>; <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/hwxmcnr3jKnc3vvrLhXZtYb/#>. Acesso em: 01 fev. 2024.

FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra crianças e adolescentes (2019-2021)**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-2019-2021.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS – FAO. **Lançamento do relatório “O Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2023”**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/239349-lan%C3%A7amento-do-relat%C3%B3rio-o-estado-da-seguran%C3%A7a-alimentar-e-nutri%C3%A7%C3%A3o-no-mundo-2023>. Acesso em: 21 nov. 2024.

FREIRE, P. Carta do direito e do dever de mudar o mundo. In: SOUZA, Ana Inês; FREIRE, Paulo (Org.). **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 317-326.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FREITAS, P. M. de; COSTA, R. S. N.; RODRIGUES, M. S.; ORTIZ, B. R. de A.; SANTOS, J. C. dos. Influência das relações familiares na saúde e no estado emocional dos adolescentes. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n. 4, p. 95-109, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2020000400009. Acesso em: 22 nov. 2024.

FREITAS, J. L. et al. Corpo e psicologia: uma revisão da produção científica brasileira na primeira década dos anos 2000. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v. 21, n.1, p. 66-86, 2015.

FULLERTON, N. 'Instagram vs. Reality: The Pandemic's Impact on Social Media and Mental Health'. **Penn Medicine News**, 29 April. Hillier, L. 2021. 'Stats roundup: the impact of Covid-19 on marketing & advertising'. Econsultancy. Disponível em: <https://econsultancy.com/statsroundup-coronavirus-impact-on-marketing-advertising/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL; FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER. **Parentalidade: Práticas de Visitadores Adaptadas à Pandemia**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal: Fundação Bernard Van Leer, 2021. Disponível em: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/parentalidade-praticas-visitadores-adaptadaspandemia/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ. **Saúde mental dos profissionais da saúde na pandemia da covid-19 em MS e DF**. Fevereiro, 2022a. https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2022/02/relatorio_parcial_saudemental_profissionais_DF.pdf. Acesso em: 01 fev. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ. **Jovens e saúde: revelações da pandemia no Brasil 2020-2022**. 2022b. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos_2/e-book_jovens_e_saude_revelacoes_da_pandemia_no_brasil_vf_pdf_1.pdf. Acesso em: 01 fev. 2024.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. **Cenário da exclusão escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na educação**. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. **The impact of COVID-19 on the mental health of adolescents and youth**. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/lac/en/impact-covid-19-mental-health-adolescents-and-youth>. Acesso em: 4 mar. 2024.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. **Pobreza na infância e na adolescência**. 2018. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/156/file/Pobreza_na_Infancia_e_na_Adolescencia.pdf. Acesso em: 01 fev. 2024.

GADAGNOTO, T. C.; MENDES, L. M. C.; MONTEIRO, J. C. dos S.; GOMES-SPONHOLZ, F. A.; BARBOSA, N. G. Emotional consequences of the Covid-19 pandemic in adolescents: challenges to public health. **Revista Da Escola De Enfermagem Da USP**, São Paulo, v. 56, p., 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2021-0424>. Acesso em: 01 fev. 2024.

GAILLE, M.; TERRAL, P. Uma contribuição da pesquisa francesa em ciências humanas e sociais para a análise internacional da pandemia de Covid-19. In: MATTA, C. G.; REGO, S.; SOUTTO, E. P.; SEGATA, J. (eds.) **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. p. 51-60. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora Fiocruz, 2021.

GIORDANI, R. C. F.; DONASOLO, J. P. G.; AMES, V. D. B.; GIORDANI, R. L. A ciência entre a infodemia e outras narrativas da pós-verdade: desafios em tempos de pandemia. **Cien Saude Colet**, v. 26, n. 7, p. 2863-2872, 2021.

GOLBERSTEIN, E.; WEN, H.; MILLER, B. F. Coronavirus disease 2019 (COVID-19) and mental health for children and adolescents. **JAMA Pediatrics.**, v. 174, p. 819-20, 2020. Disponível em: [10.1001/jamapediatrics.2020.1456](https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2020.1456) Acesso em: 24 nov. 2024.

GOMES, N. L. A questão racial e o novo coronavírus no Brasil. **Trabalho e Justiça Social**, Junho/2020. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16315.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

GONÇALES, C. A. V.; MACHADO, A. L. As tecnologias do cuidado em saúde mental. **Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 146-50, 2013. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/29b206dc-3cbb-40a0-8b0e-294c0148ae88/MACHADO%2C%20A%20L%20doc%2063.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024.

GUARÁ, Isa Maria F. R. Educação e Desenvolvimento Integral: articulando saberes na escola e além da escola. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 80, p. 65-81, abr. 2009.

GUEDES, E.; SANCASSIANI, F.; CARTA, M. G.; CAMPOS C.; MACHADO, S.; KING, A. L. S. et al. Internet addiction and excessive social networks use: what about Facebook? **Clin Pract Epidemiol Ment Health**, v. 12, p. 43-8, 2016. Disponível em: [10.2174/1745017901612010043](https://doi.org/10.2174/1745017901612010043). Acesso em: 24 nov. 2024.

GUTIERREZ, D. M. D.; MINAYO, M. C. S. Produção de conhecimento sobre cuidados da saúde no âmbito da família. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1497-1508, jun 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/fqYXBcY9GkC7L7jnDLfcX6B/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

GUZZO; R. S. L.; SOUZA, V. L. T. de; FERREIRA, A. L. M. C. de M. A pandemia na vida cotidiana: reflexões sobre os impactos sociais e psicológicos à luz da perspectiva crítica. Dossiê. Psicologia escolar e Covid-19: desafios e ações para a superação da desigualdade. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 39, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e210100>. Acesso em: 21 nov. 2024.

HAGELL, A.; SHAH, R.; VINER, R.; HARGREAVES, D.; VARNES, L.; HEYS, M. The social determinants of young people's health: Identifying the key issues and assessing how

young people are doing in the 2010s. **Health Foundation Working Paper**. London: Health Foundation, 2018. Disponível em: https://www.health.org.uk/sites/default/files/The-social-determinants-of%20young-peoples-health_0.pdf. Acesso em: 21 nov. 2024.

HAN, B. C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Trad. Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. 2.ed. ampl. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017a.

HAN, B. C. **Psicopolítica**: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder. Trad.: Alfredo Bergés. Barcelona: Herde, 2017b.

HENEHAN, K. Uneven steps: changes in youth unemployment and study since the onset of Covid-19. **Resolution Foundation**, April 2021. Disponível em: <https://www.resolutionfoundation.org/app/uploads/2021/04/Uneven-steps.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. Connecting Adolescent Suicide to the Severity of Bullying and Cyberbullying. **Journal of School Violence**, n. 18, v. 3, p. 333-346, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15388220.2018.1492417?journalCode=wjsv20>. Acesso em: 01 fev. 2024.

HOCHSCHILD, A. **The commercialization of intimate life**: notes from home and work. Berkeley: University of California Press, 2003.

HOOKS, B. **Talking back**: thinking feminist, thinking black. London: Sheba Feminist Publishers, 1989.

HUANG, C. et al. Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. **The Lancet**, London, v. 395, p. 497-506, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7159299>. Acesso em: 2 dez. 2022.

ILLOUZ, E. **Intimidades congeladas**: las emociones en el capitalismo. Madrid: Katz Editores, 2007.

ILLOUZ, E. **El consumo de la utopía romántica**: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo. Buenos Aires: Katz editores, 2009.

ILLOUZ, E. **Emotion as commodities**: capitalism, consumption and authenticity. New York: Routledge, 2018.

ILLOUZ, E. Emotions, imagination and consumption: a new research agenda. **Journal of Consumer Culture**, v. 9, n. 3, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1469540509342053>. Acesso em: 10 de out. de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Quarto Trimestre de 2020**. Out. –Dez, 2020. [Publicado em: 10 mar. 2021]. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2020_4tri.pdf. Acesso em: 01 fev. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Em 2021, pobreza tem aumento recorde e atinge 62,5 milhões de pessoas, maior nível desde 2012**. (2022a). Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35687-em-2021-pobreza-tem-aumento-recorde-e-atinge-62-5-milhoes-de-pessoas-maior-nivel-desde-2012>. Acesso em: 01 fev. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. (2022b). **IBGE divulga uma década de informações sobre a saúde dos escolares**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34340-ibge-divulga-uma-decada-de-informacoes-sobre-a-saude-dos-escolares>. Acesso em: 01 fev. 2024.

IRIART, J. A. B.; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. de. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos De Saúde Pública**, v. 25, n. 4, p. 773-782, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cs/5065>. Acesso em: 24 nov. 2024.

JORGE, M. S. B.; SOUSA, F. S. P.; FRANCO, T. B. Apoio matricial: dispositivo para resolução de casos clínicos de saúde mental na Atenção Primária à Saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 5, p. 738- 744, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Xgp8G5mxr5WtdNp7FHXPDBP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 dez. 2022.

KEMP, S. **Digital 2020 April Global Statshot**. 2020. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-april-global-statshot>. Acesso em: 30 jul. 2020.

KOVÁCS, M. J. Educadores e a morte. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 71-81, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100008>. Acesso em: 21 nov. 2024.

LACERDA, N. Mais de 7,5 milhões vivem com menos de R\$ 150 por mês no país, mostra Observatório das Desigualdade. **Brasil de Fato**, São Paulo, 30 de agosto de 2023 às 16:35. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/08/30/mais-de-7-5-milhoes-vivem-com-menos-de-r-150-por-mes-no-pais-mostra-observatorio-das-desigualdades#:~:text=Por%20outro%20lado%2C%20mais%20de,%25%E2%80%9D%2C%20afirma%20o%20texto>. Acesso em: 21 nov. 2024.

LANE, S. T. M. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (org). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 10-19. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/w5gPmcgxnB5w5ThhFkCyCtb>. Acesso em: 01 fev. 2024.

LEANDRO, B. B. da S. Juventude e saúde: compreensão de problemas de saúde sob o olhar da juventude, o que a pandemia aponta? SILVA SOBRINHO, A. L. da; ABRAMO, H. W.; VILLI, M. de C. (Orgs.). **Jovens e saúde: revelações da pandemia no Brasil 2020-2022**. Rio de Janeiro:

Fiocruz, 2022. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciict/55181/e-book_jovens_e_saude_revelacoes_da_pandemia_no_brasil_vf_pdf_1.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 21 nov. 2024.

LIMA, A. L. S. L. et al. Covid-19 nas favelas cartografia das desigualdades. In: MATTA, C. G.; REGO, S.; SOUTO, E. P.; SEGATA, J. (eds.) **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia** [online]. p. 111-121. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora Fiocruz, 2021.

LIMA, C. K. T.; CARVALHO, P. M. M.; LIMA, I. A. S.; NUNES, J. A. V. O.; SARAIVA, J. S.; SOUZA, R. I., ... ROLIM NETO, M. L. The emotional impact of coronavirus 2019-Ncov (new Coronavirus Disease). **Psychiatry Research**, v. 287, e112915, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112915>. Acesso em: 22 nov. 2024.

LIU, Q.; ZHENG, Z.; ZHENG, J.; CHEN, Q.; LIU, G.; CHEN, S.; MING, W. K. 'Health Communication Through News Media During the Early Stage of the COVID-19 Outbreaking China: Digital Topic Modeling Approach'. **Journal of Medical Internet Research**, v. 22, n. 4, 2020.

LOADES, M. E. *et al.* Rapid systematic review: the impact of social deprivation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of Covid-19. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 59, p. 1218-1239, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32504808/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

LOPES, F. G.; LIMA, M. J. V.; ARRAIS, R. H.; AMARAL, N. D. do. A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 32, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e210112>. Acesso em: 22 nov. 2024.

LUCAS, L. S.; ALVIM, A.; PORTO, D. M.; SILVA, A. G. da; PINHEIRO, M. I. C. Impactos da pandemia de Covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: orientações do departamento de psiquiatria da infância e adolescência da Associação Brasileira de Psiquiatria. **Debates em Psiquiatria** [Internet], v. 10, n. 2, p. 74-7, 2020. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/34>. Acesso em: 01 fev. 2024.

MA, L. et al. Prevalence of mental health problems among children and adolescents during the COVID-19 pandemic: a systematic review and meta-analysis. **Journal of Affective Disorders**, p. 78-89, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34174475/>. Acesso em: 4 mar. 2024.

MAIA, G. 'Está morrendo gente? Tá. Lamento. Mas vai morrer muito mais se a economia continuar sendo destruída', diz Bolsonaro. **O Globo**. 14 maio 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/esta-morrendo-gente-ta-lamento-mas-vai-morrer-muito-mais-se-economia-sendo-destroçada-diz-bolsonaro-1-24426281>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MARQUES, E. S.; MORAES, C. L.; HASSELMANN, M. H.; DESLANDES, S. F.; REICHENHEIM, M. E. Violence against women, children, and adolescents during the Covid-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 4, p. e00074420, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00074420>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MARINO, C.; GINI, G.; ANGELINI, F.; VEINO, A.; SPADA, M. M. Social norms and Emotions in problematic social media use among adolescents. **Addict Behav Rep.**, v. 21, n. 11, p. 100250, 2020. Disponível em: [doi: 10.1016/j.abrep.2020.100250](https://doi.org/10.1016/j.abrep.2020.100250). Acesso em: 24 nov. 2024.

MARINO, C.; GINI, G.; VIENO, A.; SPADA, M. M. The associations between problematic Facebook use, psychological distress and well-being among adolescents and young adults: a systematic review and meta-analysis. **J Affect Disord.**, v. 226, p. 274-81, 2018. Disponível em: [10.1016/j.jad.2017.10.007](https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.10.007). Acesso em: 24 nov. 2024.

MARTÍN-BARÓ, I. **Crítica e libertação na Psicologia**: estudos psicossociais. Organização, notas e tradução de Fernando Lacerda Júnior. Petrópolis: Vozes, 2017. (Coleção Psicologia Social).

MATTOSO, F. A. **Dinâmicas sócio-espaciais e as experiências dos jovens na cidade desigual**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010. p. 122. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2553>. Acesso em: 2 fev. 2023.

MAYORGA, C. Pesquisar a juventude e sua relação com a política: notas metodológicas. **Estudos De Psicologia**, Natal, v. 18, n. 2, p. 343-350, 2013. Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/03_Juventude_e_participacao_-_Claudia_Mayorga.pdf. Acesso em: 01 fev. 2024.

MELO, L. C. do N.; SILVA, B. M. da; NITSCHKE, R. G.; VIEGAS, S. M. da F. Redes sociais virtuais e tecnologias em saúde no cotidiano de usuários e famílias: cuidado e promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 8, p. 2193-2202, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023288.05252023>. Acesso em: 24 nov. 2024.

MENDENHALL, E. et al. Non-communicable disease syndemics: poverty, depression, and diabetes among low-income populations. **Lancet**, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5491333/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MENDES, M. V. **Adolescência, escola e pandemia**: contribuição da psicanálise à educação. (Dissertação) Mestrado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38026>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MERHY, E. E.; FRANCO, T. B. Por uma composição técnica do trabalho centrada nas tecnologias Leves e no campo relacional. **Saúde em Debate**, Ano XXVII, v. 27, n. 65, Rio de Janeiro, Set/Dez de 2003.

MILIAUSKAS, C. R.; FAUS, D. P. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis: Revista De Saúde Coletiva**, v. 30, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/W578M6SCTxdZQxCCtFJSbrH/?lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2024.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. **Caminhos para a Educação Integral e Integrada de Minas Gerais**: documento orientador do Projeto Pedagógico para escolas Polo

de Educação Múltipla/POLEM que ofertam Ensino Médio Integral e Integrado. Belo Horizonte, 2018.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, M. C. S. Violência: um velho-novo desafio para a atenção à saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 29, n. 1, p. 55-63, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 2004.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, M. D.; ATHANASIO, B. S.; OLIVEIRA, A. C. S.; SIMÕES, E. S. A. C. How is Covid-19 pandemic impacting mental health of children and adolescents? **Int J Disaster Risk Reduct**, v. 51, p. 101845, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijdr.2020.101845>. Acesso em: 01 fev. 2024.

MONTERO, M. **Hacer para transformar**: el método en psicología comunitaria. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MOTORYN, P. 700 mil mortos, nenhum condenado: Brasil completa 3 anos do primeiro caso de covid sem punições. **Brasil de Fato**, Brasília (DF), 26 fev. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/02/26/700-mil-mortos-nenhum-condenado-brasil-completa-3-anos-do-primeiro-caso-de-covid-sem-punicoes>. Acesso em: 18 maio 2025.

MOREIRA, W. C. et al. Mental health interventions implemented in the COVID-19 pandemic: what is the evidence? **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2021, v. 74. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/bt93G9MMWkSySTbW5FtPCpN/?format=pdf&lang=pt>. Epub 11 Jun 2021. ISSN 1984-0446. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0635>. Acesso em: 01 fev. 2024.

MOTTA, A. **Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga**: os 4 ministros da Saúde da pandemia. 2021. São Paulo, 16/03/2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>. Acesso em: 21 nov. 2024.

MUZI, S.; SANSÒ, A.; PACE, C. S. What's Happened to Italian Adolescents During the COVID-19 Pandemic? A Preliminary Study on Symptoms, Problematic Social Media Usage, and Attachment: Relationships and Differences With Pre-pandemic Peers. **Front Psychiatry**, v. 27, n. 12, p. 590543, Apr. 2021. Disponível em: [10.3389/fpsy.2021.590543](https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.590543). Acesso em: 24 nov. 2024.

NGUYEN, T. T. et al. Negative Impacts of COVID-19 Induced Lockdown on Changes in Eating Behavior, Physical Activity, and Mental Health as Modified by Digital Healthy Diet Literacy and eHealth Literacy. **Front Nutr**, v. 12, n. 8, 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8633895/>. Acesso em: 5 mar. 2024.

NOBRE, M. R.; LIMA, N. L.; GRILLO, C. F. C.; ALZAMORA, G. C.; NEVES, M. S.; ANDRADE, L.; TARCIA, L. **Que escola pós-pandemia?** 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5338>. Acesso em: 22 nov. 2024.

NOGUEIRA, F. Governo Temer como restauração colonialista. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4-5, 9 jan. 2017.

NOVAES, R. R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: Almeida, M. I. M.; Eugênio, F. (Orgs). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 105-120.

OLIVEIRA, C. F. Saúde mental no Brasil em tempos de pandemia e neoliberalismo: retrocessos e resistências. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 31, e2024017, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702024000100017>. Acesso em: 21 nov. 2024.

OLIVEIRA, W. A. et al. A saúde do adolescente em tempos de Covid-19: a scoping review. **Cad. Saúde Pública**, 2020, v. 36, n. 8, p.: e00150020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020>. Acesso em: 01 fev. 2024.

OLIVEIRA E SILVA, A. C. Conceituando o luto. In: SANTOS, F. S.; SCHLIEMANN, A. L.; SOLANO, J. P. C. **Tratado brasileiro sobre perdas e luto**. São Paulo, SP: Atheneu, 2014, p. 71-78.

OLIVEIRA, M. G. M. L.; MARTINS, A. M. Adolescência e covid-19: percepções de adolescentes sobre a influência do distanciamento social na saúde mental. **Revista Sustinere**, 12(2), 620–641, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2024.62526>. Acesso em: 08 maio 2025.

ORBEN, A.; TOMOVA, A.; BLAKEMORE, S. J. The effects of social deprivation on adolescent development and mental health. **Lancet Child Adolesc Health.**, v. 4, p. 634-40, 2020. Disponível em: [10.1016/S2352-4642\(20\)30186-3](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30186-3). Acesso em: 24 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO – OCDE. **Education at a Glance 2019: OECD Indicators**. Paris: OECD Publishing, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/f8d7880d-en>. Acesso em: 29 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Salud para los adolescentes del mundo: una segunda oportunidad en la segunda década**, 2014. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/141455/WHO_FWC_MCA_14.05_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 01 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Ação global acelerada para a saúde de adolescentes (AA-HA!): guia de orientação para apoiar a implementação pelos países**, 2018. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/49095/9789275719985-por.pdf?sequence=5&isAllowed=y>. Acesso em: 01 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **World drug report: United Nations publication**, Sales No. E.21.XI.8 2021. Disponível em: https://www.unodc.org/res/wdr2021/field/WDR21_Booklet_5.pdf. Acesso em: 01 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. **Reforma da Educação Secundária**: rumo à convergência entre a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de habilidade. Brasília, 2008.

ORTEGA, F. Por uma ética e uma política da amizade. **Caderno de Leituras**, n.109. Edições Chão da Feira, Belo Horizonte, julho de 2020. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2020/07/cad109-por-uma-etica-e-uma-politica-da-amizade-francisco_ortega.pdf. Acesso em 004 fev. 2025.

ORTEGA, F.; ORSINI, M. Governing Covid-19 without government in Brazil: Ignorance neoliberal authoritarianism and the collapse of public health leadership. **Global Public Health**, v. 15, n. 9, p. 1-21, 2020.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OXFAM BRASIL. **Desigualdade no acesso a vacinas contra a Covid-19 no Brasil**. Novembro de 2022. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/wp-content/uploads/dlm_uploads/2022/11/relatorio_desigualdade_no_acesso_a_vacinas_vs02.pdf. Acesso em: 27 dez. 2022.

PAIS, J. M. Correntes teóricas da sociologia da juventude. In: PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 47-82.

PATTON, G. C.; SAWYER, S. M.; SANTELII, J. S.; ROSS, D. A.; AFIFI, R.; ALLEN, N. B.; ARORA, M.; AZZOPARDI, P.; BALDWIN, W.; BONELL, C.; KAKUMA, R.; KENNEDY, E.; MAHON, J.; McGOVERN, T.; MOKDAD, A. H.; PATEL, V.; PETRONI, S.; REAVLEY, N.; TAIWO, K.; WALDFOGEL, J.; WICKREMARATHNE, D.; BARROSO, C.; BHUTTA, Z.; FATUSI, A. O.; MATTOO, A.; DIERS, J.; FANG, J.; FERGUSON, J.; SSEWAMALA, F.; VINER, R. M. Our future: a Lancet commission on adolescent health and wellbeing. **Lancet**, v. 11, n. 387(10036), p. 2423-78., Jun., 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27174304/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

PERES, A. C. CapsAD Entrada Livre. **Revista Radis**, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, n. 202, p. 20-29. 2019.

PEVERILL, M.; DIRKS, M. A.; NARVAJA, T.; HERTS, K. L.; COMER, J. S.; McLAUGHLIN, K. A. Socioeconomic status and child psychopathology in the United States: A meta-analysis of population-based studies. **Clin Psychol Rev.**, v. 83, p. 101933, Feb. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33278703/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PIETRONI, R. G. de S. O. S. **Trabalho e juventude no Brasil**: formação para o (des)emprego no contexto da pandemia de Covid-19. 2022. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/6472/5/RACHEL_PIETRONI.2022.pdf. Acesso em: 21 nov. 2024.

PIMENTEL, R. B. **Pandemia de COVID-19 e o distanciamento social: os dizeres dos adolescentes e o sofrimento psíquico e social**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: [doi:10.11606/D.6.2023.tde-11092023-181352](https://doi.org/10.11606/D.6.2023.tde-11092023-181352). Acesso em: 08 maio 2025.

PINHEIRO, L. R. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Proposições**, v. 31, p. e20190041, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-00>. Acesso em: 01 fev. 2024.

PRADELLE, A. et al. Deaths induced by compassionate use of hydroxychloroquine during the first COVID-19 wave: an estimate. **Biomedicine & Pharmacotherapy**, v. 171, p. 116055, February 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.biopha.2023.116055>. Acesso em: 01 fev. 2024.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia Em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA – PJF. **Região de planejamento leste**. Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/desenvolvimentodoterritorio/dados/rp_leste.php. Acesso em: 22 nov. 2024a.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA – PJF. **Painel Covid-19**. Disponível em: <https://experience.arcgis.com/experience/255d43f95ef1446e959a20e568f2a04e/>. Acesso em: 22 nov. 2024b.

PRIME, H.; WADE, M.; BROWNE, D. T. Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic [Ahead of print]. **American Psychologist**, v. 75, n. 5, p. 631-643, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/amp0000660>. Acesso em: 22 nov. 2024.

RACINE, N. et al. Global prevalence of depressive and anxiety symptoms in children and adolescents during COVID-19: a meta-analysis. **JAMA Pediatric**, v. 175, n. 11, p. 1142–1150, 2021. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2782796>. Acesso em: 4 mar. 2024.

REISS, F. Socioeconomic inequalities and mental health problems in children and adolescents: a systematic review. **Soc Sci Med.**, v. 90, p. 24-31, Aug. 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23746605/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

RIBEIRO, L. S.; RIBEIRO, M. S. de S. Narrativas sobre a saúde mental de adolescentes em tempos de coronavírus. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 6, n. 17, p. 273-291, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9199/7957>. Acesso em: 18 set. 2024.

ROCHA, P. K. da. **A relação família-escola e a infância em tempos de pandemia**. 136 f. Dissertação (Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/2918> -

<https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2918/2/Priscila%20Kely%20da%20Rocha.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

ROMANELLI, G. Famílias de classes populares: socialização e identidade masculina. **Cadernos de Pesquisa NEP**, v.1-2, p, 25-34, 1997. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Fam%C3%ADlias-de-classes-populares%3A-socializa%C3%A7%C3%A3o-e-Romanelli/676b7f238ec89abc5e1ff1f5eda880b34fca3c44>.

ROSE, N. S. **Our psychiatric future: the politics of mental health**. Cambridge: Polity, 2019.

ROSE, N. S.; BIRK, R.; MANNING, N. Towards Neuroecosociality: Mental Health in Adversity. **Theory. Culture & Society**, v. 39, n. 3, p. 121-144, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0263276420981614#fn20-0263276420981614>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; SILVA Jr., N. da; DUNKER, C. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 11-38.

SANTOS, H. P. B. **O impacto das redes sociais na saúde mental de jovens brasileiras durante a pandemia de COVID-19**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

SCHOON, I.; HENSEKE, G. Social Inequalities in Young People's Mental Distress During the COVID-19 Pandemic: Do Psychosocial Resource Factors Matter? **Front Public Health**, v. 14, n. 10:820270, Mar. 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8964111/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS – SEE/MG. Resolução SEE nº 4310/2020 de 22 de abril de 2020, p. 5. In: **Boletim de Legislações e Normas No. 01, Maio de 2020**. Disponível em: https://sindespemg.com.br/wp-content/uploads/2020/10/Boletim_14092075_Boletim_de_Legislacoes_e_Normas_n.01-1.pdf. Acesso em: 22 nov. 2024.

SHEN, K.; YANG Y.; WANG, T.; ZHAO, D.; JIANG, Y.; JIN, R.; ZHENG, Y.; XU, B.; XIE, Z.; LIN, L.; SHANG, Y.; LU, X.; SHU, S.; BAI, Y.; DENG, J.; LU, M.; YE, L.; WANG, X.; WANG, Y. (...). Diagnosis, Treatment, And Prevention Of 2019 Novel Coronavirus Infection In Children: Experts' Consensus Statement. **World Journal of Pediatrics: WJP**; 2020. Global Pediatric Pulmonology Alliance; p. 1-9. PubMed. Disponível em: [10.1007/s12519-020-00343-7](https://doi.org/10.1007/s12519-020-00343-7). Acesso em: 24 nov. 2024.

SHIROMA, E. O.; ZANARDINI, I. M. S. Estado e gerenciamento da educação para o desenvolvimento sustentável: recomendações do capital expressas na Agenda 2030. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp1, p. 693-714, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13785>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SIMIONATTO, I. Crise sanitária, territórios e pobreza. **Revista Katálisis**, v. 26, n. 1, p. 1-8, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2023e92518>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SINGLY, F. de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C.; SINGLY, F. de; CICCHELLI, V. (Orgs.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 13-19.

SILVA, I. M. da; SCHMIDT, B.; LORDELLO, S. R.; NOAL, D. da S.; CREPALDI, M. A.; WAGNER, A. As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. **Pensando famílias**, v. 24, n. 1, p. 12-28, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 05 jun. 2024.

SINGH, S.; ROY, D.; SINHA, K.; PARVEEN, S.; SHARMA, G.; JOSHI, G. Impact of COVID-19 and lockdown on mental health of children and adolescents: a narrative review with recommendations. **Psychiatry Res.**, v. 293, p. 113-429, Nov. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7444649/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SORRENTINO, W. As travessias. In: MARINGONI, G. (Org.). **A volta do estado planejador: neoliberalismo em cheque**. São Paulo: Contra a Corrente, 2021.

SOUZA, P. D. **Brasil completa três anos do primeiro caso de covid: 700 mil mortos, nenhum condenado**. [Publicado em: 26 fev. 2023]. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/brasil-3-anos-primeiro-caso-covid-700-mil-mortes-nenhum-condenado/?swcfpc=1>. Acesso em: 2 fev. 2024.

SOUZA, S. J. E; CARVALHO, C. S. Ética e pesquisa: o compromisso com o discurso do outro. **Revista Polis E Psique**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 98-112, 2016.

SPARKE, M.; WILLIAMS, O. D. Neoliberal disease: COVID-19, co-pathogenesis and global health insecurities. **Environment and Planning A: economy and space**, n. 54, v. 1, p. 15-32, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0308518X211048905>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SPINK, M. J. Os psicólogos na saúde: reflexões sobre os contextos da prática profissional. In: SPINK, M. J. **Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos**, p. 77-159. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

STAMATO, M. I. C. **Protagonismo juvenil: uma práxis sócio-histórica de resignificação da juventude**. 2008, 222f. Tese (Doutor em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2008.

STANLEY, S.; MARKMAN, H. Helping couples in the shadow of COVID-19 [Ahead of print]. **Family Process.**, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/famp.12575>. Acesso em: 22 nov. 2024.

THE WORLD BANK. **Brazil poverty and equity assessment looking ahead of two crises**. 2022. Disponível em:

<https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/37657/P1746910e33a8407d0b0850b8f0f5bcf18c.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 fev. 2024.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **2º Relatório Anual de Acompanhamento do Educação Já**. Fev. 2021. Disponível em: https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/02/2o-Relatorio-Anual-de-Acompanhamento-do-Educacao-Ja_final.pdf. Acesso em: 22 nov. 2024.

TWENGE, J. M. et al. Worldwide increases in adolescent loneliness. **Journal of Adolescence**, v. 93, p.257-269, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140197121000853>. Acesso em: 01 fev. 2024.

UNITED NATIONS – UN. **Policy Brief: COVID-19 and the Need for Action on Mental Health** 13 May 2020. Disponível em: <https://unsdg.un.org/sites/default/files/2020-05/UN-Policy-Brief-COVID-19-and-mental-health.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2024.

URIBE, G. Bolsonaro estimula população a invadir hospitais para filmar oferta de leitos. **Folha de São Paulo**. 2020 jun 11. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/bolsonaro-estimula-populacao-a-invadir-hospitais-para-filmar-oferta-de-leitos.shtml>. Acesso em: 22 mar. 2021.

URIBE, G.; CHAIB, J.; COLLETA, R. Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, diz Bolsonaro sobre coronavírus. **Folha de São Paulo**. 20 março 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/nao-vai-ser-uma-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus.shtml>. Acesso em: 22 mar. 2021.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D. COVID-19, as fake news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 7, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/d6ZXNpddtmjgNjRtKMDY4bR/?lang=pt#>. Acesso em: 4 mar. 2024.

VIGNOLI, E. M. Vulnerabilidade sociodemográfica: antigos e novos riscos para a América Latina e o Caribe. In: Cunha, J. M. P. da (Org.). **Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2006, p. 95-142. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/wp-content/uploads/2022/12/novas-metropoles-paulistas-populacao-vulnerabilidade-e-segregacao.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2024.

WARTBERG, L. L. K.; RRAINER, T. Internet gaming disorder and problematic social media use in a representative sample of german adolescents: prevalence estimates, comorbid depressive symptoms and related psychosocial aspects. **Comput Hum Behav.**, v. 103, p. 31-6, 2020. Disponível em: [10.1016/j.chb.2019.09.014](https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.09.014). Acesso em: 24 nov. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Director-General's opening remarks at the media briefing on Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 2 dez. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Mental health atlas 2020**. Geneva: World Health Organization; 2021. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/345946/9789240036703-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 nov. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Mental health of adolescents**. 10. October 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acesso em: 24 nov. 2024.

YOSHIKAWA, H.; ABER, J. L.; BEARDSLEE, W. R. The effects of poverty on the mental, emotional, and behavioral health of children and youth: implications for prevention. **Am Psychol.**, v. 67, n. 4, p. 272-84, 2012, May-Jun 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22583341/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

ZANELLO, V. M.; RICHWIN, I. F.; SALLORENZO, L. Psicopolítica gendrada das emoções no governo Bolsonaro: memes e masculinidade hegemônica. **PLURAL – Revista de Psicologia UNESP**, Bauru, v. 1, e022003, 2022. Disponível em: <https://revistaplural.emnuvens.com.br/prp/article/view/17/2>. Acesso em: 26 nov. 2024.

ZANELLO, V. M. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Mercês Curitiba/PR: Appris, 2018.

ZANELLO, V. M. **A metáfora no trabalho clínico**. Grarapari: Editora Ex Livris, 2007. [258] p. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/16352/1/LIVRO_Met%c3%a1foraTrabalhoC1%c3%a1nico.pdf. Acesso em: 2 dez. 2022.

ZIZEK, S. **Pandemia**: Covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Boitempo, 2020.